

Tiago Narcizo

**MEMÓRIAS DE UMA  
HISTÓRIA ATUAL**

VOLUME 1  
2020



# SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>5</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: OS SOUZAS</b>	<b>8</b>
O primeiro golpe	8
Muros que excluem	12
O desejo pela liberdade surge	16
Ausências que se fazem presentes	18
O desespero da fome	22
O grito de emancipação	25
<b>CAPÍTULO 2: OS SILVAS</b>	<b>28</b>
Menina torna-se Suzi	28
Conhecendo a família Silva	32
A vida na fazenda	35
O medo torna-se aliado	38
O par de congas e a perda	42
Um novo amigo	45
<b>CAPÍTULO 3: OS SANTANAS</b>	<b>47</b>
A fuga	47
O desconfortável primeiro beijo	50
Expectativas frustradas	55
Uma escolha forçada	58
A violação ao seu corpo	62
O nascimento da motivação para continuar	65
<b>CAPÍTULO 4: OS SANTANAS</b>	<b>69</b>
Começando uma nova jornada	69
O início da desilusão	73
Os primeiros sinais de instabilidade	77
O fim torna-se o único caminho	80
Um ato de desespero	84
<b>CAPÍTULO 5: OS SARAIVAS</b>	<b>87</b>
Um novo mundo se abre	87
As oportunidades e descobertas	92
Um ato heróico	97

A visita inesperada e indesejada	102
<b>CAPÍTULO 6: OS SILVAS</b>	<b>106</b>
De volta às origens	106
O plano se desfaz	110
Uma nova esperança	114
<b>CAPÍTULO 7: A SAMANTHA</b>	<b>119</b>
A proposta	119
Caindo na armadilha	123
Sua nova rotina de trabalho	127
Tomando as rédeas para si	132
<b>CAPÍTULO 8: A SUZI</b>	<b>136</b>
A oportunidade de recomeçar	136
Uma nova etapa	141
No controle da situação	145
A fé como companheira	149
O horizonte que tanto buscou	152

# DEDICATÓRIA

Dedico este livro às mulheres que, como a personagem aqui inserida, lutam todos os dias para sobreviver em uma sociedade que as oprime. E também a tantas outras que passam por diferentes desafios, mas ainda assim sentem o peso de uma estrutura que as desfavorece.

Agora, quero dedicar e agradecer a duas mulheres que foram muito importantes para que eu chegasse até aqui. Minha irmã mais velha, Quetelim Marciele Narcizo, que cuidou de mim enquanto nossa mãe trabalhava arduamente para pôr comida na mesa. E claro, também a ela, Ana Vieira Narcizo, minha mãe, que mesmo sozinha e com todas as dificuldades que enfrentamos, deu o melhor de si para criar a mim e aos meu irmãos.

Também dedico a todos os mestres que contribuíram de alguma forma na construção do meu conhecimento, principalmente a minha professora de português do ensino fundamental, Marcia Helena Reffatti. Ela foi além, acreditou em mim, viu algo de especial, e mesmo que nunca tenha tido ciência disso, ela me inspirou e me incentivou a escolher o caminho das palavras. Sou muito grato por isso.

## PREFÁCIO

A história que você lerá nas próximas páginas, pode até parecer uma ficção, mas cada situação aqui narrada, de fato, aconteceu. E quem vivenciou isso, prefere não ser identificada. Sendo assim, muitos dos nomes usados aqui foram inventados, mas continuam representando pessoas e lugares reais.

O nome da protagonista, Suzi, é fictício, para proteger a identidade de uma mulher real, que teve sua história ignorada por muito tempo, assim como muitas outras ainda tem, o que só alimenta cada vez mais uma estrutura social cruel, que não é capaz de enxergar a violência desenfreada que produz.

*“Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância - não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.”*

*Victor Hugo*



# CAPÍTULO 1: OS SOUZAS

## O primeiro golpe

O ano de 1.965 começou com a morte de Churchill em janeiro e a chegada das tropas americanas no Vietnã em fevereiro, seguido do assassinato de Malcolm X no mesmo mês. Este foi também o ano em que Ed White se tornava o primeiro americano a caminhar na lua e acontecia uma revolução na música POP, com a Rainha Elizabeth II chegando a conceder aos Beatles o título de Membro do Império Britânico.

No Brasil o Presidente era o Castelo Branco e as novelas alçaram voo conquistando espaço no coração brasileiro. Os Demônios da Garoa faziam sucesso com o Trem das 11 e o Santos levava o título de campeão brasileiro. Pelo mundo nasciam futuras celebridades, como: Sarah Jessica Parker, Robert Downey Jr. e Charlie Sheen. Aqui em terras tupiniquins nasciam: Fernanda Torres, Daniela Mercury, Ana Paula Padrão e Nany People. E pelo mundo, além dos famosos, nasceram muitas outras histórias. De pessoas que trilham seus caminhos sem um grande destaque, mas que carregam algo de especial em suas memórias.

Em suma, 1.965 foi um ano de revoluções e transformações. Como no caso da Suzi, uma mulher que é até difícil chamar de senhora, porque não dá para acreditar na idade que diz ter. Com seus 55 anos de experiência, pele branca e com poucas rugas, não abre mão do hábito de pintar os cabelos constantemente para manter sua cor escura, sem falar nas dietas e exercícios que pratica. Tudo para enganar o tempo e apreciar a cara de espanto das pessoas quando revela sua idade. Tudo isso somado a sua jovialidade de invejar, resultam em um ser humano lindo. Desde que a conheço acho notável a felicidade genuína e pura que a transborda.

A jovem senhora tem uma história que acompanho há muito tempo, cada passo, cada dificuldade e conquista. Sempre tive a curiosidade de saber como teria sido sua trajetória antes de nossos caminhos se encontrarem. Alguém como Suzi deve ter lindas memórias? Pensava eu. Algum fato curioso? Algo da sua jornada que mereça destaque, talvez? Esses foram alguns dos questionamentos que me fiz. E devo destacar, fui surpreendido em cada página, cada rumo que sua história tomou. Sempre sorridente e alegre, ela mostrou-se um ser ainda mais incrível ao se abrir, expor e compartilhar a grande e surpreendente revolução que foi sua vida.

\*\*\*\*\*

Já em 65 começa sua empreitada, logo quando nasce. Antes mesmo de abrir os olhos recebia o primeiro golpe da vida, sendo abandonada no hospital. Por ser um bebê, nem era capaz de indignar-se pelo ato vil e contestar as possíveis motivações, atitude que ainda parece não ser capaz de expressar. Ao falar sobre este momento, não esboça reação, conta como se fosse apenas mais um simples fato corriqueiro. Mas observo que suas mãos expressam inquietação, algo que tornou-se recorrente em nossas conversas e que ali, naquele primeiro momento, já pude observar que era uma espécie de mecanismo.

Acredito que ao esfregar sua mão quando fala de assuntos que incomodam, Suzi busca manter-se sob controle e não mergulhar nos pensamentos e sentimentos tristes que essas histórias remontam. É a segurança que tem, a âncora que a impede de ir longe demais em suas lembranças. Mas no decorrer, essa tática se mostra ineficaz em alguns momentos, quando as recordações são fortes demais e doem como se estivesse revivendo aquele momento. E é aí que a imaginação mistura-se com a realidade e seus sentimentos afloram, brotando diretamente do passado.

Neste primeiro momento de incômodo a tática funciona, e seguimos o papo. Me conta que a cidade onde nasceu era pequena, lugar isolado que fica ao sul no Estado do Rio Grande do Sul, onde todo mundo conhecia todo mundo. A principal manufatura até hoje é a agricultura, herança deixada pelos colonizadores alemães, italianos e russos que povoaram a região. Suzi diz ter visitado recentemente sua terra natal, relata que até cresceu bastante, mas que continua sendo uma cidade pequena.

\*\*\*\*\*

Faziam apenas 27 anos que Arraial havia se tornado município quando ela nasceu. Um povoado que cresceu à margem de uma importante estrada que servia de passagem para muitos comerciantes que faziam o intercâmbio de seus produtos. Hoje essa estrada faz parte da BR-392 e a pequena cidade conta com cerca de 60 mil habitantes.

Só que em 1.965 os tempos eram outros e as leis em lugares assim, não eram tão respeitadas. No local onde Susi nasceu, havia uma parteira que como atividade extra, para complementar a renda, vendia crianças. A recém nascida tornou-se mais uma de suas negociações, ofertada a um casal da cidade. Até hoje ela não tem certeza de como tudo aconteceu, não sabe se sua família biológica simplesmente a deixou no hospital, ou se participaram do processo de venda, recebendo parte do lucro por sua vida.

Mesmo anos depois, quando conheceu sua progenitora, não perguntou nada sobre isso. Talvez porque não haja o que questionar, só o ato de tê-la abandonado já é uma marca grande o bastante. E se fez isso por dinheiro, não faria tanta diferença.

O que realmente causou impacto na sua vida foi ter sido cedida aos primeiros que fizeram a oferta. Sem ninguém para se preocupar com quem eram ou com o que fariam com o pobre bebê. E foi assim, já nos primeiros dias de vida, que começaram suas revoluções e transformações, mesmo que

ainda sem consciência disso. Passando de uma criança recém nascida, para uma propriedade recém adquirida.

## Muros que excluem

A cozinha de Suzi representa muito bem sua personalidade, com cores claras, coloridas, vibrantes e que transmitem alegria. Só que uma destaca-se no cenário, o vermelho, que toma conta de cada eletrodoméstico, da chaleira elétrica ao fogão, apenas a geladeira escapou. Me mostra com orgulho seu jogo de talheres que segue o mesmo tom dos eletros, porém, fica chateada ao mostrar seu jogo de panelas, que só conseguiu em tom de vermelho vinho. Não era o ideal, mas afirma que se um dia encontrasse na cor certa, não hesitaria em comprar.

Ao ver sua determinação questiono o porquê da paixão pela cor, ela apenas dá de ombros e diz gostar, sem nenhuma razão aparente para tal. Porém, acredito que somos o resultado, não apenas do que vivemos, mas das escolhas que fazemos a partir das nossas experiências de vida. Às vezes isso aparece nas pequenas coisas, como a escolha da nossa cor favorita. Mas às vezes é algo maior, como uma cicatriz marcada em nossa memória, que para sempre nos lembrar de uma sensação, um sentimento, seja ele bom ou ruim.

Outra característica que percebo se destacar, é que preza muito pela limpeza, quase que um ritual. Enquanto estou escorado em uma bancada ao lado da pia, Suzi passa café e a cada movimento, quando suja algo, ela para e limpa. Mas o que me chama atenção é a velocidade e disciplina com que realiza cada tarefa, como se estivesse atrasada para ir a algum lugar e não pudesse deixar para depois, ou como se fosse uma avaliação e que seu sucesso dependesse daquilo. A ação parece mais um reflexo, aquele tipo de coisa que fazemos tanto que acaba tornando-se automático.

Após o *tour* pela cozinha, a apresentação da sua coleção de utensílios vermelhos, o ritual de limpeza finalizado e com o café passado, a jovem senhora me convidou para voltar à mesa e retomar nosso papo. Logo que termina de se ajeitar na cadeira, move suas mãos uma de encontro a outra, preparando seu mecanismo de segurança para o que está prestes a me contar. Ela já sabe que vai entrar em um campo do seu passado em que

poucas pessoas tiveram oportunidade de estar, inclusive ela, que sempre buscou manter essas portas fechadas.

Para muitas crianças, os anos 60 e 70, não constituíram uma das melhores épocas para se crescer. Muitas batalhas aconteciam mundo afora, movidas pela disputa da então União-Soviética contra os EUA, que travavam o que chamamos hoje de guerra fria. Enquanto isso, o Brasil entrava em um dos momentos mais sombrios da sua história, a ditadura militar. Foram anos politicamente conturbados, mas que também tiveram grandes revoluções culturais e avanços tecnológicos. O *Rock and Roll* começava a ganhar sucesso mundial por sua rebeldia, a TV ganhava cores, o homem chegava à lua, os computadores tornavam-se ainda mais modernos e a MPB nascia através da voz de Elis Regina. Grandes momentos da história do mundo e do Brasil estavam acontecendo, e Suzi nunca os conheceria.

\*\*\*\*\*

Começamos pelo momento em que deveria ter sido sua infância e pelas lembranças que ainda estão marcadas em sua memória, por mais que tente ignorá-las. Se seus primeiros instantes de vida não foram fáceis, os anos seguintes da sua jornada também não seriam. Rememora alguns dos acontecimentos e momentos pelos quais passou sob a tutela de quem deveria ser sua mãe adotiva, Carmen de Souza. A mulher não buscava por mais uma filha a quem cuidar e sim alguém que pudesse se ocupar dos afazeres domésticos, ou pelo menos foi isso que aconteceu. Logo que a garota aprendeu a andar teve também que aprender a limpar, a vassoura e o pano de chão foram seus primeiros e únicos brinquedos.

Passou a infância toda maltrapilha, a maior parte do tempo nua, apenas com uma calcinha velha. A família Souza não se deu nem ao trabalho de lhe dar um nome, chamando-a apenas de Menina. Seu único descanso era na hora das refeições, onde tinha que se recolher em um canto da cozinha, dentro de um caixote onde eram guardadas as lenhas. Ali, esperava ansiosa

pelos restos que sobravam e que eram servidos em uma pequena lata de sardinha. O caixote também era seu abrigo, onde descansava à noite na tentativa de fugir dos pesadelos do dia a dia.

Quando acordava, seguia sempre alguma rotina de limpeza e atividades domésticas, que aumentavam a cada ano, acompanhando o seu crescimento. Mesmo que ainda não fosse capaz de realizar tais atividades, a senhora Souza dava um jeito de explorar a pobre criança. E quando não conseguia executar a ordem da forma esperada, era severamente castigada. Algo que acontecia constantemente na hora de lavar roupa. Uma pequena mancha que passasse despercebida resultava em uma surra com a própria peça ainda molhada.

Como se isso já não fosse castigo suficiente, Carmen também tinha outra forma de aplicar punições. Quando entre as peças de roupa suja havia uma fralda do bebê, a mulher esfregava o pano na cara da garota, principalmente se estivesse sujo. E as punições eram constantes, pois era normal alguns deslizes, já que se tratava de uma criança de 6 anos que precisava subir em um banco para alcançar o tanque. Quase não tinha forças suficientes para carregar as trouxas de roupas, menos ainda para esfregar uma fralda suja de cocô.

A jovem senhora descreve a matriarca da família Souza como uma mulher de pele negra, corpo esguio, cabelos cacheados, com uma personalidade forte, fria, violenta e explosiva, que abusava do consumo de álcool. A combinação da personalidade de Carmen com sua falta de apreço por Menina, resultou em momentos de muita dor para a criança. Além de todo o abuso, foi privada de tudo. Desde as coisas mais básicas, como ter uma escova de dentes ou poder tomar banho com regularidade, a coisas mais importantes, como o conhecimento. E não me refiro apenas ao fato de nunca ter frequentado a escola, mas ao conhecimento de modo geral, como por exemplo falar. Nunca teve nenhum tipo de orientação, além das ordens de limpar, limpar e limpar.

Viveu por um bom tempo invisível ao mundo e ignorada pela família que a mantinha como um objeto. Ela não foi privada apenas do conhecimento sobre as coisas, mas também de sentimentos essenciais para uma criança, como o amor. Isso sem falar na liberdade, algo que nem sabia da existência. Seus primeiros anos de vida passou trancada em uma casa, vendo sempre as mesmas paredes azuis de madeira e o mesmo chão de parquet que encerava diariamente.

O mundo que Menina conhecia resumia-se ao pequeno retângulo de grama misturado com terra, onde ficava o tanque em que lavava as roupas da família Souza. Este espaço ficava nos fundos, na parte mais isolada da casa, ligada à cozinha por uma porta onde a garota sentava-se na soleira para observar aquele curioso teto que mudava de cor. Às vezes era escuro, às vezes mudava para um clarão que não podia olhar por muito tempo sem arder os olhos, e em alguns momentos era mais suave, com coisas brancas se movendo. Ao seu redor erguiam-se gigantescas muralhas, com talvez dois metros de altura, feitas com tijolos escuros. Isso era tudo que ela conhecia, tudo que estava a seu alcance.

Essa foi uma época em que muitas pessoas viveram cárceres causados por guerras ou ditaduras, sabendo da existência de um mundo do lado de fora e alimentando-se do sonho de um dia reencontrá-lo. Só que Menina, vivia sua clausura sem nenhuma perspectiva do que havia atrás dos muros de tijolos que rodeavam os fundos da casa da família Souza. E isso a impossibilitava de sonhar.

## O desejo pela liberdade surge

Os anos foram se passando, algumas guerras iam chegando ao fim, outras se intensificaram e a Ditadura no Brasil mantinha-se de pé. Na pequena cidade de Arraial tudo seguia normal, lá nem sinal de rádio chegava. As pessoas viviam alheias a tudo que acontecia em outras partes do globo, tendo como principal meio de comunicação o "boca a boca". As notícias chegavam através dos viajantes que por ali passavam, ou dos caminhoneiros que transportavam suas cargas de um lado ao outro. Muitos desses transeuntes por ali ficavam, vivendo do trabalho no campo, em busca de uma renda e tranquilidade. Assim, o pequeno município ia crescendo e a vizinhança ao redor da casa dos Souzas também aumentava.

Com o desenvolvimento da região, o mundo que se escondia atrás dos muros tornava-se mais tentador para Menina. Ouvia novas vozes, novos barulhos e as saídas da família Souza tornavam-se mais constantes, claro que sempre deixando a jovem trancada dentro de casa. No decorrer de seus 8 anos de vida começou a desconfiar que algo não estava certo e que a vida não podia ser só limpar e esperar por sua ração diária.

Algo que fomentou sua desconfiança, era observar a rotina diferente que o resto da família levava. Além dela, havia outras duas garotas e um bebê, filhos biológicos de Carmem e seu marido Roberto, que levavam uma vida muito diferente da sua. Tinham camas para dormir, cobriam todo o corpo com peças de roupas completas e em bom estado, além de nunca realizarem as atividades domésticas. Viviam correndo por toda casa, pulando, sorrindo e podiam sair quando bem entendessem pela porta da frente. Algo que Menina nunca foi autorizada a fazer.

Suzi não se recorda de conviver com as outras crianças, muito menos de brincar. Mas uma lembrança se atravessa em sua mente. Recorda e compartilha a memória de uma tarde de sol, quando as outras garotas haviam saído para brincar na rua com seus patinetes. Ela sempre trancada em casa, começava a ansiar pelo gosto de liberdade, algo que na época nem

sabia o que era, mas já sentia o ímpeto de conquistar. Então em um momento de pura adrenalina corre em direção a porta da frente, ignorando os vários avisos que Carmen havia dado sobre tal ato. De repente irrompe pela sala de estar e quando percebe está de pé na varanda da casa dos Souzas.

Foram poucos os segundos, mas lembra de ver bastante grama, uma longa estrada de chão, casas em construção ao redor e o teto era igualmente claro como o da pequena área atrás da cozinha. As duas garotas se divertiam na calçada com seus brinquedos, os cabelos limpos e lisos dançando com o vento, uma sensação que Menina ainda não conhecia. Enquanto conta esse relato, um sorriso de canto aparece no rosto da jovem senhora. Talvez entre tantas momentos ruins, aquele pequeno instante com gosto de liberdade seja a única lembrança boa que tenha restado desta fase de sua vida, ou talvez até tenha sido a única.

Após este pequeno momento extasiada, olhando o horizonte à sua frente, Carmen a arrasta para dentro de casa, impedindo-a de desbravar o resto do mundo ou talvez impedindo o mundo de conhecê-la. O preço que pagou por esse instante de liberdade foi caro. Na verdade, pagou com o pouco que tinha de liberdade. Daquele dia em diante passou a ser acorrentada no pé do fogão a lenha, saindo da cozinha apenas para realizar algum trabalho em outro cômodo da casa.

Neste ponto da história existe um momento divisor de águas, no qual ela percebeu que não era uma integrante da família Souza. Deixou isso bem claro ao falar pela primeira vez que, “Eles nunca me deram amor, nunca fui parte da família, eu era apenas uma escrava que vivia acorrentada”. Suas palavras carregam um peso muito forte, porque ter sido acorrentada foi o ato que consolidou sua situação. Tanto a jovem Menina de 8 anos, quanto a Suzi de 55, entenderam qual sua posição dentro da casa dos Souzas. Então quando refere-se a viver acorrentada, ela fala também sobre o antes de literalmente estar, porque sempre foi mantida em cárcere, presa dentro daqueles cômodos. E agora, expondo isso em voz alta, entende que eles não eram sua família.

## Ausências que se fazem presentes

Quando voltamos a nos encontrar, Suzi parece mais determinada. Logo diz ter pensado muito sobre a época em que viveu como posse da família Souza. Questiona se existe uma possibilidade de encontrar alguém daqueles tempos. Pois, percebeu que as lembranças daquele momento da sua vida são muito confusas, existem lacunas e isso a intrigou. Destaca o fato de lembrar de cada dor, mas não consegue recordar momentos bons, ou no mínimo normais, como o simples ato de dormir.

O que mais pode estar guardado na memória da jovem senhora? E o que essas lacunas contam? Se é que contam algo. Talvez os momentos ruins tenham sido tão fortes, que essas memórias suprimiram as outras. Mas não cabe a mim adivinhar quais marcas Suzi carrega, meu papel é ouvi-la e aceitar suas histórias. Então seguindo nosso ritual, nos colocamos à mesa, cada um com sua xícara de café e começamos nossa troca. Ela me concedendo o privilégio de conhecê-la um pouco mais e eu disponibilizando o conforto da minha atenção.

\*\*\*\*\*

Após o episódio onde pôde respirar um pouco de liberdade, sua situação ficou ainda mais difícil. Vivia acorrentada no pé do fogão à lenha, sua lata de sardinha vinha com menos restos e cada vez mais era maltratada. Apesar de a ditadura não ter sido algo popular no pequeno município de Arraial e eles não terem feito nenhum preso político, a casa dos Souzas tinha sua refém. Menina era torturada psicologicamente, com as constantes ameaças que recebia para executar os trabalhos domésticos com perfeição, ou com a solidão que a cercava e tornava cada momento mais difícil.

Carrega muitas marcas até hoje, causadas pelas feridas de seu cárcere. Como o fato de não celebrar nenhum tipo de data. Seja natal, ano novo ou seu próprio aniversário, que só foi descobrir anos depois, assim como seu

significado. Presa e excluída, era sempre privada de todas as comemorações e festas. Tendo que ouvir de longe as risadas, brincadeiras e alegria do restante da família. Ou escondendo-se dentro da sua caixa quando ouvia as explosões dos fogos, pois não fazia ideia do que aqueles barulhos ensurdecedores e gritos significavam. Assim, acabou perdendo momentos importantes, que ao invés de lhe trazerem boas recordações, acabam despertando sentimentos ruins.

Além de não participar das festividades, era obrigada a observar de sua caixa no canto da cozinha Carmen montar lindas cestas de Páscoa, fazer belas embalagens de presente de Natal e cozinhar pratos deliciosos, dos quais Menina sentia apenas o cheiro. Tudo para as outras crianças, que viviam em uma realidade totalmente diferente, alheios à existência de outra criança na casa. Talvez não tenham sido indiferentes por mal, mas sim pela própria estrutura familiar que a patriarca construiu.

Como nasceu em uma cidade isolada, provavelmente não iria acompanhar grandes momentos como a Copa do Mundo de 70, quando o Brasil foi tricampeão, ou o fim dos Beatles. Nem seria impactada pelo auge do regime militar, que aumentava sua popularidade com o “milagre econômico”, ao mesmo tempo em que censurava, torturava e matava seu povo. Mas ela poderia ter vivido os pequenos momentos, como aniversários da cidade, visitar o circo que passava pela região vez ou outra, ou ir ver os aviões alçarem voo no aeroclube que ficava nos arredores de Arraial.

E essas deveriam ser suas memórias, pois a infância é o melhor momento de explorar a imaginação. Só que seu imaginário estava ocupado demais tentando entender porque passava por tudo aquilo, porque não podia sair na rua para brincar e que sensação tão estranha era aquela, que embrulhava seu estômago e a fazia chorar. Para a Suzi, todas as lembranças que deveriam ser boas, foram substituídas por cicatrizes que não se apagam. E agora, restam apenas lembranças cheias de dor.

\*\*\*\*\*

Depois de me mostrar esse reflexo do passado, tento puxar outro fio da meada e a questiono sobre o senhor Souza. Porque ele ainda não havia tido nenhum destaque em sua história? Então me conta que não recorda com exatidão os momentos com ele, pois eram poucos. Lembra que Roberto era um eletricista, que estava sempre viajando para trabalhar nas enormes torres de energia, essas que vemos pela janela ao viajar de carro. Aparecia em casa de tempos em tempos.

Suzi analisa este ponto, porque fazer a conexão dele em suas memórias foi algo difícil. Talvez seja justamente pela ausência constante. Mas então se surpreende ao lembrar que nesses intervalos de tempo, em que Roberto estava em casa, era melhor tratada. Vestia roupas e tudo. Lembra-se que Carmen bebia menos e conseqüentemente a maltratava menos. E ao descrevê-lo lembra-se apenas de alguns detalhes físicos, era um homem alto, de pele branca coberta de pelos, cabelos claros e corpo volumoso.

Percebo que ao falar do senhor Souza seu semblante fica mais leve e as mãos soltas pela mesa, talvez porque ele não esteja ligado diretamente a lembranças ruins. Suzi então pausa seu relato por alguns segundos e fica navegando no universo de suas memórias. Quando retorna, traz novas informações sobre sua relação com o patriarca da família. Conta que ele lhe dava um pouco de afeto, era gentil e a tratava bem durante o pouco tempo em que estava em casa. De repente um sorriso brota em seu rosto ao lembrar de uma pequena marca, com o formato semelhante ao mapa do Brasil, que o homem tinha no peito.

Então Suzi segura a gola de sua blusa e arrasta um pouco para o lado, revelando uma marca, muito parecida com aquela que acabara de descrever. Dá uma leve risada, me olha e pergunta: “Será que ele era meu pai de verdade?”. Ela nunca soube que era seu pai biológico, mesmo quando encontrou a mãe que lhe havia abandonado, esta nunca lhe contou. Em sua certidão, no espaço reservado para o nome de seu progenitor, está apenas uma palavra solta, desconhecido. Algo comum ainda no Brasil de hoje, onde

os dados mostram que milhões de pessoas não têm o nome do pai registrado na certidão. E que outras milhares nascem a cada ano aumentando ainda mais esses números.

É notável a empolgação em seu rosto ao fazer essa constatação, algo tão simples e que sempre esteve diante de seus olhos. Talvez essa seja uma resposta que a jovem senhora nunca terá, porque essa parte da sua história se perdeu com o passar do tempo e quem poderia lhe ajudar a desvendar o mistério já se foi. Mas mesmo que a possibilidade seja baixa, isso foi o mais perto que já esteve de descobrir quem é seu pai.

Ela sempre teve a curiosidade de descobrir que nome estava por trás da palavra “desconhecido”, mas assim como muitas lembranças do seu passado, essa parte permanecerá como uma lacuna. E essa é uma falta que marca, não apenas a vida de Suzi, mas a história do Brasil, um país constituído por filhos sem pai. E já diria o Hino Nacional para a própria pátria amada, que dos filhos deste solo ela é mãe gentil, e não pai.

## O desespero da fome

Uma pausa para o café e um tempo para Suzi digerir os novos pensamentos que começaram a lhe inquietar. Ela havia preparado o seu famoso bolo de chocolate com cobertura de chocolate, uma delícia. Enquanto ajeitamos a mesa conta que trabalhou muito em cozinha de hotéis, restaurantes e também como doméstica. E apesar de nunca ter se especializado, sua habilidade culinária era notável, um verdadeiro dom.

Suas experiências profissionais a ensinaram todo tipo de coisa, consegue preparar tranquilamente muitos pratos chiques, servidos em restaurantes cinco estrelas, mas não abre mão de um clássico arroz com feijão. Sempre preferiu refeições mais simples e fartas que alimentam uma família, do que comidas sofisticadas que nem tapam o buraco dos dentes. Sentados de volta em nossos lugares, com um café novinho e um bolo delicioso para apreciar entre uma memória e outra, voltamos a mergulhar nas lembranças de Suzi. E já de antemão aviso que faremos a última visita a casa dos Souzas.

\*\*\*\*\*

Acorrentada em um canto, dia após dia, Menina sentia aquela sensação estranha em seu estômago aumentar cada vez mais. Difícil dizer se era sofrimento ou fome, mas de qualquer forma não fazia bem para ela. Perto de completar 10 anos de cárcere e trabalho forçado, mesma quantidade de tempo que tinha de vida, a jovem começava a sentir o desespero e a necessidade de sair daquela situação. Sabia que o modo como vivia estava errado, observava Carmen sair com as outras crianças e perguntava-se o que estava acontecendo do lado de fora daquela prisão.

O ano era 1.975 e começava com a fundação de uma pequena empresa de tecnologia, a Microsoft. Pelo mundo, batalhas ainda eram travadas e outras chegavam ao fim, como a Guerra do Vietnã que decretou a derrota histórica do poderoso exército dos Estados Unidos. Alguns povos libertavam-se

conquistando sua independência, a tão sonhada liberdade. Algo que neste momento de sua vida a pequena Menina também ansiava conquistar. No Brasil a ditadura mantinha-se firme e a desigualdade social continuava aumentando.

Em Arraial cada vez mais pessoas chegavam, talvez até fugindo do caos das grandes cidades. De qualquer forma o município crescia e se desenvolvia. Os Souzas ganharam novos vizinhos e os barulhos ao redor do mundo em que Menina vivia começavam a se destacar e despertar sua curiosidade. Em contrapartida, Carmen tornava-se ainda mais rígida com a garota, mantendo-a acorrentada, mesmo após dois anos da sua expedição até a porta da frente, quando começou a diminuir sua ração diária. Na lata de sardinha vinha cada vez menos restos, sua fome só aumentava e seus ossos destacavam-se no corpo pálido e magro.

Neste momento, observo em minha frente que Suzi aperta e remexe com mais agitação suas mãos. Já sei que mais uma vez prepara-se para o que está prestes a me contar, provavelmente mais uma lembrança dolorosa. Com os olhos já em lágrimas começa a deixar emergir as primeiras palavras, que vêm uma a uma entre os soluços e as pausas para uma respiração mais profunda.

Quando Carmen diminuiu sua ração, a fome começou a ser incontável. Com todo o trabalho que tinha de fazer para manter a casa limpa, suas energias eram sugadas vorazmente. Sem poder e nem saber ao certo como exclamar uma sílaba, não podia queixar-se da necessidade que tinha de se alimentar para continuar o serviço. Pois, nas poucas vezes que solicitou apenas mais uma colherada de ração, apanhou como se tivesse disparado uma ofensa contra a senhora Souza. Sendo assim, precisou improvisar e encontrar uma maneira de saciar-se e repor suas forças.

Uma de suas tarefas era encerar o piso de parquet da sala de estar, lembra muito bem dele, pois era de um vermelho vivo escuro que parecia ter sido pintado com sangue. Quando terminava de passar a cera, conseguia ver seu reflexo nos retângulos de madeira, um dos poucos momentos onde podia se

conhecer. O produto que utilizava era uma pasta rosada, que vinha dentro de uma lata da mesma cor do parquet. E foi essa pasta que supriu sua necessidade por comida, a única maneira que Menina encontrou de repor sua energia.

Enquanto trabalhava no cômodo ninguém ficava por perto, então entre uma passada e outra da cera no chão, a garota destinava um punhado do produto para sua boca. Tinha um gosto horrível, uma textura desagradável que gruda em cada canto da boca, descia pela garganta com muito esforço e ao final do dia sentia seu estômago pesar uma tonelada. Mas aquilo era o mais próximo de algo comestível que Menina teria contato, e como a fome era muita, ter um gosto ruim ou lhe fazer mal era o menor dos problemas naquele momento. Sem a opção de preparar um prato chique ou uma comida simples, tudo que lhe restava era arriscar entre morrer entupida com a cera, ou morrer de fome.

## O grito de emancipação

Percebo que as mãos de Suzi se apertam com muita força, como se tentassem sufocar toda a dor que essa memória traz. Em sua voz sinto o peso que as palavras carregam, como se estivessem transportando uma carga de emoção que junta tudo que passou na casa dos Souzas, levando essa sensação do peito para fora de seu corpo. E cada uma dessas palavras saem como um grito silencioso, expressando algo que esteve trancado por muito tempo.

Se ainda hoje para ela esse momento lhe causa dor, chegar a esse extremo foi um ponto decisivo também para Menina. Sentiu seu desespero aumentar e a necessidade de causar uma revolução dentro da casa de seus senhores brotava em seu peito. Finalmente havia entendido que para sobreviver precisava sair dali e agora mais esperta e com a força que começava a juntar preparava-se para o momento derradeiro onde daria o grito final.

Essa oportunidade parecia cada vez mais próxima, ou cada vez mais necessária devido a tudo que Menina passava e o quanto essa situação tornava-se insuportável. As ameaças, agressões, o frio, as privações de ter uma vida digna era algo com o que teve de aprender a conviver, mas a solidão, essa não teve jeito. Quando estava totalmente abandonada, trancada na penumbra daquela casa de madeira, enquanto a família saía para se divertir, não aguentava e caía em prantos. Ela não sabia de onde vinha aquilo. Um vazio no estômago que parecia estar tentando sugar seus órgãos, que subia até o peito e virava uma bola na garganta, explodindo em lágrimas e murmúrios. Foi com essa sensação, que ela se muniu e juntou o que faltava para finalmente se erguer da escuridão.

Num fim de tarde daquele ano de 1.975, quando a família havia saído para mais um passeio, Menina como sempre ficou acorrentada em seu canto escuro. À medida que o sol se punha do lado de fora, mais a penumbra tomava conta de cada cômodo do recinto, e como em todas as noites as

trevas começavam a tornar-se sua única companhia. Só que desta vez, quando o nó apertou em sua garganta, não foi apenas um murmúrio que se lançou. Da pequena boca de Menina um grito eclodiu e ecoou por toda a casa. Em sua voz embargada uma mistura de raiva e desespero suplicava por ajuda, não com a palavra propriamente dita, mas através dos sons de gritos que conseguia expressar.

Sua esperança era que algo acontecesse, qualquer coisa. Sem saber o que a aguardava fora daquele mundo em que viveu por 10 anos, imaginava que nada poderia ser pior, então tinha que tentar. Continuou investindo cada porção de força que tinha em sua voz, gritando e gritando cada vez mais. Mesmo que não conseguisse sair dali, havia aprendido algo, que sua voz é potente e também a única forma de pôr para fora aquela sensação que nascia em seu estômago.

De repente cala-se, vê algumas luzes entrarem por frestas nas paredes e janelas. Do lado de fora ouve vozes e na hora sabe que não são da família Souza. Então uma batida na porta corta o silêncio que se arrastava pela cozinha. Assustada em seu canto, Menina não sabe o que fazer, mas junta o resto de fôlego e dispara o último grito de seu peito. Ao mesmo tempo em que seu corpo começa a cair pro lado e sua vista vai escurecendo aos poucos, vê um feixe de luz transpassar pela porta dos fundos, que joga o pedaço de madeira com força para longe.

Tudo que se lembra após isso é de estar sendo carregada nos braços de alguém, com muitas luzes girando e várias vozes falando por todos os lados. Em seguida foi colocada, no que naquele momento pensou ser um sofá, mas que na verdade era o banco de um carro da polícia. Eles haviam sido chamados pelos vizinhos, que ao ouvirem os gritos na casa aparentemente vazia, estranharam.

Deitada naquele banco, com uma coberta a escondendo do frio, Menina teve o melhor sono que já havia tido em toda sua vida até ali. Era uma recompensa por toda a força que lhe foi necessária para enfrentar seus primeiros 10 anos de vida em um cárcere onde era escravizada. E foi com um

grito guardado durante todo esse tempo que conseguiu dar início a revolução na casa dos Souzas, libertando-se daquela prisão. Agora no mais profundo sono, seguia rumo ao desconhecido.

\*\*\*\*\*

Em minha frente Suzi enxugava suas lágrimas, havia mais uma vez superado esse momento. Paramos por ali nossa conversa, pois ela sabia o que ainda estava por vir e quais lembranças ainda precisaria remontar. As batalhas que travou na sua primeira década de vida não foram as únicas, muitas revoluções e transformações ainda a aguardavam pelo caminho tortuoso que teria de enfrentar até chegar onde está hoje.

Sobre os Souzas, nunca mais soube deles e a última lembrança que tem de Carmen, é dela certificando-se de que as correntes estavam bem presas antes de sair de casa. Os grilhões permaneceram marcados em sua pele por mais alguns dias, mas em suas memórias as marcas vivem até hoje.

Olhando-a agora, é difícil acreditar na força que precisou juntar para enfrentar tudo isso. Me assombra imaginar o que mais está guardado em suas memórias, que pode ser ainda mais doloroso do que 10 anos de exclusão e escravidão. Foram 10 anos de uma infância inteiramente roubada. E mesmo depois de tantas batalhas, aqui está ela, estampando um sorriso radiante no rosto, capaz de ofuscar toda a dor do seu passado.

## **CAPÍTULO 2: OS SILVAS**

### **Menina torna-se Suzi**

Outro traço marcante sobre Suzi é seu apreço por jardinagem e o desejo pela vida no campo. Sonha em ter um sítio e viver daquilo que cultiva. Na sua casa mantém, além de muitos vasos com flores e folhas para chá, uma horta. Um pequeno espaço que tem no pátio de casa onde planta alguns temperos e verduras. Foi a observando ali, mexendo na terra, que tivemos nossa nova conversa.

Eu sentado em uma cadeira de praia, respirando ar puro e ouvindo o cantar dos pássaros ao nosso redor, sentia que estava longe de casa. Distante do meu cotidiano de escritório, reuniões e trânsito estressante. O ambiente que Suzi havia criado ali era como um universo paralelo, uma mini fazenda em meio ao caos da cidade grande. E viver essa experiência, por menor que seja, me fez entender o que a motiva a ter esse sonho de viver isolada.

\*\*\*\*\*

Após seu descanso no banco de trás da viatura, Menina começava a descobrir o que estava acontecendo. A polícia havia lhe resgatado de sua prisão, levando-a em segurança para a delegacia e agora estavam buscando por sua família biológica. Ao que tudo indica, a informação de quem eram e onde viviam teria sido passada pelos próprios Souzas. Em minha frente Suzi para de cavar e reflete sobre isso, afinal parece que sua venda foi combinada. Mas ela nunca questionou ninguém sobre isso, pois na época, era apenas uma criança que ainda nem entendia o conceito de família.

A garota assustada, observava tudo em silêncio. Diante de seus olhos um novo mundo surgia, eram novas cores, formas, objetos e principalmente pessoas. Vestia uma roupa grande demais para seu franzino corpo mal alimentado, provavelmente doada por alguém. Ainda na delegacia os policiais tentavam interagir com Menina, mas para tudo que questionavam, ela apenas dava de ombros. Tendo passado 10 anos enclausurada, sem nem ter ganhado um nome, não tinha como oferecer outra resposta que não fosse o silêncio.

Uma jovem mulher perguntava-lhe vez ou outra se estava tudo bem ou se queria algo, a garota estranhava, pois essa pergunta nunca lhe havia sido feita antes. Seguiu por longas horas sentada em uma cadeira ao lado da mesa desta mulher, foi bem alimentada e todos eram simpáticos com ela, outra novidade.

O ambiente era a recepção do prédio onde ficava a delegacia, sua nova amiga, provavelmente era a recepcionista. Muitas pessoas passavam de um lado ao outro, esbarrando umas nas outras e todas encaravam Menina antes de lhe concederem um sorriso. Do lado de fora, dava para imaginar que a intensidade de movimento deveria ser ainda pior, pois uma mistura de diversos sons abafados tentavam invadir o ambiente.

No meio da tarde um policial abriu a porta da frente e chamou a garota, que assustada olhou em direção a moça que lhe havia feito companhia, como se esperasse uma bronca. A mulher apenas acenou com a cabeça e disse para Menina ir com o homem. Ela caminhou lentamente, ainda com dúvida se aquilo era o certo a se fazer. Porque, afinal, nunca tinha tido permissão para ir até a porta da frente. Chegando lá, seus olhos arderam de encontro a luz do sol e levou alguns segundos até que conseguisse se acostumar com o ambiente tão iluminado.

Aquele mundo não era igual ao que tinha visto dois anos atrás, a grama havia sumido, a estrada não era mais de terra, as casas não estavam em construção. Muito pelo contrário, eram até grandes demais e estendiam-se rua a fora. A delegacia ficava na única avenida de Arraial, o lugar que mais se

desenvolvia na cidade. Uma região oposta ao lugar isolado onde Menina cresceu. Via pela primeira vez prédios, carros, árvores, postes, uma infinidade de coisas tão simples, mas que foi privada de saber da existência.

Agora ela tinha muito para absorver, um universo de possibilidade para desbravar, mas ainda não fazia ideia de como. Em um jeep verde e velho à sua frente, onde o policial a aguardava, havia uma resposta. Ou pelo menos um caminho novo para seguir.

\*\*\*\*\*

De pé na frente do jeep e conversando com o policial estava uma mulher de pele bronzeada, corpo esguio e cabelos lisos e negros. Dentro do automóvel, sentada no banco do carona e encarando Menina estava uma jovem, com as mesmas feições da mulher, porém aparentando ser adolescente.

O homem faz um aceno com a cabeça indicando para a garota se aproximar, timidamente ela caminha em direção aos dois adultos. Logo que chega perto, o guarda começa as apresentações e indica para Menina que aquela é sua mãe e a jovem dentro do carro é uma de suas irmãs. Depois se direciona a mulher e explica que a criança ainda não tem um nome e que precisa ser registrada, então aponta para o prédio ao lado da delegacia, o cartório.

Foi tudo muito rápido, o policial terminou as explicações e a mãe já pegou Menina pelo braço, levando-a em direção ao prédio que o homem havia indicado. A garota saiu aos tropeços sem entender nada, olhando de relance para trás viu apenas o guarda virando as costas e voltando para a delegacia. Quando entraram no cartório, a mulher que ainda nem havia dito seu nome, parou e olhou alguns segundos para a criança que estava assustada. Então disse: “Seu nome vai ser Suzi”. E assim, de repente, a garota que viveu 10 anos excluída da sociedade havia ganhado o direito de ter um nome.

As circunstâncias deste acontecimento de certa forma são muito simbólicas e carregam uma determinada importância. Porque é neste momento em que a garota deixa de ser apenas Menina e torna-se alguém. Mas mais do que o presente de um nome, é como se todo aquele passado nebuloso tivesse ficado para trás, preso nas mesmas correntes que a trancafiaram por anos, pois ela nunca mais iria voltar para lá. Claro que aquela época nunca foi e talvez nunca seja esquecida. Só que ao ganhar um nome, a então menina Suzi, mais uma vez se transforma e começa a trilhar sua vida em direção a novas revoluções.

## Conhecendo a família Silva

A jardineira finaliza os últimos cuidados com sua horta, termina de regar as plantinhas e me convida para o café. Enquanto ela lavava as mãos sujas de terra, percebo que até agora não precisou levá-las de encontro uma à outra para conter os sentimentos que às vezes afloram. Fico feliz por isso e gostaria de saber que suas mãos não voltariam mais a sufocar a dor, mas sei que ainda estamos no começo do caminho.

Enquanto eu tomava pequenos goles do meu café, Suzi estava em outro cômodo procurando por algo. Alguns segundos depois retorna com um pedaço velho de papel, todo amarelado e manchado. Estava rasgado em algumas das partes onde havia sido dobrado, se mantendo unido por pontas que ainda estavam grudadas. Aquela era sua certidão, que guardava até hoje, o mais intacta possível. A data de nascimento era de 1.965, o registro 1.975, uma década de diferença.

\*\*\*\*\*

Dentro do cartório, as duas levaram alguns minutos até tudo estar pronto. A mulher agia de forma indiferente com a garota, sem trocar uma palavra. E para Suzi aquilo era mais normal do que as pessoas lhe tratando bem na delegacia. Ao saírem do prédio carregava em suas mãos o pedaço de papel que Magda Silva, sua mãe, lhe havia entregado. Descobriu o nome de sua progenitora por caso, quando esta teve que se apresentar para o atendente do cartório.

Ao sair do prédio, a menina olhava atentamente para a certidão, sem entender nada do que aquelas formas significavam. Mas tinha prestado bastante atenção na conversa entre a sua, agora oficializada, mãe e o homem que havia feito o registro. Então sabia que ali, naquele pequeno pedaço de papel, estava marcado quem era e de onde vinha. E isto lhe despertou para o

mundo, pois nunca havia pensado sobre nada disso. Simplesmente sabia que existia dentro da casa dos Souzas e que sua função era limpar.

Agora percebe que o mundo é muito maior do que aquilo que conheceu em seus primeiros 10 anos de vida. Em um único dia fora do cárcere observou e aprendeu tantas coisas novas, que sua mente começou a ficar mais ativa. A viagem de carro com sua mãe e irmã até a fazenda onde viveria os próximos anos, foi uma experiência enriquecedora. Ainda muito acanhada, acuada e sem saber muito bem como falar, não tinha coragem de fazer perguntas. Mas ouvia atentamente as conversas entre as duas no banco da frente e tentava assimilar ao máximo tudo o que podia.

Pela janela do jeep via os prédios e casas passando rapidamente, até darem lugar ao horizonte repleto de plantações de trigo e pastos para alimentar as numerosas vacas e bois que por ali estavam. Suzi começava a se afastar do centro tumultuoso de Arraial e seguia em direção a região agrícola da cidade. Do banco da frente ouvia sua mãe falar para Verônica, a irmã adolescente, que seria bom ter mais um par de mãos para trabalhar na fazenda.

\*\*\*\*\*

Depois de quase uma hora dentro do carro, Verônica se vira e avisa que estão chegando. Suzi estica o pescoço para espiar por cima dos bancos. Lá na frente pode enxergar várias construções, que naquele momento não sabia do que se tratavam, eram todas partes da fazenda onde mantinham os animais. Mais tarde a garota descobriu para que servia uma a uma. Porém, em sua breve olhada identificou a casa, que se destacava por ser bem maior que as demais.

Ficava bem ao centro com relação a todas as outras coisas. À direita estava o galinheiro e o chiqueiro, mais afastado a esquerda estava o cocho onde as vacas leiteiras se alimentavam. Espalhado pelo terreno também tinha algumas árvores e diversos tipos de sucata. Em frente a casa duas

garotas aguardavam na porta de entrada, uma delas segurando um bebê. No todo, era um local modesto. A casa parecia ser maior que as do Souza, também em madeira, só que não estava pintada. O que dava um aspecto de velho e mau cuidado.

Ao descer do carro, Suzi é apresentada aos seus outros irmãos, as duas garotas se chamavam Vitória e Valentina, o recém nascido era Eliezer. Haviam outros dois, Everton e Ernesto, ambos estavam trabalhando no campo. O primeiro era o mais velho com 23 anos, o segundo tinha 19. Entre as garotas, a mais velha era Vitória com 16, depois vinha Verônica com 14 e Valentina com 12. O bebê tinha só alguns meses de vida. O que fazia de Suzi, agora oficialmente com 10 anos, a segunda mais nova.

Um dia intenso para a garota, saindo de uma vida solitária para uma casa onde tem seis irmãos, uma mãe, um padrasto e um tio. Os dois últimos da lista Suzi conheceu só no final do dia, pois ambos tinham ido fazer entregas de produtos produzidos na fazenda. O padrasto se chamava Rubens, era pai apenas de Eliezer, o mais novo. Os dois rapazes mais velhos eram frutos do primeiro relacionamento de Magda, as três garotas do segundo e Suzi é um mistério.

O tio se chamava Afonso, um senhor simpático e do qual a jovem senhora tem boas recordações. E isso é notável, pois esboça um sorriso em minha frente ao falar dele. Na verdade, com exceção do bebê, ele foi o único que lhe tratou bem naquela casa. Foi o responsável por lhe ensinar sobre muitas coisas na fazenda e a primeira pessoa a lhe dar um pouco de afeto e carinho na vida. O pouco tempo que conseguiu aguentar na fazenda só foi possível graças a ele, que lhe protegeu o quanto pôde e a ensinou a fugir dos constantes ataques que recebia.

## A vida na fazenda

Um dos primeiros pensamentos da menina Suzi quando viu sua nova morada, foi de preocupação, pois imaginou que teria muito mais piso de parquet para encerar. Só que ao entrar pela primeira vez na casa se espantou ao ver que não havia piso algum. O chão da casa era feito de terra batida, o que era muito comum em regiões rurais da época. Ao construírem a casa usavam o próprio solo como superfície, batendo firmemente nele para assentar, evitando que se desgaste e solte poeira.

Só que isso não significou que teria um pouco de descanso e poderia aproveitar o que lhe restava de infância. Muito pelo contrário, na fazenda lhe foi exigido tanto ou até mais trabalho do que na casa dos Souzas. A diferença é que desta vez tinha algo muito importante, liberdade. Outra coisa que lhe foi concedida foram as roupas, usadas é claro, mas ainda assim inteiras. Também tinha um canto para dormir, no mesmo espaço que as outras garotas e não era alimentada com restos, comendo até com maior regularidade. Foram grandes evoluções para a jovem.

Na fazenda existia um universo inteiro de coisas novas, seu mundo se expandiu e sua cabeça fervilhava com cada nova informação. Uma das coisas que mais gostava de observar era seu tio Afonso, um homem negro, que tinha apenas alguns tufo de cabelo branco espalhados pela cabeça. Tinha uma gargalhada inesquecível e um repertório de piadas bem diversas. Mas para Suzi, o melhor era quando ele assobiava para chamar os animais, dobrava sua língua de um jeito estranho e engraçado, emitindo um som tão alto que se ouvia de uma ponta a outra do sítio.

Porém, como a própria jovem senhora relata, sua vida não virou um paraíso. Sua mãe lhe tratava de forma indiferente, era ríspida, agressiva e nunca demonstrava afeto. O que lembrava muito Carmen, pois dirigia-se a Suzi apenas para dar ordens. Foi incumbida de entregar leite aos vizinhos que ficavam nos arredores. Essa tarefa era normalmente feita com um burro, que carrega duas maletas, uma em cada lado do corpo. Mas Suzi foi quem

teve de usar o aparato que era como um colete, com parte na frente e parte atrás. Iam quatro litros de leite cheios em cada uma das maletas e a menina caminhava de fazenda em fazenda carregando aquilo, enquanto o animal de carga era usado para outras atividades.

Era um trabalho exaustivo, sendo que fazia duas viagens de manhã e outras duas à tarde. Sempre acompanhada de uma de suas irmãs, que só ia para coletar o dinheiro. E no meio tempo entre uma entrega e outra, tinha que ajudar a capinar a roça. Algumas das fazendas que faziam as entregas ficavam a quilômetros de distância, o que tornava a atividade ainda mais desumana para uma criança.

No fim do dia, sentava-se em um pequeno banco para limpar os pés do tio Afonso, atividade que Suzi recorda de forma mais afetuosa, pois não fazia por obrigação. Gostava de sentar ali e ouvir as histórias engraçadas que o velho contava, enquanto esfregava seus calcanhares duros e rachados devido ao trabalho na roça. Lembra-se com clareza daqueles enormes pés, que pareciam ser maiores que ela.

\*\*\*\*\*

Pelo menos na fazenda tinha uma falsa sensação de igualdade, pois todos contribuíam de alguma forma. O que lhe ajudou a começar a entender o que era viver e ser tratada como um ser que tem sua importância no meio social. Conheceu muitas coisas, aprendeu novas palavras, teve contato com animais, subiu em árvores e pode até tomar banho com mais frequência. Mas infelizmente Suzi só havia saído de uma família disfuncional que a fazia de escrava, para viver com outra família disfuncional que a explorava. A diferença é que os Silvas concediam as necessidades básicas para se sentir como um ser humano.

Já sua irmã mais velha, Vitória, a maltratava e a faziam sentir-se excluída, quase que da mesma forma como acontecia na casa dos Souzas. Só que neste caso Suzi tinha um certo vínculo afetivo e esperanças de fazer

parte do grupo, pelo fato de serem da mesma família. Acreditava que em algum momento se juntaria a ela e às irmãs, para viver uma vida igual à que espiava vez ou outra em sua antiga morada. Queria saber como era correr pelo pasto com o cabelo ao vento, rir até suas bochechas doerem, compartilhar segredos e outras coisas. Mas infelizmente, não conseguia nem sentir-se segura.

A imagem materna continuava sendo a mesma, a de uma mulher que fazia de tudo para tornar cada dia de sua vida um verdadeiro inferno. A explorava de todas as maneiras possíveis e ao longo dos anos de convívio, as coisas só pioraram. É difícil entender o que se passou naquela época. Porque Magda ficou com 6 crianças, mas não quis saber de Suzi? O que será que se esconde por trás da concepção dessa criança? Infelizmente, outra dúvida que será mantida e terá que permanecer no imaginário das possibilidades. A jovem senhora nunca confrontou sua mãe sobre o assunto. O contato com as irmãs se perdeu, quando teve que fugir da cidade, mas isso é história para daqui a pouco. Eliezer era apenas um bebê, também não seria muito útil.

O tio Afonso é o único que poderia ter lhe dado essa resposta na época em que Suzi era uma garotinha, mas esta nunca teve coragem de levantar a questão. O padrasto seria um beco sem saída. Além de que procurá-lo, assim como seus dois irmãos mais velhos, seria a última coisa que faria. Porque se sua vida com a família Silva foi um inferno, grande parte disso é por causa destes três homens.

## O medo torna-se aliado

Suzi pede uma pausa. Vamos pegar um pouco de ar sentados nas cadeiras de praia do lado de fora da casa. Com nossas xícaras de café na mão, observamos o vento dançando com as folhas e flores ali no jardim. O céu estava azul e sem nuvens. De longe dava para ouvir um pouco do barulho de trânsito em alguma via movimentada, provavelmente os apressadinhos saindo mais cedo do trabalho. Contemplo e aproveito esse pequeno instante de calma. Assim como a jovem senhora deve ter feito quando criança, ao chegar na fazenda dos Silvas com um pouco de esperança de ter uma vida melhor. Nos primeiros dias ela pôde aproveitar alguns momentos de tranquilidade, observou o horizonte enquanto o vento movimentava as plantações de trigo e até sentiu um pouco de felicidade ao ver a imensidão do céu.

De repente ouço o barulho da xícara sendo posta ao chão, me viro e a vejo mais uma vez com suas mãos presas uma na outra. De seu rosto escorre uma lágrima, mas ela continua em silêncio. Estava num estado de contemplação profundo, olhando para frente, como se enxergasse além daquele muro que dividia sua casa com a do vizinho. O que via era algo familiar, uma paisagem, uma lembrança, um momento. Só que não parecia ser uma boa recordação, pelo menos era o que sua expressão demonstrava. Então com suas mãos unidas, ela tenta mais uma vez se conter, mas aos poucos as palavras vão brotando.

\*\*\*\*\*

Apesar de sofrer nas mãos de sua mãe e irmã, Suzi tinha um pouco de paz quando ia capinar com o tio Afonso. Ele era um senhor tranquilo, calmo, e engraçado, não demonstrava muitos sentimentos, mas conversava com a jovem e a fazia rir. Explicava o que sabia sobre as coisas e quando não sabia, inventava. Suas outras duas irmãs também não tinham maldade, inclusive

brincavam com ela, mas muitas vezes acabavam reproduzindo a indiferença que a maioria expressava pela jovem.

Na zona rural onde ficava localizada a fazenda dos Silvas, ainda não havia chegado nenhum tipo de tecnologia, inclusive energia elétrica. Dormiam assim que escurecia e acordavam quando o sol nascia. Não sabiam nada sobre o que estava acontecendo fora dos limites de suas terras. Com exceção de vez ou outra quando precisavam ir até Arraial vender ou comprar algo.

A inserção de uma nova integrante à família foi o maior acontecimento que tiveram em tempos, devido a forma como aconteceu. Estavam acostumados com a chegada de novos membros através do ventre de Magda, ou pelos seus relacionamentos. De certa forma este também foi o caminho de Suzi, mas para ela levou mais tempo e foi mais difícil. Essa estranheza em ter uma garota de 10 anos entrando repentinamente no seio da família foi um grande propulsor para a indiferença e preconceito que a assombraram.

Porém, um problema ainda maior foi gerado por essa indiferença e falta de afeto. A garota novamente entrava em um caminho tortuoso. Além de ter que enfrentar diariamente as constantes chacotas e agressões de sua irmã, assim como os maus tratos por parte de sua mãe, Suzi precisou aprender a fugir das investidas de seus irmãos mais velhos e de seu padrasto. Por mais desprezível que isso seja, três homens adultos desejavam se aproveitar da inocência de uma criança de apenas 10 anos.

É complicado reconstituir essa parte da história, pois é difícil para a jovem senhora lembrar desses momentos. As palavras que conseguiu usar para descrever a situação foram: “Queriam me fazer de mulher deles”. E soa como se o ato de ter uma relação fosse um passe de mágica, capaz de transformar uma criança em mulher no mesmo instante. Isso mostra como esse pensamento é perpetuado até hoje em sua mente, porque em algum ponto da sua vida lhe foi dito que era assim que funcionava. Se deitasse com um homem, viraria mulher.

Só que tudo que ela queria quando chegou na fazenda era ter uma vida tranquila e poder conhecer aquele novo mundo que desabrochou diante de seus olhos. Mas em pouco tempo ali, sua vida começou a mostrar os espinhos. Suzi conseguiu escapar das garras de Carmen, que a reprimia de todas as formas. Agora estava submetida a ser perseguida por aqueles homens, que aproveitavam-se da sua incapacidade de se expressar. E desta vez, até a criança sabia, um grito não seria o suficiente para salvá-la.

\*\*\*\*\*

A garota aprendeu da pior maneira que não podia ficar sozinha em nenhuma parte da fazenda, após sofrer constantes assédios de seus irmãos e do padrasto. Algo que infelizmente vemos muito hoje em dia, mulheres tendo que descobrir e criar maneiras de evitar ataques, tanto de desconhecidos quanto, e talvez principalmente, de conhecidos. Só que naquela época e no tipo de contexto social em que Suzi estava inserida, era ainda mais excludente e deficitária qualquer forma de prevenção ou orientação a respeito desse tipo de agressão. Na verdade, isso ainda nem existia.

Teve que passar por muitas situações desconfortáveis e desagradáveis que eram constantemente provocadas por seus agressores, a deixando cada vez mais acuada e com uma sensação ruim. E a criança ainda nem tinha conhecimento sobre a existência das relações sexuais, nunca nem se perguntou de onde vinham os bebês e nem entendia qual era a ligação entre um homem e uma mulher, nem no sentido mais básico de um relacionamento. Mas mesmo assim sabia e sentia que aquilo não era certo, que as intenções daqueles homens não eram boas. E como ninguém a orientou sobre nada disso, a única coisa que conseguia fazer era sentir medo.

E o medo lhe foi um grande aliado. A fez perceber que as sensações que os três homens lhe causavam eram muito piores do que sofrer nas mãos de sua irmã. Pensar em encarar as consequências do que eles estavam com a

intenção de fazer lhe causava pânico. Talvez fosse pela forma sombria que a olhavam, como animais famintos desejando um pedaço de carne. Preferia ficar o tempo todo de cabeça baixa quando no mesmo local que eles, para evitar ver seus semblantes. E a forma como falavam com ela, mesmo na presença dos demais Silvas, a intimidava fazendo com que sentisse ainda menos poder de fala, o que era maximizado pela forma como o restante lhe tratava.

Uma das maneiras que encontrou de fugir de seus perseguidores era manter-se sempre acompanhada, mesmo que as companhias nem sempre fossem as melhores, como no caso de sua irmã ou mãe. E por mais que no meio daquele grupo existisse o tio Afonso, que era uma boa pessoa e a deixava confortável, Suzi não conseguia expressar aqueles horríveis sentimentos a ele. Era como se ficassem entalados em seu peito, com o medo lhes pressionando cada vez mais para baixo. Não importava o quanto piorasse a situação, continuava sendo difícil expor aquilo. E isso se deve muito ao fato de que a maior parte do seu círculo social não lhe deixava segura para tal.

## O par de congas e a perda

Sem mais forças para pressionar as mãos, encerramos nossa conversa por ali. Porque segundo Suzi, a próxima parte talvez fosse uma das mais difíceis de lembrar. E isso fica visível em seu olhar, que enche de lágrimas só com a simples menção da tal memória. Deixo-a então recuperando o fôlego e preparando-se para os próximos caminhos que seguiremos em sua história.

Quando voltamos a nos reencontrar, era hora do lanche da tarde. Ao chegar já senti o cheiro de café recém passado, e em cima da mesa já estava uma fatia de bolo de chocolate me esperando. Então logo vou sentando e saboreando aquela maravilhosa guloseima, enquanto a jovem senhora terminava de recolher algumas mudas de roupas que estavam no varal. Joga tudo no sofá da sala para dobrar mais tarde, senta à minha direita como de costume e então me surpreende com uma pergunta: “Está pronto?”, diz ela.

\*\*\*\*\*

Suzi estava apenas há 1 ano e meio com os Silvas e sua estadia ali já estava insuportável. Agora a garota sabia que existia uma infinidade de coisas, já tinha ido passear na cidade algumas vezes, quando sua mãe precisava de ajuda para carregar algo. Sabia até que Arraial não era a única cidade que existia. Ouviu uma vez a conversa de dois senhores na rua, que falavam exaltados que o país sofria de um mal comunista. Na hora pensou que deveria ser algum tipo de gripe. Ela gostava dessas voltas que dava de carro, porque tinha a possibilidade de desbravar, mas o que estragava era ter que carregar o jeep com as sacas de trigo.

O preço que pagava por um pouco de liberdade ainda era muito caro, seu trabalho ficava cada vez mais exaustivo e as perseguições aumentavam. Se antes ela sentia muita solidão trancafiada na casa dos Souzas, agora sentia uma enorme insegurança. Um medo constante que aflorava cada vez que via

um de seus irmãos mais velhos ou seu padrasto, que continuavam olhando para a menina como predadores vorazes. Na verdade, estava piorando. O pouco que a jovem crescia, fazia o desejo deles aumentar.

Conquistou um pouco de paz dessa perseguição quando começou a trabalhar na casa de Lúcia Cavalcante, uma mulher influente, talvez fosse advogada ou juíza, pois Suzi lembra apenas que ela vivia no tribunal. De qualquer forma, começou a intercalar as entregas de leite com a atividade de diarista. Recebia uma pequena quantia de dinheiro todos os dias que fazia algum serviço para Lúcia, valor que ao final sempre parava nas mãos de Magda, que não gastava nenhum tostão com a jovem. E após algum tempo tendo os serviços prestados por Suzi, a senhora Cavalcante estranhou que a menina continuasse tão maltrapilha, sem nenhum sapato para proteger os pés. Então perguntou o que era feito com o salário que ganhava, e quando a garota lhe explicou, imediatamente pediu que a matriarca dos Silvas fosse ao seu encontro.

Sem pestanejar, a mulher intimou Magda a fornecer tudo que a menina precisava, desde o mais básico. Ordenou também, que ao saírem de sua casa fossem direto comprar um par de sapatos, caso contrário ela denunciaria a senhora Silva por maus tratos. Naquele dia, Suzi ganhou um par de congas, seu primeiro calçado, e até hoje não esquece o modelo, azul escuro com detalhes brancos.

Infelizmente, trabalhou apenas mais um dia na casa de Lúcia, só para mostrar o sapato novo e evitar a denúncia. Tendo que destinar o dinheiro que a garota ganhava para a própria garota, Magda achou que o trabalho na casa da senhora Cavalcante não era mais vantajoso. Suzi então voltou a sua rotina normal na fazenda, até que sua mãe lhe incumbisse de alguma outra tarefa

Suzi só sentia a repulsa, vinda de sua mãe, se intensificar, o que começou a deixar claro que sua estadia ali com os Silvas só era possível porque a matriarca era obrigada a permitir.

Como se a sensação de rejeição não fosse o bastante, nesse meio tempo teve que encarar a perda do tio Afonso. Partiu deitado em uma cama de

hospital, contando uma de suas clássicas piadas pela última vez ao colega de quarto. O velho fanfarrão morreu dando sua saudosa gargalhada e até hoje Suzi guarda na memória a imagem do rosto dele no caixão, dando um largo sorriso.

## Um novo amigo

Suzi me contou como fez para aprender muitas das coisas que sabe hoje. A técnica que usou por muito tempo foi a observação. Quando menina, via os Souzas dizerem as horas após olharem para o relógio na parede da cozinha, então corria para ver o que os ponteiros indicavam. E assim, foi memorizando as ordens e aprendendo a ver as horas.

Com os Silvas, as coisas que aprendeu envolviam a vida no campo: tirar leite de vaca, cultivar algumas plantas, o tipo de alimento que é dado para alguns animais, etc. Assimilou tudo através da observação, e isso sempre lhe empolgava, por mais simples que fosse o conhecimento que adquirisse, achava incrível saber daquilo. E por muito tempo, foi desta forma que se virou, com vergonha e sem saber como pedir ajuda, usou sua determinação para buscar as respostas quando foi preciso.

\*\*\*\*\*

Mesmo com todo seu trabalho exaustivo e vivendo à sombra do medo, acabou fazendo uma nova amizade. Moraes Santana era um rapaz que ia constantemente buscar leite na fazenda dos Silvas para sua mãe e quando a jovem saía para fazer entregas, a acompanhava pelo trajeto. Atividade que agora realizava sozinha, sob ameaça de morte caso não voltasse com todo o dinheiro para casa. O rapaz tinha 20 anos, oito a mais que a jovem. Ele era magro, alto e de cabelo castanho. Como morava na cidade, sempre tinha alguma história nova para contar, o que a garota gostava muito, pois assim descobria e aprendia coisas novas.

Ele era uma pessoa educada, sempre perguntava se podia acompanhá-la nas caminhadas e sempre se oferecia para carregar as bolsas com leite. O que a garota não permitia, pois temia acontecer algo e depois sofrer as consequências. Ela ficava a maior parte do trajeto calada só ouvindo o que ele tinha para falar, o interrompendo vez ou outra com alguma dúvida. Mas ao

contrário dos irmãos mais velhos de Suzi, Moraes não tinha aquele olhar faminto, que desejava algo obscuro com ela.

E assim eles foram se relacionando, a menina começou a confiar nele e até compartilhou um pouco de suas dores e os desafios que passava diariamente na fazenda. Sentiu-se à vontade, porque ao contrário do tio Afonso, Moraes não estava diariamente junto com a família. Então ela não via mal em compartilhar algumas das histórias sobre a forma como os Silvas a tratavam. Não temia sofrer represálias e pela primeira vez estava criando uma amizade e confiando em alguém de uma forma profunda.

Então, vendo o sofrimento de Suzi, o garoto começou a falar sobre como as coisas poderiam ser diferentes se ela fosse morar com ele e sua mãe na cidade. Claro que sua intenção era mais do que abrigar a garota, estava sentindo algo por ela. Mas para uma garota inocente, que ainda não sabia de muita coisa sobre a vida, aquele pareceu um ato muito generoso e bondoso da parte dele. Afinal, ele era seu amigo.

A princípio achou que não era uma boa opção, teve medo, receio. Fazia pouco mais de 2 anos que estava ali com os Silvas, havia passado por tantas coisas e estava recém aprendendo a viver. Uma decisão difícil para uma menina de quase 13 anos que foi violentada de diversas formas nesse pouco tempo que está no mundo. Ainda mais se levarmos em conta que a oferta parte de alguém que tem se mostrado tão bom e desperta um pouco de afeto na jovem.

Moraes não desistiu na primeira tentativa, em cada oportunidade que tinha voltava a tocar no assunto. Sempre tentando encantar Suzi com suas histórias sobre a cidade. E do outro lado a garota ficava cada vez mais tentada a sair da situação em que se encontrava. Havia conseguido escapar de uma família relapsa, para cair em outra. E agora estava cogitando a possibilidade de migrar para uma terceira, sem nem ao mínimo saber o que lhe era reservado. Tudo isso em pouco mais de uma década de vida.

## CAPÍTULO 3: OS SANTANAS

### A fuga

É difícil pensar em algo a mais para se destacar de 1.978, que não fosse o fim do Ato Institucional n.º 5, também conhecido apenas como AI-5. Um dos momentos mais sombrios que permeiam a ditadura foram os 10 anos que este decreto esteve em vigor. Dentre outros 17 criados naquele período, o quinto foi o mais duro de todos. Deu um grande poder ao presidente da época, que curiosamente também é um Silva, mas sem ligações com a pequena família de Arraial. O governo federal pode interferir livremente em estados e municípios, a censura ficou ainda mais severa e houve uma deliberada perseguição política a quem fosse contra o regime vigente.

Se encerrava ali, nos últimos meses de 78, uma década de perseguição e violência demasiada imposta pelo governo. Mas esse foi só um terço do grande trauma que o país enfrentou por 30 anos. Nos arredores de Arraial murmuravam-se pelos cantos. O medo era geral. Os atos arbitrários de sequestrar pessoas que supostamente estariam conspirando contra o governo, aconteciam por ali também, apesar de ser aquela uma cidade pacata. Mas nada disso povoava o imaginário de Suzi, que sonhava com uma cidade cheia de possibilidades. Ela vivera alienada da sociedade e não poderia imaginar que para além do sítio dos Silva também havia maldade. Tudo o que ela sabia era que não aguentava mais os maus tratos de sua irmã, a negligência e indiferença da mãe e principalmente a perseguição e olhares sedentos de seus irmãos e padrasto. Agora, com um pouco mais de conhecimento sabia que não precisava e nem devia aguentar aquela situação.

Não podia viver novamente à sombra do medo, sendo violentada, abusada e explorada.

O acúmulo de situações que viveu em apenas 2 anos na fazenda foram suficientes para a garota querer dar um basta. E já que pela primeira vez em sua vida ela tinha alguém que lhe era bom e a fazia se sentir bem, viu em Moraes o decreto que punha fim naqueles atos perversos do qual era vítima. Não foi a oportunidade ideal que encontrou de seguir por um novo caminho, mas foi a que lhe apareceu em um momento tão difícil.

\*\*\*\*\*

Em uma noite de verão, com o clima abafado, Suzi se preparava para fugir e encontrar Moraes no portão da fazenda. Não tinha muito o que levar, além de sua trouxa de roupas que já estava toda embolada. Nem foi preciso esperar para todos dormirem, já que dificilmente alguém daria por falta da menina. Então em um momento de distração, em que todos estavam do outro lado da casa, a garota foi até o cômodo que dividia com suas três irmãs, pegou suas coisas e pulou a janela. Esgueirando-se pelos fundos da casa foi em direção à plantação, onde se camuflaria pelos trigos até chegar no portão.

Era uma noite clara, de céu limpo, estrelado e lua cheia, o que facilitou a fuga, possibilitando que a jovem enxergasse melhor para onde ia. Ao chegar no destino final, projetou-se para fora da cerca que se juntava ao portão, surpreendendo Moraes que a esperava sentado em sua bicicleta. O rapaz prendeu a trouxa de roupas na garupa da bicicleta e ajudou Suzi a subir no quadro. Assim os dois partiram na calada da noite, escondidos.

O garoto conhecia bem o caminho, pois o fazia constantemente quando ia buscar leite. A jovem nem tanto, pois só passava por ele vez ou outra quando sua mãe a levava na cidade. E desta vez nem sabia ao certo o seu destino. Mas já estava acostumada a se arriscar em busca de algo melhor para si. Esta era mais uma tentativa de mudar, evoluir e transformar sua vida

em algo melhor. Foi pensando nisso que ela seguiu viagem, sentido a pouca brisa noturna de verão acariciar seu rosto.

Ao chegar em frente a sua nova morada, Suzi pode notar alguns detalhes, apesar de ser tarde da noite. Observou que havia apenas uma pequena mureta para delimitar a extensão do terreno, a casa ficava bem na esquina e sua entrada era em uma pequena varanda. O rapaz largou a bicicleta em uma parede lateral e ao subir os degraus da entrada a garota percebeu que as paredes eram de madeira azul, muito parecidas com as da casa dos Souzas. Assim que entrou foi logo olhando para o chão, mas este também não era parquet e sim cimento, como o de uma calçada.

Morais disse que sua mãe já devia estar dormindo e apontou para o quarto onde ela repousava. Seguiu mostrando os outros cômodos, que eram poucos, apenas mais um quarto pequeno, o banheiro e a cozinha junto a sala. Um lugar aconchegante, pequeno e modesto. Aquela altura Suzi começou a se perguntar onde dormiria, na sala havia apenas um banco de madeira, longo, mas que não parecia muito confortável. Então o rapaz a convidou para entrar no quarto, mostrando a cama onde ambos iriam dormir.

## O desconfortável primeiro beijo

Neste momento ao olhar para Suzi percebo seu semblante contrair, como se estivesse fazendo força para conter algo. Desde o começo desta nova etapa de sua história eu fico me perguntando onde chegaremos. Pois já no começo ela prendeu minha atenção ao questionar se eu estava pronto. E isso ficou martelando em minha cabeça, porque a entonação que usou não foi do tipo de quem estava perguntando apenas para checar. Parecia mais um aviso, como se estivéssemos entrando em uma área proibida e perigosa.

Infelizmente a memória, mesmo que imaterial, pode carregar um enorme peso. Tudo depende do sentimento que ela remonta, e seus efeitos não são sentidos apenas em quem a resgata, mas também em quem a ouve transformada em palavras. Talvez seja isso que tenha preocupado a jovem senhora no começo de nossa conversa, sabendo quais os próximos caminhos seguiria por suas lembranças, achou necessário garantir que eu estaria preparado para lhe acompanhar.

\*\*\*\*\*

A menina nunca havia dormido com alguém, no sítio deitava no canto do quarto, afastada de suas irmãs. Então de início, movida por sua inocência e pelo constante sentimento de rejeição que recebia dos outros, estranhou o fato de Moraes querer dormir ao seu lado. Acreditando que a causa disso fosse o fato de a casa não ter outro espaço para que ela repousasse, ofereceu-se para dormir no chão, ao lado da cama do rapaz. Porém ele insistiu, alegando não haver problema.

Após muita conversa, mesmo estranhando e achando que estava causando incômodo, a garota deitou-se ao lado do rapaz. Ambos repousaram de barriga para cima, olhando para o teto, com a mão sobre o peito e os ombros se encostando. Suzi ficou com o olhar fixo em um feixe de luz que entrava por alguma fresta nas paredes. Apreciava encantada a

sincronia da poeira dançando pelo ar, iluminada apenas por aquele risco de luz da lua que invadia o quarto parecendo algo mágico.

De repente a luz some, encoberto pela cabeça do rapaz que havia projetado a parte de cima de seu tronco sobre a garota. Assustada com o movimento repentino de Moraes, ela ficou estática, imaginando que ele estivesse conferindo se ela dormia. Então sentiu a mão do rapaz passar para o outro lado, se apoiando no colchão. Desta vez Suzi pensou que ele deveria estar querendo sair, para ir ao banheiro ou algo assim. Mas não, ficou parado mais alguns segundos. A respiração dele começou a ficar ofegante, ela podia sentir as rajadas de ar vindo com mais velocidade em seu rosto e o movimento da barriga dele se contraindo só aumentava. Agora começava a ficar nervosa e o ritmo de sua respiração acompanhava o dele.

Sem saber o que estava acontecendo, a menina aguardava em silêncio, com medo de incomodá-lo com uma pergunta. Com o aumento da tensão o desconforto também cresce e Suzi começa a sentir-se presa entre os braços do garoto. Haviam se passado apenas alguns segundos desde o rompante que levou Moraes àquela posição. Só que o silêncio e a incerteza do que estava acontecendo, fizeram com que parecessem horas para a garota. Tudo que ela queria naquele momento era voltar a observar a poeira dançando na luz do luar.

Porém, os planos do rapaz eram outros. E após alguns segundos parecendo uma estátua, com metade do corpo sobre a garota, ele desce lentamente seu tórax. Suzi sente suas barrigas se encontrarem, o bafo que sai pela boca dele ficava cada vez mais próximo. Até que seus rostos se encontram e suas bocas se tocam. O beijo foi o combustível que a jovem precisava para sair de seu estado de paralisia, mas não estava acordando de um sono profundo como a Bela Adormecida. Muito pelo contrário, ela estava bem atenta e não precisava ser despertada por um suposto príncipe.

O toque dos lábios foi como uma fagulha, acendeu algo quente dentro de Suzi, que subiu de seu estômago como água fervente e a despertou da inércia que aquela situação desconfortável estava lhe impondo. Então com um

movimento rápido empurrou Moraes pelo peito, o jogando de volta para o seu lado da cama. O silêncio que seguiu aumentou o nível de desconforto da situação, a respiração de exasperação da menina ecoava pelo quarto. Enquanto o rapaz não moveu nenhum músculo do seu lado da cama. Os segundos se passaram e não houve nenhuma troca de palavras.

A garota continuava atenta e percebeu que ele se movimentava novamente, mas desta vez estava apenas ajustando o corpo para o outro lado, dando a impressão de que iria dormir. Suzi ainda sem entender o que acabara de acontecer, começou a se acalmar, estabilizando a respiração. Podia olhar de volta para o feixe de luz, mas desta vez não conseguia apreciar o bailar das partículas de poeira, pois em sua mente só conseguiu procurar uma resposta. Ela não compreendia a atitude do seu colega de cama e nem a sua própria, ao empurrá-lo de forma tão brusca. Não sabia de onde tinha vindo a raiva que a dominou naquele momento, nem o que a motivou.

Só sabia que sentia-se estranha, acabara de escapar de outro lar problemático para ir morar com pessoas desconhecidas. Estava em um lugar diferente e pela primeira vez dividia a cama com alguém, que ainda por cima tentou beijá-la. Era muito para uma menina de 13 anos processar. Mas não foi para o homem de 20 anos ao seu lado, que após alguns minutos começou a roncar no mais profundo sono. Como se nada tivesse acontecido e fosse apenas mais uma noite de verão.

\*\*\*\*\*

Moraes e Suzi haviam combinado seu plano para ser executado em um sábado, sendo que no domingo o rapaz não trabalhava e poderia ajudar a menina a se instalar na casa, assim como levá-la para conhecer a vizinhança. Mas não foi bem assim que as coisas aconteceram. Acostumada a acordar cedo para trabalhar na fazenda, a jovem já estava com os olhos arregalados assim que o sol nasceu. Na verdade, nem tinha certeza se realmente havia dormido após a noite atípica.

O feixe de luz, antes meio azulado, agora dava lugar para um raio de sol que atravessava de um lado ao outro pelo quarto, projetando na parede da outra extremidade um círculo de luz. A garota ficou por longos minutos observando aquela linha amarela, pensando no que faria e quando seu colega acordaria. O que não aconteceu tão cedo e Suzi teve que levantar-se por conta, pois precisava ir ao banheiro.

Quando voltava para o quarto, para esperar Moraes acordar, a menina deu de frente com a mãe do rapaz. Ali, no meio da sala e com os rostos de quem haviam acabado de acordar, que elas se conheceram. Dona Zilda era uma senhora de baixa estatura, cabelos grisalhos e pele enrugada, deveria ter um pouco mais de 50 anos. Uma mulher pacata e simples, que tratou Suzi com respeito e de forma amistosa no tempo em que a garota ficou ali. Seu marido havia falecido anos atrás, quando Moraes ainda era adolescente, devido ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

E assim, o primeiro dia da menina em sua nova morada, não foi nem um pouco como esperava. Após a esquisita noite mal dormida, os planos que havia feito com seu parceiro de fuga foram por água abaixo. Mas por sorte, a senhorinha se mostrou solícita e foi uma boa anfitriã, apesar de Suzi ter se sentido muito acanhada em interagir com ela. Juntas circundaram a casa e seus arredores, assim como os comércios mais pertos e até fizeram uma visita ao filho mais velho de Zilda, que vivia com sua esposa. Porém o grande destaque foi o rio que corria ali perto. No local, como em uma paisagem de filme, muitas mulheres com suas bacias ao lado lavavam pilhas e pilhas de roupas.

Dona Zilda explicou que era ali que todos lavavam suas roupas. Que a água corrente e as pedras ajudavam a tirar a sujeira mais grossa das peças que eram usadas para trabalhar nas plantações de trigo. Aquela região de Arraial havia se desenvolvido devido às muitas famílias que migraram de outras cidades, para justamente trabalhar no setor agrícola que cresceu bastante nos arredores, com enormes fazendas de gado e trigo. Então a

rotina de todos era muito parecida, algo que Suzi descobriria mais tarde ao ter que fazer parte do ciclo produtivo do local.

## Expectativas frustradas

Morais só acordou após o meio-dia, algo que era hábito seu aos domingos, mas que esqueceu de avisar Suzi que o esperou angustiada, sem saber o que fazer. De qualquer modo foi ajudando dona Zilda no que podia, pela primeira vez trabalhou na cozinha, aprendendo e ajudando a descascar alimentos. Quando ela e o rapaz puderam conversar, ficou mais claro qual a posição que iria ocupar ali na casa dos Santanas.

Quando estava decidindo se fugia ou não da fazenda, imaginou várias realidades possíveis para sua nova empreitada. Conhecendo um pouco mais sobre o mundo, agora tinha essa nova habilidade da qual foi privada por muito tempo, a imaginação. Então acabou criando muitas expectativas, que não foram nem de longe supridas. Sonhou em ter seu próprio quarto, que poderia arrumar como bem entendesse, sua própria cama com um colchão, para não precisar mais dormir no chão e principalmente, acreditava que teria um pouco de paz.

Só que infelizmente mais uma vez a vida lhe levava por uma série de desventuras, um novo caminho obscuro e imprevisível. E isso começou a ficar perceptível quando Moraes lhe explicou suas reais intenções ao tirá-la da casa dos Silvas. O rapaz de 20 anos, havia nutrido pela menina de 13 anos sentimentos além da amizade. Seu convite para livrá-la da penitência que vivia no sítio estava cheio de segundas intenções, camufladas por sua constante demonstração de amizade e afeto por Suzi. Que na verdade, era simples e puramente um desejo carnal.

A garota, ainda sem experiência, não entendia muito bem aonde aquilo chegaria, mas os argumentos que Moraes usou foram suficientes para convencê-la a ficar ali. Ele usou uma tática vil e traiçoeira, que seria uma arma potente para controlar a menina. Se apoderou do maior temor dela naquele momento para coagi-la e fazê-la aceitar a posição de ser sua namorada. Ameaçando lhe devolver para os Silvas, o rapaz adquiriu controle

total sobre Suzi, que temia por sua vida caso caísse nas mãos de seus familiares após ter orquestrado uma fuga.

Por sua vez, a família Silva seguia sua vida ignorando o fato de que um membro faltava. Até o burro retornou a sua antiga função, carregando o leite de fazenda em fazenda. Tudo voltava a ser como a mais de dois anos atrás, antes de Suzi aparecer no sítio pela primeira vez. Provavelmente, só quem sentiu sua falta foi Estrela, uma das vacas da qual Suzi cuidava e pela qual nutriu uma certa amizade após a partida do tio Afonso. A vaca acabou se tornando uma ótima companhia, virando confidente da garota.

\*\*\*\*\*

Agora um pouco mais ciente de como as coisas funcionariam em seu novo círculo familiar, a menina começava a tentar se encaixar. Começou a trabalhar como os outros moradores ali da região, de boia-fria. Todo dia de manhã cedo saía de casa para subir na traseira de um caminhão, onde era levada para alguma fazenda, para trabalhar na lavoura. Era um serviço migratório, iam para onde tivesse algo para ser feito e sempre tinha em algum lugar. Um trabalho, na época, desumano e cansativo. Que hoje é realizado com facilidade por maquinário agrícola.

Suzi saía antes do sol nascer e voltava um pouco antes dele se pôr. Morais, agora com o título forçado de namorado, revelou que não tinha um emprego.. Vez ou outra saía para fazer um bico, porém sempre voltava tarde, muitas das vezes fedendo a cachaça. Um péssimo hábito que herdou de seu pai, dar uma passada no bar antes de voltar para casa.

A garota, além do cansativo trabalho, quando chegava em casa tinha que pegar uma trouxa de roupas e ir até o rio para esfregar peça por peça. Atividade que já foi de dona Zilda, mas que há um tempo era feita por Morais, já que a senhora não tinha mais tanta força para tal. Porém, o rapaz nunca executou com êxito ou mesmo com vontade, fazia apenas por obrigação. E agora, obrigava Suzi a trazer as roupas bem limpinhas. Algo que

era muito familiar para a menina, pois havia sofrido pressão semelhante na casa dos Souzas.

\*\*\*\*\*

Suzi me conta que em viagem recente para sua terra natal, foi visitar o local onde lavava as roupas. Porém, disse que foi difícil acreditar que aquele era o mesmo lugar onde corria um glorioso, largo e vasto rio. O que tem agora é apenas um filete de água misturado com o esgoto que sai das várias casas que foram construídas ao seu redor.

Ela ficou assustada com o tanto que havia mudado, mas afinal, já faziam mais de 30 anos desde sua partida de Arraial. E esse seu retorno, após tanto tempo, foi para reencontrar alguém especial que foi obrigada a abandonar. Uma dor que carregou por muitos anos, por causa de erros que a forçaram a cometer. Dos caminhos tortuosos que percorreu, um dos mais difíceis foi enquanto vivia com os Santanas.

## Uma escolha forçada

Mãe de quatro filhos, tendo criado apenas três, Suzi relata que eles também passaram por muitas dificuldades e lutaram contra diversos fatores em suas vidas, principalmente a pobreza. Só que hoje, todos estão bem encaminhados e seguem um trajeto diferente daquele que ela fez. E Uma boa parcela disso se deve justamente a ela, que se esforçou para proporcionar uma experiência de vida o mais longe da realidade em que sobreviveu.

Quando ganhou sua segunda filha, prometeu que lhe daria tudo que nunca teve, desde a possibilidade de frequentar uma escola. Isso se repetiu para seus dois próximos filhos, ambos meninos. E fez o que estava a seu alcance para guiá-los pelos melhores caminhos possíveis, mesmo que cada um tenha optado por seguir o seu próprio. Os olhos de Suzi se enchem de lágrimas ao tocar no assunto. Com tudo que enfrentou, ter conseguido dar a seus filhos uma vida mais digna, é algo do qual realmente deve se orgulhar. Teve que passar por outras provações que poderiam ter interrompido seu caminho até aqui.

\*\*\*\*\*

O possível conto de fadas que a garota imaginou, mesmo sem saber o que era uma fábula, transformava-se a cada dia em um pesadelo. Mais um dos tantos que já vivera até ali. Estava começando a ficar acostumado a ter que enfrentar tantos desafios, porque afinal, desde seus primeiros minutos de vida teve que matar um dragão a cada dia. Foram 10 anos de escravidão e exclusão na casa dos Souzas e quase 3 anos de perseguição e exploração com os Silvas. Agora, além de um novo trabalho desumano, era forçada a entrar em um relacionamento, que mostrou-se ser extremamente abusivo.

Além de fazê-la lavar suas roupas mesmo após um dia cansativo de trabalho, Morais a perseguia e tentava constantemente ter relações com a garota, principalmente quando chegava embriagado em casa. Sua mãe até

tentava intervir, mas não tinha voz ativa para tal. E Suzi, por sua vez, já acostumada a fugir, conseguia escapar. Às vezes trancando-se na patente, ou saindo de casa e ficando na rua por algumas horas até o seu algoz pegar no sono. Viveu assim por cerca de 1 ano, fugindo a cada investida e negando os desejos do rapaz.

Morais havia explicado que uma hora ou outra ela teria que se deitar com ele para consumir o ato. E mesmo não sabendo o que era aquilo e tudo que estava envolvido numa relação, Suzi temia e tinha pavor de se imaginar com aquele homem. Além de tê-la iludido, tornava-se a cada dia mais repugnante para a garota. Chegava em casa bêbado e fedendo quase todos os dias, a perseguia e fazia ofensas horrorosas, sempre muito violento para no dia seguinte se desculpar e prometer que não se repetiria, o que, nas primeiras vezes, a menina até acreditou. Isso porque era difícil imaginar que aquela pessoa tão amigável e que contava tantas histórias bacanas, na verdade era tão diferente do que demonstrará.

Esses momentos, assim como os que ela passou com os homens da família Silva, deram início aos traumas que carrega até hoje. Abusadores e homens que queriam aproveitar-se dela, tragicamente é algo constante em sua história. Assim como na de muitas mulheres, que ainda passam por graves situações de abuso nos dias atuais. E tudo isso pelo que ela passou, criou uma dificuldade em se comunicar e se aproximar de outros homens, a deixando com receio, insegura e, de certa forma, remoendo as atrocidades que sofreu.

\*\*\*\*\*

O mais triste é que o pior ainda estava por vir. Até agora ela fora perseguida e torturada psicologicamente, o que por si só já causa um trauma enorme para uma criança, mas infelizmente sabemos que isso ainda não é a parte mais devastadora. E o fato de termos consciência disso e de já estarmos imaginando qual é a próxima lembrança que Suzi luta para compartilhar, mostra o quanto erramos como sociedade. O quanto erramos com nossas

crianças que continuam sofrendo este tipo de abuso até hoje. Erramos quando deixamos para nos manifestar só depois do ato ter sido consumado.

E hoje temos diversas possibilidades de fazer algo para mudar essa realidade, ao contrário da época em que a jovem senhora era apenas uma garota inocente, obrigada a viver com um homem que se autoproclamou seu namorado. Um adulto de 21 anos, que buscava incessantemente levar uma menina de 13 anos para cama contra sua vontade. Uma situação tristemente comum em nosso país, mesmo hoje em dia.

\*\*\*\*\*

Suzi não fugia de vez das garras de seu malfeitor porque não tinha para onde ir. A única família que conhecia era justamente o motivo que a mantinha refém daquele homem. O dinheiro que ganhava era usado para ajudar a manter a casa, mal tinha uma peça de roupa decente para usar. Não tinha quem a protegesse, ou a orientasse, e muito menos alguma política pública que a defendesse. A sociedade em volta não era cega, mas também não faziam questão de enxergar. Afinal, esse tipo de situação era constantemente normalizada com o ditado que prevalecia na época, de que em briga de marido e mulher não se mete a colher. O que eles não sabiam ou não entendiam, é que não havia briga. Na verdade, o que havia era agressão e abuso de uma das partes. Tudo dentro de uma relação que nem existia de fato.

A jovem lutou o quanto deu, mas a situação estava ficando cada vez mais difícil. O homem, cada vez mais impaciente. As chantagens aumentavam, dizia que a mandaria de volta para a casa dos Silvas, depois ameaçava jogá-la na rua e assim seguiram-se os dias. Suzi argumentava da forma que podia, negava e fugia. Porém, em uma fatídica sexta-feira chegou em casa e Moraes já a esperava sentado no banco de madeira, bebendo uma cerveja e com uma trouxa de roupas no chão.

Primeiro a garota pensou que fossem as peças sujas para lavar, mas depois entendeu que eram as suas. O rapaz estava lhe dando um ultimato. Ela se viu sem escapatória, se fosse para rua não sobreviveria. Mas também não podia voltar para as garras da família Silva, ainda mais que agora nem o tio Afonso estava lá para tornar as coisas mais suportáveis. Só lhe restava ceder a chantagem e fazer o que Moraes queria.

## A violação ao seu corpo

Em minha frente Suzi une suas mãos em cima da mesa, com a direita apertada a esquerda com força, baixa a cabeça e respira fundo. Fica em silêncio por alguns segundos, como se tivesse procurando o arquivo em sua memória que contém a próxima parte da história. Ou talvez estivesse decidindo se realmente estava pronta para mergulhar nessa parte profunda do seu passado.

Foi aí que percebi que só agora estávamos chegando nas lembranças das quais ela estava me preparando desde o início deste encontro. Então estendo minha mão sobre a mesa e intervenho no autoflagelo que ocorria com as suas. Seguro sua mão esquerda e ela repousa a direita por cima. Era apenas uma tentativa de tranquilizá-la, não tinha pretensão de continuar com a nossa conversa naquele dia.

Só que Suzi queria se livrar logo daquele peso, passar por essa parte de sua memória e seguir adiante. A dor que essa lembrança em específico lhe trás é maior que as outras. Por isso, foi mais difícil de expor e apenas deixei que ela liberasse essa carga da forma como fosse mais confortável. E assim, segurou a minha mão cada vez com mais firmeza, como se estivesse certificando-se de que eu estava ali com ela, foi normalizando a respiração. Fechou os olhos, concentrou-se e deu mais uma puxada com força no ar.

\*\*\*\*\*

A jovem de apenas 14 anos já havia passado por tantas experiências traumáticas e sofrido diferentes tipos de agressões, mas nada se compara a como ela se sentiu naquela noite em que foi obrigada a ir para a cama com aquele homem. Em um ano convivendo com Moraes, o único sentimento que conseguiu cultivar foi repulsa. Seja pela forma como ele agia e tratava ela, seja por causa da grande decepção que ele se tornou em sua vida. Na verdade, foi um conjunto de situações e motivos que só corrompiam a

imagem dele na mente da garota, sobretudo pelo que ele estava prestes a fazer com ela.

Ainda hoje, enquanto me relata esse momento, a jovem senhora demonstra o sentimento de nojo que sente por Moraes, mesmo anos depois de tudo que vivenciou com ele. Se revolta por ter caído na história do príncipe encantado, por ter ido viver com ele, sente desprezo pela forma como ele a tratou, por tudo que fez, principalmente, por tê-la estuprado. E esse é o sentimento mais confuso de Suzi, mais angustiante, que ela guardou por muito tempo. Por medo, não do estuprador que já é falecido, mas por causa do olhar julgador da sociedade, que condenaria com muito mais veemência aquela jovem que foi forçada a ter relações, do que o homem que a violentou, ainda menina, sem condições de se defender.

Ao falar sobre o ato vil, ela diz que: “Foi como se ele tivesse me estuprado”. Precisei corrigi-la porque se foi contra sua vontade, é de fato estupro. E Suzi nunca havia falado abertamente sobre isso, essa era a primeira vez que compartilhava esta memória em voz alta, e também era a primeira vez que se refenciava ao acontecido como estupro. E isso se deve muito a banalização desse tipo de relacionamento. Ela não era a única pré adolescente a ser forçada e manipulada a deitar-se com um homem adulto, contra a vontade. Por mais revoltante que seja, a sociedade por anos tratou do assunto, ou melhor, não tratou desse assunto e normalizou a situação. Isso se reflete ainda nos dias atuais, com um enorme número de casos de abuso sexual contra menores.

\*\*\*\*\*

A situação já era horrível pelo fato de ser um ato forçado, contra sua vontade e com uma pessoa repugnante. Só que a conjuntura do momento ainda foi pior, porque além de toda a violência que sofreu, no final Suzi se viu toda ensanguentada em meio aos lençóis. O pavor a dominou, não fazia ideia do que estava acontecendo, foi tudo tão rápido, doloroso e de repente

havia muito sangue. Em meio a todo esse desespero e a indiferença do rapaz que também não entendia o que estava acontecendo e nem parecia se importar, a garota começou a chorar e gritar.

Foi aquele choro de soluçar, um choro alto, que a mãe de Moraes ouviu do outro quarto. E para sorte da menina, ela soube e pôde ajudar. O sangue era a primeira menstruação de Suzi. Algo sobre o que a jovem nunca tinha ouvido falar, pois não teve ninguém para lhe explicar que em determinado momento aquilo aconteceria. E além de ter sido privada desta informação, deu a infelicidade de se deparar com aquela poça vermelha em sua frente logo após ter vivenciando uma das piores experiências de sua vida.

Acumularam-se coisas ruins demais naquela noite, a dor da relação forçada e violenta, o desconforto da menstruação e o sentimento de violação que a garota sentiu. Tudo culminando em uma cicatriz difícil de se apagar da memória, que continua tão viva na mente de Suzi que chega a ser quase impossível para ela falar, ainda hoje. Mas sua reação fala por si só e mostra o tamanho da marca que esse momento deixou em sua vida.

## O nascimento da motivação para continuar

Curiosamente, 1.979 foi oficializado pela ONU como o Ano Internacional da Criança, que tinha o objetivo de levantar questões que envolvessem os problemas que afetam as crianças em todo o mundo. No Brasil, a programação da Rede Globo dedicou um dia inteiro para o tema, movimentando todo seu panteão de famosos em prol da causa. Infelizmente na pequena Arraial o aparelho de TV era artigo de luxo, que só tinham posse as famílias mais abastadas. Suzi nem fazia ideia do que era uma televisão, mas já havia ouvido a palavra no rádio em uma das fazendas na qual trabalhava.

A lei no Brasil só considera criança a pessoa com até 14 anos incompletos. Suzi havia completado 14 anos em 79, meses antes de ser estuprada, o que não a tornou adulta e muito menos apta para a prática sexual. Mas nada disso, nem mesmo os 8 anos de diferença entre eles, impediram Moraes de forçá-la a se deitar com ele. Nada disso foi relevante para a comunidade ao redor, que nem soube da violência que havia ocorrido. Provavelmente sempre se teve a ideia de que aquela prática já era comum entre os dois. Mesmo antes de a menina ser considerada uma adolescente perante a lei, o que ainda assim, não normalizava a situação.

\*\*\*\*\*

Tudo seguia normal na pequena Arraial e na casa dos Santanas. Só que para a jovem Suzi algo estava diferente, sentia-se deslocada, vivendo os dias no automático, perdida em si mesmo. Passava parte do dia dentro da carroceria de um caminhão lotado de gente, mas sentia-se sozinha o tempo todo. Não teve ninguém ao seu lado para lhe aconselhar ou simplesmente ouvir o que sentia. Os dias foram passando e ela teve que ir suprimindo tudo dentro do seu peito, com a esperança de que em algum momento toda aquela angústia sumisse. Algo que nunca aconteceu.

A chegada de sua menstruação fez com que Moraes parasse de a incomodar, mas ela sabia que era só questão de tempo e buscava por uma alternativa que lhe ajudasse a fugir. Pensou em esconder dinheiro até ter uma quantia razoável para se virar, mas não sabia muito bem o que fazer depois e nem para onde ir. Nenhuma das opções que imaginava parecia viável e ela não tinha experiência suficiente para saber qual passo deveria dar para sair daquela situação. E elaborar esse plano se tornaria ainda mais difícil, porque tudo estava prestes a mudar em sua vida mais uma vez.

Além das incertezas, dores e angústias, algo a mais lhe incomodava. Só que parecia ser físico, pois começou a passar mal com frequência, tendo que faltar algumas vezes ao trabalho. Quando compartilhou o que sentia com dona Zilda, esta não teve dúvidas e falou que sentiu o mesmo quando esteve grávida de seus filhos. Então teve que explicar para Suzi de onde vinham os bebês e como era todo esse processo. E todos aqueles sentimentos que a garota suprimiu, se intensificaram, agora queimavam em seu peito e a enchiam de desespero.

Uma jovem que havia acabado de deixar de ser criança, segundo a lei, estava carregando outra criança em seu ventre. Além de despreparada para tal, não tinha o mínimo suporte necessário para enfrentar essa situação que já havia sido gerada a partir de uma experiência traumática. Outra vez experimentando uma realidade que assola milhares de crianças e adolescentes por todo o país, até mesmo muitas mulheres já adultas, que são abandonadas por seus companheiros e familiares a mercê do destino.

Suzi não foi abandonada pelos Santanas, mas também não teve uma vida fácil ao lado deles. Apesar de o grande malfeitor ter sido apenas Moraes, o restante da família também compactuou de certa forma com seus atos. Não intervieram no relacionamento abusivo que ele tinha com a garota, permitindo que chegasse em um ponto tão extremo que não teve mais volta, o que forçou a jovem a ter que se acostumar com a ideia de ser companheira do homem que havia lhe violentado. Além disso, teve que aceitar o fato de carregar uma criança gerada dessa violação de seu corpo. Algo difícil de

digerir para qualquer pessoa, mas que uma garota de apenas 14 anos, com um histórico de vida tão difícil, teve que enfrentar.

\*\*\*\*\*

Obviamente as coisas não foram fáceis no processo de gestação, com o corpo franzino da menina tendo que chegar ao limite para dar conta de carregar outra pessoa dentro do ventre. Suzi continuou trabalhando o quanto deu e conseguiu evitar as investidas de Moraes que continuaram, mas eram repelidas com a justificativa de ter uma bebê dentro dela. Conseguiu enfrentar os nove meses, assim como já vinha enfrentando a vida todos os dias.

Nesse período ela debutou, mas no lugar de um belíssimo vestido de 15 anos usava algumas roupas velhas doadas por vizinhos e parentes dos Santanas, pois as que tinha já não lhe serviam mais. No lugar do bolo, seguia comendo o mesmo feijão com farinha. E talvez a única pessoa que se lembrara de seu aniversário aquele dia, foi o bebê em sua barriga que incessantemente chutava, fazendo de tudo para chamar a atenção, como se quisesse alertá-la de que não estava mais sozinha.

O dinheiro que ganhava trabalhando na roça, que já era pouco, agora nem via a cor, parte ia para a casa e outra parte para algumas poucas coisas que o bebê precisaria quando nascesse. Outra parte ia para a vida boêmia de Moraes, que não cessou quando soube que seria pai, muito pelo contrário, a responsabilidade de ter um filho aumentou ainda mais sua sede pelo álcool no começo da gestação de Suzi. Mas após oito meses e com a barriga parecendo que iria explodir, a jovem mãe parou de trabalhar. Então em algumas semanas sem o dinheiro que a garota trazia todos os dias do trabalho como bóia fria, o rapaz percebeu que precisaria mudar sua atitude e ser mais colaborativo, se não até ele passaria fome. Mais por obrigação do que por vontade ele diminuiu suas idas ao bar.

\*\*\*\*\*

Dois dias após completar nove meses desde que havia sido violentada, Suzi deu à luz a uma pequena menina, toda rosadinha e enrugada. Ela não tinha ideia de como seria, não imaginava que sentiria tanta dor a ponto de achar que iria morrer. A tal magia do parto pela qual tantas mães passam não se fez presente naquela noite, provavelmente porque a garota de 15 anos não deveria e não tinha a intenção de passar por aquilo. Mas teve que juntar toda sua força e aguentar mais aquela situação, para a qual seu corpo e sua mente nem tinham estrutura.

No primeiro momento em que teve a bebê nos braços, após o parto, a jovem se perguntou se havia nascido assim, tão frágil e pequena. Naquele instante a ideia de que sua mãe biológica, Magda, lhe havia abandonado não fazia sentido, como alguém teria coragem? Depois de passar por todo aquele sofrimento e ver aquele pedacinho de gente que acabara de colocar no mundo, não conseguia imaginar que algo de ruim pudesse acontecer com algo tão precioso. Não entendia como ela passou por tantas coisas ruins se também já fora um bebê. Era irreal imaginar que Carmen a olhou por tanto tempo naquela condição, e ainda assim teve coragem de escravizá-la e torturá-la.

Ali, no mesmo hospital que havia nascido 15 anos atrás, a garota dava à luz à sua primeira filha, Jaqueline. Mas não era só o bebê que veio ao mundo naquela noite. Uma nova Suzi também começava a florescer, só que não foi através do processo natural que deveria passar. A jovem foi arrancada de suas raízes ainda muito cedo, obrigada a se adaptar em um mundo que não lhe dava o necessário para crescer da forma correta. Então, igual a uma árvore que sobrevive em meio ao concreto da cidade, ela resistiu, agora com uma motivação maior em seus braços.

# CAPÍTULO 4: OS SANTANAS

## Começando uma nova jornada

No dia em que me contou sobre a experiência de dar à luz pela primeira vez aos 15 anos, sem preparo nenhum para aquela montanha russa de emoções, eu olhava velhas fotografias em um velho álbum que Suzi havia me entregado antes de nosso papo começar. Ela andava de um lado ao outro ajeitando a casa, preparando o café e eu me entretia na busca de algum registro que pudesse despertar novas memórias que tenham passado despercebidas. E mesmo olhando página a página cuidadosamente, não vi nada que remetesse a algum daqueles momentos pelos quais já havíamos passado em sua memória. Foi aí que me dei conta de que talvez não houvesse registro daquela época em específico. Na verdade, todas aquelas fotos foram tiradas durante o segundo relacionamento da jovem senhora, onde teve seus outros três filhos. E em nenhuma Jaqueline fazia parte.

Os anos 80 foi um período de muitas transformações, com alguns acontecimentos importantes e que marcaram a história da humanidade, como a queda do Muro de Berlim, um ato simbólico que tem sua importância até hoje. No Brasil também vivíamos nosso momento político de destaque, alcançando o fim da ditadura militar após 30 anos e tendo a primeira eleição direta após o regime. Foi uma década marcante, com vários conflitos e desastres como o de Chernobyl. Porém, hoje, quando falamos dos anos 80, pensamos em luzes neon, roupas coloridas, fliperamas e o auge da música POP com a Michael Jackson e Madonna arrebatando.

Isso acontece porque temos a tendência de guardar na memória essas referências que nos alegram, nos satisfazem e despertam o desejo de irmos

até aquele momento prazeroso. Mas analisando tudo que aconteceu nessa década em questão, podemos dizer que *Strange Things*<sup>1</sup> não está tão longe da realidade. Eles conseguiram trazer toda a atmosfera que imaginamos sobre a época, incrementando através da ficção, um pouco da realidade vivida por muitas pessoas que estavam escondidas à margem da sociedade e que constantemente precisavam fugir de monstros devoradores de almas. E foi esta que continuou sendo a realidade da jovem Suzi em Arraial, agora com sua filha recém nascida, Jaqueline.

\*\*\*\*\*

Já no primeiro mês com a bebê em casa, Suzi recebeu a notícia de que se mudariam, mas primeiro ela precisaria ir na prefeitura assinar uns papéis. Sem entender nada ela simplesmente acatou e foi com o irmão de Moraes e sua esposa até o local. Chegando lá lhe explicaram que precisava colocar seu nome em um papel, mas ela nunca havia feito isso, não sabia ler e nem escrever. Aprendera a fazer compra, quando necessário, pelos desenhos nas embalagens ou pela imagem e característica do produto. Então a saída foi fazer um símbolo qualquer, como se fosse sua assinatura.

Na volta para casa, os dois que lhe faziam companhia explicaram que o papel dava direito a uma casa e como ela, Moraes e Jaqueline eram uma família de baixa renda, a prefeitura iria ceder um terreno para eles poderem viver. Aparentemente isso fazia parte de alguma política pública da época e da região, para fomentar e incentivar a mão de obra barata nas lavouras, concedendo moradia em troca de trabalho.

A garota não havia entendido muito bem o que aconteceu, então simplesmente aceitou tudo aquilo. Só que o mais intrigante em toda a situação foi ouvir que eram uma família. Afinal, o conceito de família ainda era algo muito estranho para Suzi. A jovem já havia passado por outras duas

---

<sup>1</sup> É uma série de televisão americana dos gêneros ficção científica, terror, suspense e drama adolescente criada, escrita e dirigida pelos irmãos Matt e Ross Duffer para a plataforma Netflix.

e em nenhuma havia sido tratada como uma parte importante daquele grupo. Não queria mais uma vez fazer parte de algo onde seria maltratada, escravizada e violentada, muito menos, que sua filha passasse por tudo que ela passou.

Suas experiências anteriores acabaram deturpando o conceito de família, lhe dando uma visão muito negativa do que era estar neste círculo de pessoas. Algo triste, porque neste momento da sua vida, mais do que nunca precisava entender o verdadeiro significado e saber que um grupo familiar era muito mais do que havia experienciado até então. Teria que descobrir como constituir um âmbito familiar que fosse saudável e diferente de tudo que conhecia, para que Jaqueline crescesse em uma situação melhor que a sua. Uma tarefa difícil para uma garota de 15 anos que nunca teve muito contato com afeto e que como exemplo, teve duas mães relapsas e violentas.

\*\*\*\*\*

Um mês após ter assinado aquele papel, já estava se mudando para sua nova morada. O lugar ficava em uma região próxima, uma área em desenvolvimento na cidade, onde todas as casas eram iguais, pequenos quadrados de cimento com um telhado triangular, igual a um desenho de criança. Ficavam uma ao lado da outra, em fileira e na parte interna também eram todas iguais, sendo formadas por três quadrados, um era o quarto, o outro era o banheiro e o maior uma sala com cozinha.

Havia ficado decidido que Dona Zilda não iria morar com eles. Iria para a casa de seu outro filho, onde tinha mais espaço. E a partir daquele momento seria só Moraes, Suzi e Jaqueline.

A jovem estava temerosa e tinha pensado muito sobre essa nova situação na qual era colocada e receava o que poderia acontecer. Agora partiam para um lugar diferente e afastado das pessoas que conheciam, e mesmo que elas nunca tivessem intervindo de fato na relação abusiva que tinha com Moraes, a garota se sentia mais segura estando perto deles.

Por outro lado, agora ela tinha uma pequena preciosidade em seus braços, quase que uma pequena fonte de esperança, na qual precisava se agarrar para acreditar que as coisas poderiam ser melhores nessa nova empreitada. Também tinha fé de que as coisas mudariam porque Morais havia dado sinais de melhora em seu comportamento desde o nascimento de Jaqueline, chegando em casa sóbrio constantemente e indo direto brincar com a criança.

Assim, a garota começou a sonhar em como seria essa nova etapa, se imaginava em sua casa, na sua cozinha preparando deliciosas refeições, porque agora já sabia cozinhar, de tanto observar e ajudar Zilda. Mas o que mais gostava de imaginar é que desta vez realizaria as atividades domésticas sem ser por obrigação, ou com base em ameaças. Faria porque era a sua casa.

Tudo pelo que Suzi passou fez com que ela fosse enrijecendo com o tempo, tornando-se mais forte. Só que infelizmente, ela ainda carregava sua ingenuidade, ainda era apenas uma jovem sonhando com uma vida melhor. Continuava sendo a mesma de cinco anos atrás, que com um grito se libertou das garras de Carmen, em busca dessa tal vida melhor. Só que sua procura ainda não havia chegado ao fim.

## O início da desilusão

Se comparado ao histórico anterior, as primeiras semanas na nova casa foram tranquilas, Suzi passava o dia cuidando de Jaqueline e realizando as atividades domésticas. O que atrapalhava um pouco era a vizinhança, um lugar agitado, com muitas obras e pessoas chegando o tempo todo. A casa não parava limpa e o bebê não parava de chorar.

Como era sua primeira experiência como mãe, teve um pouco de trabalho, a única coisa que sabia era lavar e trocar as fraldas de pano. Lavar havia aprendido na casa dos Souzas, o que a preparou para o odor ruim que um ser tão pequeno era capaz de produzir. Já trocar fraldas aprendeu com os Silvas, vez ou outra era incumbida na função de limpar seu irmão mais novo, Eliezer. O resto, a vida foi lhe ensinando, como muitas outras coisas que teve que aprender sozinha.

Um desses aprendizados, que recorda com saudosismo, foi da época em que descobriu o tricô observando as outras mulheres da vizinhança. Elas tinham um grupo que se reuniam ocasionalmente em uma praça próxima a casa de Suzi. A jovem achava incrível ver aqueles pedaços de linha se transformando em peças de roupa, então no seu tempo livre decidiu aderir à prática, mas sem as ferramentas necessárias precisou improvisar. De um pedaço de arame velho fez a agulha, moldando no calor do fogão a lenha. Com restos de roupa e pedaços de linha que achou, fez seu próprio novelo de lã.

Munida de seus aparatos recém criados e após observar os movimentos que as vizinhas faziam com as agulhas, iniciou sua primeira tentativa. O resultado não foi o esperado, frustrada e com ânsia de aprender como aquilo era feito, tomou coragem e foi até o grupo de mulheres. Ao verem a jovem, toda maltrapilha devido a condição que vivia e com aquelas ferramentas impróprias para atividade, decidiram se unir para ajudá-la.

Aquelas que tinham algo sobrando doaram para a jovem. Uma senhora lhe deu a primeira agulha, outra mulher mais moça lhe deu a segunda

agulha, ambas de cores distintas. O restante lhe ajudou com a lã e com o aprendizado. Este conhecimento, Suzi pratica até hoje, sendo um de seus passatempos favoritos.

\*\*\*\*\*

A garota se esforçava para que tudo desse certo, via aquele recomeço como a oportunidade que tanto esperava. Só que lá no fundo de seu peito sentia algo estranho, um formigamento, como se alguma coisa não se encaixasse. E aquilo lhe causava desconforto, que muitas vezes vinha junto de uma tristeza profunda, que a consumia de dentro para fora. Era uma espécie de dor que a florava e tomava conta de seu corpo, a incapacitando e paralisando. Na maioria das vezes era trazida de volta pelo choro distante de Jaqueline, que como uma corda a puxava para a superfície.

E ao mesmo tempo que era uma sensação estranha, lembrava muito o que sentia quando era abandonada na escuridão da casa dos Souzas. Era como se não pertencesse àquele lugar, aquela situação, como se o mundo ainda pudesse ser melhor. Infelizmente parecia algo tão distante e impossível que a tristeza lhe dominava, trazendo junto um sentimento de impotência por não poder mudar o que estava errado.

Porém, Suzi ainda não era capaz de decifrar essas mensagens que seu corpo e sua mente mandavam. Na época, parecia certo viver com aquele homem, com o qual tinha uma filha, mas esse não era o cenário. A verdade era que estava vivendo com o homem que havia lhe enganado, chantageando, violentado e estuprado. Por mais que se esforçasse para enxergar de um ângulo diferente, onde as coisas estivessem bem, não conseguia. Porque cada vez que via Moraes, a única coisa que sentia era desprezo.

E como uma garota de 15 anos pode se livrar desta situação depois de tudo que passou? Ainda mais que todos em sua volta normalizavam tudo aquilo e diziam que eles formavam uma bela família, inclusive suas colegas

de tricô. O que só tornava tudo mais confuso em sua cabeça, porque não se sentia daquela forma, não via aquela família que as pessoas elogiavam. Só que a jovem realmente sonhava em fazer parte de algo assim e isso só alimentava sua ilusão, achava que poderia construir esse âmbito familiar perfeito com aquele homem que lhe havia feito tanto mal. E como todos apoiavam, realmente não tinha como ir contra isso.

\*\*\*\*\*

Morais não havia aumentado sua carga de trabalho, continuava fazendo alguns bicos ocasionais, que só supriam seus gastos com a cachaça. Então para poder dar conta das dívidas, Suzi teve que voltar a trabalhar. O homem continuava chegando em casa tarde, mesmo ainda não tendo encontrado um novo bar para frequentar, o que deixava-o ranzinza, mas não violento. Com o tempo começou a mostrar-se o típico marido de sofá. Só que no lugar da poltrona botava a bunda no único banco de madeira que tinham e só saía dali para ir dormir. Passava todo o tempo dando ordens e pedindo coisas para a garota, que além de uma filha para criar, era forçada a cuidar de um marido que nunca havia pedido para ter.

A situação ia ficando cada vez mais desconfortável à medida que o tempo passava. Moraes tinha desejos e queria coisas que a jovem não estava disposta a lhe oferecer, e assim, o ciclo de violência e perseguição recomeçava. Só que agora existia um agravante, Suzi precisava pensar no bebê, não podia simplesmente fugir. A jovem até tinha amadurecido, estava mais imponente e sabia que não podia aceitar ser colocada em situações contra a sua vontade. Aos poucos Suzi foi se rebelando, indo em busca de autonomia. Seguiu trabalhando como bóia fria, deixava Jaquelina com a avó de manhã bem cedo e ia para a carroceria do caminhão, atrás de um pedacinho de terra para capinar e poder juntar um dinheirinho.

Antes de voltar para casa precisava ir buscar a filha, o que poderia ser feito por Moraes. Só que ele se recusava, alegando que ela escolheu essa

situação. Então ela seguia firme, buscava a menina, caminhava quilômetros noite adentro até chegar em casa e ainda preparava comida para o companheiro que não levantava a bunda do sofá.

O pouco de independência que Suzi havia conseguido começou a afetar Moraes, que a tratava cada vez pior, fazendo de tudo para transformar seu dia em um inferno. Voltou a frequentar bares e chegar em casa fedendo a bebida. Parecia se importar menos com a filha também, passando os finais de semana debruçado em uma mesa de bar ao invés de brincar com Jaqueline.

E essa situação começou a abalar a garota, que ainda se alimentava do resto de ilusão que tinha de conseguir, um dia, formar uma família feliz. Só que ficava cada vez mais difícil imaginar que seriam felizes, cada vez mais se tornava impossível conectar a imagem daquele homem a qualquer coisa que fosse boa. Até a época em que eram apenas amigos e ele apenas a acompanhava nas entregas de leite, não pareciam mais reais. Moraes conseguiu estragar cada lembrança de Suzi sobre ele.

## Os primeiros sinais de instabilidade

De repente em minha frente noto que uma lágrima escorre pelo canto do rosto da jovem senhora. Ela parece olhar para o vazio enquanto gira o velho álbum de fotos em cima da mesa, como se em sua mente estivesse passando um filme e ela precisasse se concentrar para acompanhá-lo. Quando me preparo para perguntar se está tudo bem, Suzi suspira e em seguida vocifera: “Aquele homem fez da minha vida um inferno”. Claro que se referia a Moraes.

A forma como se expressou ao falar sobre ele, pareceu demonstrar que as memórias ao seu lado são muito mais dolorosas, ou transmitem uma indignação maior do que as outras pelas quais navegamos até agora. Quando falou de Carmen, por exemplo, era notável seu amargor por tudo que a mulher lhe fez passar e perder, mas ainda assim, não carregava o mesmo peso que usou para expressar o que sentia por Moraes. Por mais que a matriarca da família Souza tenha lhe feito de escrava por 10 anos e lhe tirando toda a infância, o rapaz parecia ter causado mais dano.

Talvez seja a diferença de perspectivas. Quando estava ao lado daquele homem era mais madura e tinha uma visão mais ampla do mundo, sabia tudo o que estava perdendo. Quando trancafiada na casa dos Souzas, tudo o que conhecia era o que tinha dentro daquelas quatro paredes. Cada um destes momentos dolorosos pelo qual passou, a marcaram de forma única e que só ela era capaz de sentir e entender.

\*\*\*\*\*

Já fazia mais de um ano que haviam se mudado para a nova casa. O trabalho de Suzi a deixava cada vez mais esgotada, Jaqueline precisava de mais atenção e Moraes não dava um minuto de paz. O relacionamento que já era tóxico e violento, ficava mais instável, com o rapaz constantemente tendo ataques de fúria e querendo controlar a garota a todo custo, que por

sua vez, não podia fazer como antes e fugir para longe, porque agora tinha uma filha para proteger.

Além de todo esgotamento físico devido sua rotina cansativa, havia também um esgotamento psíquico. Por mais que fizesse muito esforço para ser forte e tentar enfrentar tudo, era difícil simplesmente conviver com o homem que lhe havia feito tanto mal e relativizar a violência que sofreu nas mãos dele. Cada noite ao lado de Moraes era como reviver seu estupro mais uma vez. E como se esse trauma já não fosse o bastante, o carrasco tentava constantemente aumentar sua dominância, controlando como o dinheiro era gasto, as roupas que Suzi vestia e a impedindo de sair. Isso despertava em Suzi um sentimento forte de impotência, pois já havia lutado tanto para se libertar de outros malfeitores, e agora sentia como se estivesse regredindo e entregando-se a um ainda pior.

A garota não queria tornar-se novamente uma escrava, ainda mais agora, depois de tudo que já vivera, conhecera e principalmente, porque tinha uma filha, para a qual desejava proporcionar uma opção de caminho diferente daquele que cruzou. Só que a medida que Moraes intensificava seu poder, também aumentava sua violência, sobrando muitas vezes para a pobre Jaqueline, que constantemente era usada como barganha em suas chantagens psicológicas, ameaçando fazer algum mal à criança, caso Suzi não aceitasse determinada ordem.

Infelizmente essa é uma situação bem comum ainda nos dias de hoje, em que muitas mulheres são expostas a esse tipo de relacionamento, vivendo dentro de uma bomba relógio, perigosa e imprevisível. Além de sofrerem diversos tipos de violência, abuso e chantagens, sentem-se acuadas, sem escapatória. A sociedade ao redor, além de relativizar e normalizar esse tipo de situação, descredibiliza as vítimas. Em muitos casos pondo-as como culpadas e impedindo-as de se sentirem seguras para expor a verdade do que acontece dentro do relacionamento.

Muitas situações, como era a de Suzi e Moraes, não são vistas como algo perigoso. Isso se deve, por exemplo, ao fato de que o autor das agressões não

demonstra em público ser capaz de cometer esse tipo de ato. Só revela sua verdadeira face quando sente que sua autoridade ou seu poder está sendo questionado ou violado de alguma forma. O que faz da parceira, a vítima mais comum a presenciar este lado e sofrer com as consequências, devido ao convívio mais constante.

Era dentro deste ciclo que Suzi e Jaqueline viviam, a mercê de um homem violento, perigoso e imprevisível. Não importava para onde olhasse, a garota não enxergava uma solução, não sabia como poderia fugir daquilo sem sofrer algum tipo de consequência. E quando a vítima vai ficando sem opções, olhando ao redor em busca de alguma ajuda, mas vendo somente indiferença, ela começa a acreditar que só existe uma forma de escapar do pesadelo. Suzi se viu nessa situação e não se orgulha nenhum pouco da atitude que tomou.

## O fim torna-se o único caminho

Mais uma vez chegamos em um ponto delicado das memórias de Suzi, mas desta vez suas mãos não apenas se sufocaram, como começaram a se esfregar com intensidade, fazendo movimentos contínuos. De seus olhos, mais lágrimas caíam e a cabeça começava a balançar de um lado para o outro, em sinal de negação. Parecia que sinalizava para a próxima lembrança não se aproximar, fazendo força para que ela voltasse para o lugar de onde veio, como se nega-lá pudesse fazer com que ela deixasse de existir. Só que quando falamos em memória, não importa o quanto lutemos, ela é inevitável e em algum momento despertará.

Sendo assim, a jovem senhora parou de lutar, respirou fundo e deixou mais essa recordação chegar, mas não porque estava desistindo da batalha, simplesmente percebeu que para vencê-la seria preciso aceitá-la. Afinal, a memória é só um véu do passado, que faz muito mais mal quando o negamos. Então Suzi deixou aquela lembrança fluir e navegamos por águas agitadas. E de certa forma, acredito que não era apenas a memória que ela buscava impedir.

\*\*\*\*\*

Jaqueline já dava seus primeiros passos e tentava formar as primeiras palavras, que infelizmente acabavam sendo constantemente interrompidas pelo choro, que por sua vez, era despertado pela forma violenta que seu pai agia. Suzi sentia que o cerco ia se fechando ao seu redor, mantendo-a cada vez mais presa naquela situação, dentro de um ciclo de violência que ia se agravando devido a intensa rotina, fazendo com que os dias comessem a parecer todos iguais.

Acordava cedo, arrumava a bagunça que seu companheiro havia deixado na noite anterior, preparava Jaqueline, a levava para vó cuidar, ía trabalhar

debaixo de sol e chuva como bóia fria, voltava para buscar sua filha, lavava roupa, limpava a casa e cozinhava.

Fazia tudo isso já pensando no fim do dia, quando teria que aguardar a chegada de Moraes, normalmente bêbado e violento, sem razão aparente. Nos dias em que não bebia demasiadamente a ponto de apagar, obrigava a garota ir para cama com ele. Quando Suzi tentava recusar, o homem ficava mais violento e isso sempre resultava em agressão, sobrando até para a pequena Jaqueline. Então com o tempo a jovem começou a desistir de tentar fugir, pois não estava mais disposta a arcar com as consequências e nem ver sua filha sofrendo por isso.

Mais doloroso do que ceder aos desejos dele, era a sensação após o ato, algo que não sou capaz e nem tentarei descrever, pois só de olhar a expressão da jovem senhora, fica visível o desconforto e o quanto aquilo havia lhe machucado. Afinal, estava exposta àquela situação desde o início contra sua vontade, por obrigação, ou sob ameaças. Isso significava que cada momento íntimo com aquele homem era uma constante violação ao seu corpo e aos seus direitos.

\*\*\*\*\*

As situações degradantes iam se acumulando, e como se não bastasse toda a violência e insegurança que sentia, Suzi precisou começar a lidar também com a irresponsabilidade de Moraes, que com o passar do tempo, ao invés de se mostrar mais maduro, tornava-se um menino birrento e inconsequente. Gastava quase todo o dinheiro que deveria ser usado para suprir as necessidades da casa e da bebê, no bar, forçando a jovem a se desdobrar para pôr comida na mesa.

Ela recebia seu salário nas sextas-feiras e logo que chegava em casa o rapaz já lhe tomava tudo, muitas vezes à força, quando Suzi relutava em entregar. Moraes até prometia ir no mercado, mas a jovem sabia que ele gastaria quase tudo no bar. O alcoolismo dele tomou proporções que obrigou

a garota a parar de pedir ajuda nas coisas mais simples, como ficar de olho em Jaqueline. Tentava evitar ao máximo deixá-lo fazer as compras sozinho, mas isso sempre resultava em mais agressões, que depois, ele revertia a situação, usando a discussão como argumento para justificar o uso de quase todo o dinheiro em cachaça. Pondo a culpa e responsabilidade em quem na verdade era a vítima de tudo aquilo.

Muitas vezes, devido a demora, Suzi precisava ir atrás dele porque Jaqueline chorava de fome. Quando o encontrava, se ainda não estivesse no bar, estava jogado na sarjeta, com as compras todas espalhadas pelo chão. E às vezes ele caía a poucos metros de casa, fazendo com que a garota saísse correndo no meio da rua para juntá-lo. Tudo sob o olhar fofoqueiro dos vizinhos ou com a ajuda de alguns poucos que recolhiam as compras para ela.

À medida que Moraes perdia ainda mais o controle, a vazão de seu temperamento começava a extrapolar os limites da casa, transformando a vida do casal em um palco. E a peça em cartaz era uma série de desventuras estreladas por Suzi, que constantemente era posta em situações vexatórias ao olhar julgador da sociedade. Assim, ele conseguia agredi-la de uma forma diferente, humilhando-a publicamente e lhe machucando também por dentro.

Só que o ponto mais extremo foi alcançado quando as agressões físicas tornaram-se tão intensas, que Suzi muitas vezes foi deixada desacordada no chão de casa. Devido ao seu temperamento instável, somado ao alcoolismo e sua masculinidade frágil, Moraes espancava incessantemente a garota, até se cansar e deixá-la inconsciente. Essas características que formavam sua personalidade, eram bem comuns na época. Mas a masculinidade frágil em específico é um legado deixado até hoje, que afeta muitos homens e cria um ciclo de machismo que é visto em diversas estruturas sociais. Normalmente resultando em diversos tipos de violência.

\*\*\*\*\*

Inevitavelmente, as forças que Suzi juntou para suportar o caos que sua vida insistia em seguir, foram se extinguindo. Chegou em um ponto onde não tinha mais retorno, o caminho se estreitava e parecia existir apenas uma direção que seguia, rumo a queda iminente. A dor que carregava a sugava cada vez mais para perto desse penhasco metafórico, alimentando uma sensação imaginária de que a única forma de conseguir paz naquele momento era se jogar.

Deste modo, com o fim de qualquer esperança de um dia formarem uma família feliz, a jovem se viu mais uma vez abandonada em meio a escuridão. A sensação era igual à que sentiu quando criança na casa dos Souzas, só que desta vez a escuridão era dentro de si. Um sentimento que ia tomando posse do seu ser, como se apagasse cada sentimento bom que ainda lhe restava, sobrando apenas toda aquela dor que segurou por tanto tempo. E quando tentou canalizar isso e encontrar uma maneira de se libertar desse peso, a única solução que encontrou foi se deixar levar por aquela sensação imaginária que lhe dizia para se jogar.

A jovem senhora não se orgulha desta decisão, tão pouco gosta de relembra-la. Seu aceno com a cabeça em sinal de negação lá no começo da lembrança desta parte de sua jornada, era justamente uma tentativa em vão de impedir seu eu do passado, de cometer aquele erro que hoje se envergonha tanto e que gostaria de manter no esquecimento. Suzi não teme simplesmente a lembrança de sua tentativa de suicídio, mas sim, teme a decisão desesperada que a fez tentar levar sua filha junto. Como último ato de pura angústia e buscando poupar Jaqueline de ter uma vida difícil, de dor e sofrimento, Suzi viu na morte a única chance que lhes restava de terem paz.

## Um ato de desespero

Em mais um sábado abandonada na pequena casa com sua filha, após uma noite de tormento e desespero nas garras de Moraes, inclusive aguardando a chegada do mesmo para retornar ao pesadelo que vivia todos os dias, ela foi decidida, aos prantos e com Jaqueline no colo até um dos armários na cozinha. De lá retirou um frasco que havia escondido há algum tempo, talvez já imaginando que em algum momento poderia ser útil, só que não deve ter pensando que usaria para tal objetivo.

Destampou o pequeno pote e despejou em uma de suas mãos um punhado de grãos, que de imediato jogou para dentro da boca e engoliu. Em seguida despejou mais um punhado e forçou Jaqueline a ingerir, que relutante começou a chorar, mas mesmo assim consumiu um pouco. As pequenas bagas cinzas eram veneno de rato, um produto de alto risco se consumido por humanos, o que estava evidenciado na embalagem com um desenho do sinal de proibido por cima de um desenho de uma pessoa. Foi através dessa gravura que Suzi identificou que aquele produto poderia ser capaz, além de matar ratos, matar pessoas se consumido em grande quantidade. Então ficou ali, no mesmo lugar onde ingeriu o veneno.

Junto à escuridão que descia, devido ao final de tarde que levava o sol embora, começou a deslizar em direção ao chão, apoiando-se no armário e ainda com Jaqueline no colo. Sentada naquele piso gelado, ouvindo apenas o choro e soluços da criança, ela tentou confortar Jaqueline em seus braços, mostrando que tudo iria ficar bem.

Suzi apenas olhava para o vazio a sua frente, já nem chorava mais e apenas fazia o movimento de embalar a bebê inconscientemente. Por um momento sentiu como se toda a dor tivesse sumido e como se nada mais importasse. Então aguardou, vagando por pensamentos vazios, pela morte aparentemente iminente, com esperança de que assim encontraria paz.

\*\*\*\*\*

Obviamente Suzi não morreu naquele dia, mas o sentimento de fraqueza e impotência que aquela situação em que vivia desperta, ainda é muito forte. Uma dor difícil de superar, principalmente por não ter errado apenas consigo mesma, mas por ter envolvido alguém que lhe era tão valiosa.

Aos prantos a jovem senhora tenta buscar palavras para expressar o inexpressável, mas sua voz falha. A dor que sente é forte demais, como se revivesse aquele momento novamente, como se sentisse aquela fragilidade mais uma vez, ou o choque de quando se deu conta do que havia acabado de fazer e desesperadamente buscava uma maneira de salvar sua filha que acabara de tentar matar.

Não era aquilo que de fato queria, desejava apenas um pouco de tranquilidade e felicidade ao lado da criança. Ansiava por uma vida melhor para Jaqueline, mas para onde olhasse só via tristeza e dor. E cometeu o ato por puro desalento, acreditando ser a única forma de se desvencilhar de tudo aquilo que lhes fazia mal.

\*\*\*\*\*

Após ingerir o veneno e ficar por alguns segundos vagando perdida no vazio de seus pensamentos, ela caiu em si e percebeu a loucura que havia acabado de cometer. Para sua surpresa, o produto não tinha efeito instantâneo, o que deu tempo para que recuperasse a consciência e se arrependesse de seu ato. Por um lado o alívio, por outro o desespero de não saber como consertar seu erro. Apenas chorou desesperançosa até, junto de sua filha, ficar inconsciente.

A próxima coisa que lembra é de acordar no hospital. Pelo o que lhe foi contado, a mãe de Moraes havia encontrado as duas no chão da cozinha e por sorte ou qualquer que tenha sido a força que a guiou até lá naquele dia, soube o que fazer. Pegou um copo de leite e fez a criança e a mãe ingerir o líquido, um velho macete caseiro, que não elimina o veneno do organismo, mas

dependendo da situação é capaz de neutralizá-lo e amenizar um pouco sua ação. Foi justamente isso que aconteceu, dando tempo de levar as duas até o hospital para uma lavagem estomacal, retirando toda a toxina de seus corpos. E para o alívio de Suzi, Jaqueline também havia sobrevivido.

Porém, como foi mostrado até aqui, sua jornada sempre tende a se mostrar inesperada. A jovem, que buscou na morte uma maneira de passar a eternidade em paz com sua filha, agora seria forçada a se separar dela. A tentativa de fuga das garras de Moraes o enfureceu e jurou Suzi de morte, algo que já havia provado em muitos momentos ser capaz de fazer. Sendo assim, os outros membros da família Santana arrumaram uma saída para ela, um emprego na capital Porto Alegre.

Era sua chance de ir para longe daquele caos e tentar mais uma vez recomeçar sua vida, mas como condição para tal, precisava deixar sua filha para trás, porque só assim conseguiria se encaixar nos requisitos da vaga. Outra escolha difícil que lhe era imposta e logo após tomar uma das piores decisões até o momento, da qual se arrependia com todas as forças. Na verdade, a própria falta de opções lhe cegou e fez com que escolhesse o único caminho que parecia viável. E novamente, não tinha muitas alternativas, era forçada a decidir por algo que não queria de fato.

Explicaram-lhe toda a situação e o que seria feito. O tal emprego era de doméstica para uma família influente da Assembleia de Deus, igreja que a cunhada de Moraes frequentava. Ainda meio atônita com tudo o que havia acontecido, a garota não foi capaz de raciocinar com precisão e simplesmente acatou o que a mulher lhe propôs.

Ali mesmo, no hospital, teve que se despedir de Jaqueline, que agora viveria com a avó e seus tios, sem saber quando retornaria a vê-la. Não a perdeu naquela tentativa errônea de suicídio, mas iria perdê-la como consequência disto, pois não poderia levá-la em sua fuga. Uma avalanche de sentimentos mais uma vez passava por cima de Suzi, a atropelando sem dó.

# CAPÍTULO 5: OS SARAIVAS

## Um novo mundo se abre

Trazer a tona essa parte de sua história foi demais para Suzi, que decidiu encerrar nosso papo mais cedo naquele dia. Nos quase 40 anos que se passaram, desde aquele fatídico sábado no final de 1.981, ela nunca havia mexido tão profundamente nestas memórias e nem fazia ideia do quão doloroso isso seria. E depois que navegamos por essas lembranças, ficamos um bom tempo sem retomar nossa conversa, dando uma pausa necessária para que ela absorvesse e processasse todos esses sentimentos enterrados que reviveu.

No nosso encontro seguinte, compartilhou que a única vez em que havia retomado essas tais lembranças, foi quando reencontrou Jaqueline, mas não mergulharam tão a fundo nos detalhes. Suzi apenas contou à filha sua versão dos fatos e pediu perdão pelo que tinha feito, falando o quanto havia se arrependido. Jaqueline entendeu a situação e acolheu sua mãe de volta de braços abertos, mesmo 36 anos depois.

\*\*\*\*\*

Tudo estava acontecendo de forma rápida, da mesma forma que ocorrera quando escapou da casa dos Souzas e logo em seguida estava na fazenda dos Silvas. Neste caso, em um fim de tarde de sábado estava jogado no chão de sua própria cozinha, inconsciente, naqueles que poderiam ser seus últimos minutos de vida. E já na segunda de manhã estava dentro de um ônibus, indo

mais uma vez rumo ao desconhecido, carregando consigo apenas a esperança de um futuro melhor.

Chorou em muitos momentos ao longo das sete horas de viagem de Arraial até Porto Alegre, enquanto recordava seus últimos momentos com Jaqueline e refletia sobre a possibilidade de que talvez nunca mais voltasse a vê-la. Sentia-se culpada por ter criado aquela situação que acabou gerando esse distanciamento entre mãe e filha. Mas a verdade é que nunca lhe foi dada uma opção, Suzi estava constantemente sendo forçada a seguir por caminhos que lhe eram impostos. Quando havia mais de uma opção, ambas eram ruins e ela precisava decidir pela menos pior. Não que os meios justifiquem os fins, mas é que às vezes o fim parece ser o único meio. E naquele momento foi a alternativa que se apresentou para uma mãe de 16 anos desesperada, que não aguentava mais ver a filha sofrer.

Talvez, se tivesse a mesma visão dos fatos que tem agora, não pensaria no suicídio como uma possibilidade. Só que os tempos eram outros e as oportunidades eram diferentes, as opções de caminhos eram limitadíssimas, ainda mais para alguém em sua posição social. E hoje em dia muitas pessoas continuam enxergando no suicídio uma possibilidade de encontrar algum tipo de conforto, tranquilidade e paz.

Isso mostra que mesmo vivendo, hoje, em tempos tão diferentes, onde temos tantas alternativas de conscientização para evitar esse dano, nossas ações continuam sendo definidas pelos caminhos que escolhemos. E o problema está justamente no fato de que nem sempre temos a oportunidade de escolher nossos próprios caminhos. Como era a situação de Suzi, que sempre foi forçada a seguir por direções que não lhe favoreciam.

Agora a garota de quase 17 anos, ia em direção a cidade grande, sem fazer ideia do tamanho da mudança que estava acontecendo em sua vida. Se aos 10 anos se espantou ao ver o centro da pequena Arraial pela primeira vez, imagine o susto quando chegou em Porto Alegre e viu seu primeiro arranha-céu.

\*\*\*\*\*

Quando chegou na rodoviária de Porto Alegre quem a esperava era Cléber Saraiva, o patriarca da família, um homem alto, forte, com cabelo escuro em cima e grisalho dos lados, aparentando ter um pouco mais de 40 anos. Tinha uma postura ereta, elegante e comportada, assim como sua vestimenta, roupas sociais. Logo que se apresentaram, Cléber explicou a Suzi que havia acabado de sair do trabalho para ir buscá-la, o que explicava as roupas.

O senhor Saraiva já era uma representação perfeita do contraste que a garota encontraria entre essa nova fase de sua vida e tudo o que viveu anteriormente. Além de ser um homem bem arrumado, algo que a jovem não estava acostumada a ver nos homens de Arraial, que sempre estavam com suas roupas sujas de terra pelo trabalho no campo, ele era educado e a tratou bem todo o tempo que conviveram. Claro que Suzi sempre evitou ao máximo o contato e até mesmo falar com Cléber devido ao seu péssimo histórico com homens. Por mais que ele demonstrasse ser alguém de confiança, a garota ainda tinha receio..

De todo modo, o patriarca da família Saraiva sempre lhe tratou com respeito e naquele primeiro dia de Suzi desbravando a capital gaúcha serviu como guia, lhe falando um pouco sobre os locais pelos quais passavam. Foi uma verdadeira imersão para a jovem que nunca havia visto tanto movimento, tantos prédios, tantas luzes que não deixavam o anoitecer chegar e isso sem falar no barulho que parecia incessante. Tudo isso lhe causava um misto de medo com curiosidade, que conseguiu fazê-la esquecer por um tempo os problemas que rondavam sua mente.

Após alguns minutos dentro do carro, cruzando boa parte da cidade, chegaram na residência dos Saraivas e como tudo que Suzi viu até agora, era surpreendentemente diferente do que esperava. Em tamanho, a casa se assemelhava às grandes fazendas para as quais a jovem já havia trabalhado, mas a arquitetura era totalmente diferente, moderna e com cores mais intensas. O jardim era lindo, decorado e sem nenhuma plantação ao redor, só

algumas poucas árvores frutíferas espalhadas. As construções vizinhas também eram surpreendentemente diferentes, acostumada a ver sempre os mesmos cubículos com teto triangular, agora se surpreendia em ver enormes casas com os mais variados estilos e formas.

Ao adentrar na residência, mais espanto ao ver o espaço dos cômodos. Levou dias para conseguir se orientar por todo aquele lugar, eram tantas decorações, móveis, cores e luzes que a deixaram desorientada por um tempo, sem saber onde focar sua visão. Então viu o restante da família no centro da sala de estar, sentados em um confortável sofá, com os olhos vidrados em uma televisão, sem nem perceberem a chegada de Cléber com a garota. Suzi sabia o que era uma TV, alguns vizinhos tinham, assim como pequenos rádios, mas nunca teve muito contato com esses aparelhos, que sempre lhe pareceram algo pequeno e sem graça. Mas aquele na sala dos Saraivas se destacava bastante.

Quando sua chegada foi notada, logo as duas mulheres sentadas no sofá levantaram e foram em direção a Suzi. A primeira a se apresentar era Isadora, esposa de Cléber, uma mulher de cabelos loiros longos, pele pálida, olhos verdes e aparentando ter um pouco mais de 30 anos. A segunda, dona Inês, era a mãe de Isadora, uma senhora de cabelos brancos como as nuvens, de postura firme e um largo sorriso, deveria ter um pouco mais de 50 anos. Em seguida levaram a menina por uma rápida tour pela casa, que não foi suficiente para ela se localizar, mas já deu uma ideia da dimensão do local a assustando mais ainda.

Por fim, foi levada ao quarto das gêmeas, sua nova responsabilidade. Tinha sido mandada para a casa dos Saraivas para cuidar de Clara e Clarisse, duas lindas garotas de oito anos, filhas de Cléber e Isadora. Quando lhe foi dada essa opção pelos Santanas, pareceu algo tranquilo, afinal tinha experiência. Só que não contava com o sentimento de tristeza que a dominou naquele primeiro instante que pôs os olhos naquelas duas meninas lindas.

Foi como se instantaneamente tudo que estava evitando desde que entrou no carro do senhor Saraiva despertasse em um rompante, criando

uma explosão dentro do seu peito, que subiu até a garganta, transformando-se em um nó. Suzi lutou para não transparecer que havia algo lhe incomodando pelo resto da noite, evitando causar desconforto em frente aos seus novos empregadores. Só que não conseguia evitar lembrar-se de Jaqueline cada vez que olhava para as meninas, imaginando se um dia sua filha seria tão linda quanto elas.

Quando terminou de se instalar em seu novo quarto e arrumar suas poucas coisas em um armário, deitou-se e de imediato caiu no choro. Aquele nó preso em sua garganta apertou tanto que não conseguiu mais segurá-lo, então se deixou extravasar no silêncio da noite. Naquele pequeno quarto, afastado dos cômodos da família Saraiva, Suzi sentiu-se segura para expressar o que sentia e através das lágrimas deixou fluir toda sua tristeza até cair no sono.

## As oportunidades e descobertas

Quando começamos a falar sobre a época em que trabalhou de doméstica e babá para os Saraivas, já nos encontrávamos em isolamento social devido a pandemia de Covid-19, e claro, sempre seguindo todas as recomendações necessárias. Mas devido à sua nova agenda de horários, começamos a nos encontrar de manhã. Antes da pandemia Suzi trabalhava de diarista, mas foi dispensada devido a quarentena e decidiu permanecer sem emprego, dedicando-se em tempo integral a sua casa e sua religião. Já havia trabalhado por mais de 50 anos e merecia esse descanso, seu marido a apoiou e incentivou.

Já seus afazeres religiosos foram o motivo de termos mudado nosso horário de bate papo. A jovem senhora é Testemunha de Jeová e em sua congregação exerce o papel de pioneira, responsável por compartilhar a palavra de Deus com as demais pessoas que não seguem os desígnios que as Testemunhas acreditam. Antes esse trabalho era realizado nas ruas, indo de porta em porta, mas com a chegada da quarentena ele passou a ser feito por telefone, o que ampliou o alcance e aumentou as horas de trabalho religioso de Suzi.

Quando me explicou mais sobre esse assunto ficou visível, pela forma como falava, que hoje essa é uma parte muito importante de quem ela é. Esse serviço em nome de Deus tornou-se uma das melhores partes da sua vida, como se lhe completasse. Trouxe também um sentimento de plenitude, que nunca havia experimentado antes, sentido-se, a cada mensagem que compartilhava com as pessoas, um pouco mais realizada. Encontrou na fé e na religião uma família que lhe acolheu, lhe ensinou e mostrou uma nova perspectiva sobre a vida, dando-lhe um novo motivo para existir.

\*\*\*\*\*

Os Saraivas eram uma família de classe média alta, viviam em um bairro nobre de Porto Alegre e se dedicavam à palavra de Deus. Cléber era pastor da Assembléia de Deus e sua esposa fazia parte do coral, ambos realizavam obras voluntárias, mas Suzi não recorda suas profissões, lembra-se apenas do trabalho religioso que eles faziam. No tempo em que ficou com eles, a jovem também precisava frequentar a igreja, tanto para cuidar das gêmeas, quanto para aprender a palavra do Senhor, como seus chefes falavam. E a garota gostava de adquirir mais este conhecimento, se sentia acolhida no ambiente e todos a tratavam bem.

Isadora, que além de cantar, tocava violão, percebeu que Suzi sempre a observava durante suas apresentações. A jovem ficou encantada com o instrumento e o som que ele fazia, aquilo lhe despertou muito interesse. Vendo essa vontade que a garota demonstrava, a senhora Saraiva se prontificou em ensiná-la algumas notas. E devido a sua dedicação, ocasionalmente ela começou a participar do coral, tocando uma ou outra música no violão.

Foi um período tranquilo para Suzi, trabalhava o dia inteiro, cuidando da enorme casa, das crianças e todos lhe tratavam com dignidade e respeito. Ela inclusive participava dos passeios em família, claro que com o objetivo de cuidar das meninas, mas mesmo assim teve a oportunidade de conhecer muitos lugares fantásticos e aprender coisas novas. Além da igreja, frequentou o *Country Club* que a família era sócia, conheceu o shopping, foi a diversos parques, um mais lindo que o outro. Só que nada se compara à primeira vez que viu a imensidão do mar, nem o horizonte das plantações de trigo parecia ser tão distante quanto aquele do oceano.

Os Saraivas tinham uma casa de praia em Capão da Canoa, na qual iam para passar as festas de fim de ano e uma parte do verão. Naquele ano Suzi, obviamente foi junto, para cuidar das crianças, e lá viveu uma das melhores experiências de sua vida, algo que nunca havia experienciado em seus quase 17 anos de jornada. Como se não bastasse poder pôr os pés na areia pela primeira vez e tomar um banho de mar, mesmo com um pouco de medo das

ondas, a garota soube pela primeira vez o que era comemorar uma virada de ano.

Para alguém do interior que viveu nas condições que ela viveu, ver toda aquela gente de branco, com suas taças e champanhes na mão, na beira do mar, sob um céu estrelado que após uma contagem regressiva se encheu de luzes coloridas, mesmo assistindo da varanda da casa dos seus chefes, foi algo surreal e mágico. Como se aquele segundo entre 23:59 de 1.981 e 00:00 de 1.982 congelasse e a enchesse de êxtase. Depois de tudo o que passou naquele último ano, ter esse momento foi a recarga que precisava.

A família Saraiva além de empregar Suzi e lhe proporcionar novas experiências, também lhe davam moradia, alimentação, roupas e um pouco de educação para frequentar os ambientes que eles frequentavam. Só não lhe pagavam um salário. Na verdade, todo o dinheiro pelos seus serviços ia direto para os Santanas, que haviam feito a negociação e disseram para a jovem que esse valor teria que ser usado para as despesas da pequena Jaqueline. Ela nunca soube quanto seu serviço valia e nem como esse dinheiro era usado, apenas tinha fé de que Jaqueline estava tendo uma infância melhor que a sua própria.

Inclusive, a única coisa que gerou incômodo durante seu período de adaptação foi justamente a saudade de sua filha. Não apenas na primeira noite, mas em várias, a garota se debruçou sobre a cama e chorou até cair no sono, pensando em tudo que estava perdendo, em todas as primeiras vezes de Jaqueline. Porém, por outro lado passou por várias primeiras vezes junto de Clara e Clarisse, que com o passar do tempo tornaram-se válvulas de escape perfeitas para essa necessidade materna da qual Suzi sentia tanta falta, suprindo um pouco da saudade que sentia de sua primogênita. Só que claro, não era a mesma coisa e ainda assim precisava vez ou outra se apegar às memórias e deixar a tristeza fluir.

\*\*\*\*\*

Suzi trabalhou pouco mais de um ano na casa dos Saraivas e lá foi onde obteve a primeira oportunidade de realmente entender como era viver de fato. Apesar de não sair com frequência da mansão para passear, e quando saía era junto com a família, a garota pode descobrir algumas coisas e entender um pouco melhor como o mundo funciona. E os Saraivas estavam sempre dispostos a lhe ensinar. Mas o principal legado dessa época foi ter entendido e sentido com clareza o que é liberdade, algo que até então tinha experimentado apenas fragmentos passageiros.

Outra coisa que pode entender melhor foi o real significado de família, o que pôs em evidência para a jovem o fato de nunca ter feito parte de uma. O mais próximo que chegou foi com Jaqueline, a única a quem pode entregar seu amor até então, mas que infelizmente não teve tempo de retribuir para que criassem um laço, unificando esse pertencimento e dando origem ao sentimento de família. E isso foi algo que vez ou outra trazia uma pontada de incômodo para Suzi no tempo em que esteve em Porto Alegre. Observar a linda família feliz que os Saraivas haviam conseguido construir, despertava na garota o desejo de poder formar a sua. Não sentia inveja de seus empregadores, muito pelo contrário, os admirava por terem alcançado algo tão bonito e inspirador.

O incômodo que Suzi sentia era um misto de decepção com tristeza. Decepção por não ter conseguido construir isso com sua filha e tristeza por talvez ainda poder, mas não saber como. E isso lhe perturbava porque sua única chance de ter uma família estava lá em Arraial, longe demais para construírem aquele vínculo que parecia consolidar esse sentimento. E também tinha o fato de a garota não fazer ideia pelo que Jaqueline estava passando, o que a inquietava ainda mais.

A incerteza, tanto de seu próprio futuro, quanto o de sua filha, era algo que a corroía. Nunca teve oportunidade de planejar algo para si mesma, nem sabia que era possível fazer isso. Sempre foi tratada como um objeto, sendo jogada de um lado ao outro por pessoas que não lhe viam como uma igual. Mas agora estava em uma posição diferente, teve um pouco de paz para

pensar e tentar organizar uma forma de ter um futuro feliz ao lado de Jaqueline. Só que como ficou evidenciado anteriormente, seus planos não seguiram como previsto e por mais que seu caminho até aqui já tivesse sido bem tortuoso, infelizmente nada é tão ruim que não possa piorar.

## Um ato heróico

Damos uma pausa em nossa conversa enquanto a jovem senhora vai até seu quarto buscar algo para me mostrar. Acredito que este tenha sido o primeiro, e talvez o único momento, onde conversamos por horas sem que ela precisasse controlar a vazão de seus sentimentos, espremendo uma mão na outra. O que mostra que esse período da sua vida, vivendo junto da família Saraiva, foi um momento de calma entre as tempestades.

Quando retorna, Suzi traz em suas mãos um pequeno pedaço de papel amarelado, que para depositar na mesa e abri-lo, teve que tomar todo o cuidado possível. Me explicou que aquela era a carta de recomendação que havia pedido para a senhora Isadora fazer quando decidiu sair da casa dos Saraivas. Seu objetivo era que com aquele pedaço de papel pudesse conseguir um bom emprego, tendo uma boa avaliação de seus antigos patrões. Na folha rasgada ao meio e cheia de marcas trazidas pelo tempo, havia uma curta mensagem digitada em uma máquina de escrever:

---

Venho por intermédio deste, informar que a Sta. Suzi Silva, está trabalhando para mim desde 12 de novembro de 1981.

Quero também informar que não tenho nada a declarar que desabone o seu comportamento.

Tem sido uma boa empregada, honesta e dedicada.

Sem mais para o momento, subscrevo-me:

*Isadora Saraiva*

---

Essas poucas palavras carregam um sentimento de otimismo, porque foi uma das primeiras vezes que elogiaram e valorizaram Suzi, mostrando para

ela que deve se orgulhar de si mesma e de suas pequenas realizações. E isso foi tão significativo que guardou o pedaço de papel velho até hoje. Mas mais do que esse sentimento de valorização e realização, para a garota naquelas linhas continha também esperança.

\*\*\*\*\*

As coisas iam bem na vida em Porto Alegre, o ano de 1.982 foi o melhor da sua vida até então. Não havia sofrido nenhum tipo de violência, seu trabalho não era forçado, desumano e até que gostava bastante do que fazia, principalmente de cuidar de Clara e Clarisse. As gêmeas eram responsáveis por aliviar a única tensão que Suzi sentia, a saudade de sua filha. Mas com tudo que estava aprendendo ali, acreditava que poderia ser uma mãe ainda melhor para Jaqueline quando voltasse a encontrá-la. Só precisava descobrir como faria para ter a menina de volta em sua vida.

Durante todo o tempo que ficou com os Saraivas, a garota não teve nenhuma notícia de Arraial. Os Santanas não tinham telefone, Suzi não sabia escrever e muito menos mandar correspondência. Cléber até tinha o contato do pastor da Assembléia de Deus lá da região, que foi quem intermediou a negociação e ida da jovem para a capital, mas ela não queria incomodar seus chefes com esse assunto. Então só lhe restava aguardar pela oportunidade de reencontrar sua filha e ter fé de que ela estivesse bem.

Para seu consolo, os dias sempre eram intensos e cheios de atividade, ocupando sua cabeça e a mantendo distraída. Quando tinha um tempo livre podia assistir novela com a dona Inês, um hobby que a agradou e lhe conquistou no tempo em que esteve na mansão, tornando-se seu principal passatempo, sendo cultivado até hoje. Só que nada se comparava a ir na praia, contava os dias para que chegasse logo o verão para que as aulas das gêmeas entrassem em recesso e fosse com a família Saraiva para sua casa em Capão da Canoa mais uma vez. O mar havia lhe fisgado, foi amor à primeira vista.

Para sua felicidade, os planos se mantiveram os mesmos do ano anterior e na metade de dezembro estavam indo em direção ao oceano. Foi mais uma virada tranquila, pode apreciar o mar e ver os fogos. Um encerramento digno para aquele período que tinha lhe feito se sentir melhor em relação a sua vida, ajudando-a evoluir e seguir em frente após os traumas que sofrera durante sua relação com Moraes.

\*\*\*\*\*

O novo ano começou com um susto. Enquanto ainda estavam de férias em Capão da Canoa, Suzi foi levar as meninas até a praia para se banharem, algo habitual que faziam todo começo de manhã. Só que naquele dia foi diferente, as ondas estavam mais intensas, e o mar mais agitado. A região onde a casa ficava e que elas iam para dar uns mergulhos não tinha nenhum tipo de sinalização e nem salva-vidas. E para a jovem estava tudo certo de acordo com sua pouca experiência, então deixou as meninas brincando na beira do mar enquanto vigiava um pouco mais afastada, sentada na areia.

Gostava de apreciar aquela sensação de paz e tranquilidade ao som das ondas, como se nada pudesse lhe atingir naquele momento. Só que tudo aconteceu em questão de segundos, quando uma onda gigantesca para o tamanho das crianças passou por cima delas e arrastou Clara para o fundo. Suzi num rompante de adrenalina interrompeu sua meditação e correu em direção a elas. Clarisse estava bem, havia engolido apenas um pouco de água, então Suzi disse para a menina voltar para a areia. Ainda não havia ninguém na praia, pois era cedo, impossibilitando que pedisse por ajuda. Sem nem se despir, jogou-se na água e lutando contra a correnteza e as fortes ondas que lhe agrediam, seguiu em direção a única coisa que via, os braços da menina se debatendo.

Assim como as duas crianças, a babá também não sabia nadar, havia descoberto o mar há pouco tempo. Mesmo assim, talvez até sem pensar nas consequências, ela seguiu, indo cada vez mais para o fundo, até ter

dificuldade de tocar os pés no solo. Quando alcançou a menina, ela já havia submergido, Então juntou todas suas forças e jogou-se para debaixo da água, tateando até onde seu braço alcançava, buscando encontrar qualquer vestígio de Clara. De repente sentiu algo sólido e sem pensar duas vez agarrou e puxou para si. Viu em sua mão os cabelos loiros da criança, a puxou até que estivesse segura em seu colo e agora precisava enfrentar o caminho de volta até a segurança da areia.

Na ponta dos pés foi fazendo força e impulsionando seu corpo para a frente, lutando para que as correntes que voltavam não as levassem mais para o fundo e impedindo que as ondas que batiam em suas costas a derrubassem. Até hoje ela não entende como conseguiu fazer aquilo, foi como se uma força extra entrasse em seu corpo naquele momento de desespero. O sentimento que experimentou se assemelhava ao que sentiu quando viu Jaqueline ficando inconsciente em seus braços após tê-la feito ingerir veneno. Só que diferente daquela vez, agora sabia o que era preciso para salvar a menina, então lutou até o fim.

Quando começou a chegar mais perto da beirada pode respirar aliviada e com uma arfada de ar toda essa força a mais se foi, seus braços cederam ao cansaço e largou Clara na areia, sã e salva. A menina respirava e estava consciente para a sorte da babá que não sabia prestar primeiros socorros. Mesmo assim se certificou de que ambas estavam bem, olhando cada parte do corpo delas e em seguida olhando o seu.

Voltando para a casa, mais cedo naquele dia devido ao acontecido, Suzi parou no meio do caminho e pediu para que Clara e Clarisse nunca contassem aos pais o que havia acabado de ocorrer. Temendo perder o emprego, queria manter aquilo como um segredo entre elas e para firmar o acordo comentou que se isso acontecesse, nunca mais poderia levar as meninas à praia. E mesmo após o susto que passaram, ambas não queriam pensar na possibilidade de não tomar mais banho de mar. Assim, as três garotas mantiveram essa pequena aventura guardada em suas memórias.

Hoje, para Suzi, este é um momento inesquecível de sua vida, que vez ou outra surge em uma roda de conversa, assim como todo esse período com os Saraivas. Um dos poucos que pode compartilhar abertamente, sem medo. Ainda mais que a única tragédia que poderia ter acontecido, ela mesma evitou, de forma heróica, tornando esta uma de suas situações de orgulho. Uma pena que essa época de sua vida precisou ter um fim.

## A visita inesperada e indesejada

A família Saraiva costumava voltar da casa de praia logo no início de janeiro, assim que passava o alvoroço pela chegada do novo ano e antes de começar as festividades de carnaval. Eles preferiam uma vida mais caseira, tranquila e deixando a exaltação apenas para os cultos na igreja. Em 1.983 não foi diferente, já estavam de volta a Porto Alegre logo nos primeiros dias do ano, e o resto do mês foi acontecendo como o habitual, indicando mais um ano tranquilo. Só que para Suzi a calmaria estava chegando ao fim.

No início de fevereiro, justamente em um dos poucos dias chuvosos naquele período, bate a porta dos Saraivas um estranho, ou melhor, toca a campainha. Achando se tratar de um vendedor qualquer, Cléber se dirigiu ao portão para despachá-lo. Chegando lá viu um rapaz mau acabado, que parecia ter passado por maus bocados, todo magrelo, com sua roupa toda amassada e uma velha maleta marrom em uma das mãos.

Ao questionar suas intenções, o patriarca da família se espantou ao ouvir que aquele homem procurava por Suzi. A garota não conhecia ninguém na cidade além das pessoas dentro do círculo social dos Saraivas e não se lembrava de ter visto aquele rapaz em momento algum. Então, ao se apresentar da forma devida, Cléber entendeu do que se tratava e pediu que ele esperasse do outro lado do portão.

Suzi brincava com as meninas no quarto delas, totalmente alheia ao que acontecia lá fora, chegou a tomar um susto quando seu chefe a chamou. Espanto maior foi saber que tinha uma visita, por um momento pensou em Jaqueline, mas achou que não teria como. Quando o senhor Saraiva contou quem lhe aguardava no portão, sentiu o mundo girar e no mesmo instante o tempo parou. Foi uma sensação estranha de incredulidade, medo e tristeza. De todas as pessoas que a podiam procurar um dia, nunca imaginou que seria Moraes.

\*\*\*\*\*

Ao chegar no portão da mansão, ainda com receio sobre quais eram as intenções daquele homem, ficou pasma ao vê-lo. Em sua mente ainda estava vívida a imagem de Moraes como o monstro que lhe aterrorizou durante anos, só que vendo ele agora, não sentiu temor algum. Muito pelo contrário, o rapaz estava em um estado digno de pena. Só que Suzi não se comoveu, sem se aproximar muito foi logo perguntando, de maneira ríspida, o que ele queria e se Jaqueline estava bem.

Sua filha foi o primeiro motivo que lhe ocorreu para aquele homem estar ali, também era o único que lhe importava, mas as intenções de Moraes eram outras. Como se nada tivesse acontecido e o tempo longe tivesse apagado o passado, pediu que Suzi voltasse com ele para Arraial. Fez juras de amor para a garota e muitas promessas vazias como de costume. Disse que sentia sua falta, que iria parar de beber, tornar-se uma pessoa melhor e nunca mais encostar um dedo nela ou em Jaqueline.

A jovem incrédula, não conseguia acreditar que Moraes viajou até lá para lhe dizer aquilo. Suas palavras já não valiam nada há muito tempo, já que desde o início da relação o rapaz fazia promessas vazias sempre após descumpri-las. Antes ela se via presa nesse ciclo de mentiras, por causa do pouco de esperança que tinha de realmente haver alguma mudança, mas agora, depois de tudo, não caíria nessa ladainha.

Porém, ele ainda tinha um trunfo, um artifício baixo e que sempre funcionou para chantagear Suzi, sua filha. Partindo direto para o emocional, Moraes falou que a menina sentia muita saudade e que não podia crescer sem mãe. A garota sabia como era passar por isso e essa era uma das coisas que queria evitar que sua filha experimentasse. Só que por mais que ela quisesse voltar a Arraial e reencontrar Jaqueline, não podia ser desta forma e muito menos com aquele homem.

Então, decidida sobre o que iria fazer, olhou pela última vez para Moraes e pediu que sumisse da sua vida, pois nunca mais iria se submeter ao inferno que era viver ao lado dele. Também pediu que cuidasse bem de Jaqueline,

pois ela muito em breve iria buscá-la e era melhor que a menina estivesse inteira. Suas palavras soaram como ameaça, que de fato eram, o que deixou o homem perplexo e sem reação. Que simplesmente observou Suzi andar de forma determinada de volta para a casa.

\*\*\*\*\*

Foi neste momento que pediu para Isadora lhe fazer uma carta recomendando seus serviços, para que quando chegasse em sua terra natal encontrasse um emprego com mais facilidade. A visita de Moraes amplificou seu desejo por reencontrar sua filha. Ver o estado que aquele homem estava a deixou muito preocupada e precisava saber se sua filha estava bem, além de tirá-la das garras dele.

Planejou tudo em sua cabeça, pediu aos seus patrões que o próximo salário fosse lhe dado em mãos e não enviado aos Santanas, como era feito costumeiramente. Explicou para eles a sua decisão, que entenderam e aceitaram sua vontade. Combinou com eles que trabalharia até fechar mais um mês, que seria no início de março, então partiria de volta para Arraial. Pela primeira vez em mais de 17 anos Suzi estava tomando suas próprias decisões, fazendo escolhas por conta própria, sem pressão e sem ameaças.

A excitação era muita, mal podia ver a hora de encontrar sua filha, tê-la nos braços e enchê-la de beijos. Suas expectativas estavam altíssimas, quase não dormiu nos dias que sucederam sua decisão. Sonhava acordada com uma vida longe de problemas, morando em uma casinha pequena no campo, onde ela e sua filha poderiam brincar livremente.

Com o passar dos dias ia se despedindo dos bons momentos que passou com os Saraivas, e também deles próprios, que foram pessoas boas e lhe acolheram em um momento tão difícil. Ainda por cima lhe deram um dinheiro a mais para recomeçar sua vida quando fosse embora. A jovem encerrava o único ciclo que até aqui não ficou marcado por lembranças ruins.

Agora partia de volta ao conhecido, acreditando que desta vez as coisas seriam melhores em Arraial. Estava determinada, confiante e com um plano. Pena que em sua cabeça ele funcionou melhor, pois quando chegou a hora de pôr em prática, ele caiu por terra. E mais uma vez Suzi precisou seguir por caminhos tortuosos antes de chegar onde está agora.

# CAPÍTULO 6: OS SILVAS

## De volta às origens

A jovem senhora me contou que devido aos desencontros que a vida proporcionou e às difíceis cruzadas que ainda teve de enfrentar, acabou não conseguindo rever e reaver Jaqueline. Reencontraram-se só em 2.017, 36 anos depois que a garota Suzi fugiu das garras de Moraes, sendo forçada a deixar sua filha para trás. Isso só foi possível graças a internet, que possibilitou, mesmo distante e sem muita informação, que Suzi buscasse pelo nome de sua filha nas redes sociais.

No reencontro, lá em Arraial mesmo, onde Jaqueline ainda vive, a jovem senhora descobriu ser avó. Sua filha, que havia perdido, estava casada há mais de 20 anos e com dois filhos praticamente adultos, uma moça de 20 anos e um jovem de 16. Essas que inclusive foram outras primeiras vezes que Suzi perdeu, não ter podido apreciar os melhores momentos de ser avó, lhe restando aguardar que algum de seus filhos mais jovens ainda lhe dêem essa graça.

Desde que voltaram uma para a vida da outra, buscam se reconectar ao máximo, algo difícil devido a esse hiato enorme que as separou. Jaqueline não contestou em nenhum momento a aproximação da mãe. Na verdade, sempre foi o seu principal desejo poder conhecê-la, afinal, quando foram separadas ela ainda era apenas um bebê com um pouco mais de um ano de vida. Tudo o que soube sobre o ocorrido descobriu através de histórias contadas pela sua avó e seus tios, que a criaram nos primeiros anos de vida. O restante do tempo passou com seu pai, que manteve-se o mesmo homem até o último dia de vida.

Hoje vive uma vida feliz, em sua pequena casa de frente para uma enorme plantação de trigo. Vida essa, que ficou mais completa ao ter conhecido e se aproximado de sua mãe, além de descobrir ter três irmãos e também ter podido conhecê-los. Assim, pode aumentar seu círculo familiar, que por muito tempo foi composto apenas por Moraes.

\*\*\*\*\*

Suzi chegou a Arraial de manhã cedo, carregando apenas uma mala doada pelos Saraivas com seus pertences, voltava com muito mais coisas do que quando partiu. Optou por chegar na primeira hora do dia, porque antes de ir em busca de sua filha precisava fazer algo pelo qual relutou muito, mas que infelizmente lhe pareceu ser sua única alternativa.

As primeiras etapas de seu plano já estavam finalizadas, juntar um pouco de dinheiro e retornar a sua cidade natal. Agora partia para a próxima fase, que era se estabelecer em algum lugar. Foi planejando esta parte que teve maior dificuldade, porque não podia abrir mão do dinheiro que juntou alugando um quarto de hotel ou algo assim, precisava ficar na casa de alguém.

Os Santanas não lhe eram uma opção, pois queria evitar ao máximo se encontrar com Moraes e já imaginava que isso resultaria em muitos problemas. Então a única opção que lhe restou foi voltar à fazenda dos Silvas, a única família que tinha além de Jaqueline. Esperava que desta vez, crescida, pudesse enfrentar sua família de frente e lutar por um espaço e o respeito deles. Para isso precisou juntar muita força e durante toda a viagem vou pensando em tudo o que queria falar para sua mãe. Só que infelizmente a realidade é sempre muito distinta daquilo que imaginamos em nossa cabeça.

A garota tinha muita determinação para fazer o que era certo, mas ainda muita ingenuidade para achar que só isso bastava. Acreditava que se pedisse perdão por ter fugido, contasse sua história e que agora tinha uma filha, a primeira neta de Magda, os Silvas iriam lhe acolher, porque afinal eram sua

família. Só que eles mal se lembravam que um dia a Suzi existiu em suas vidas, não tinham apreço nenhum pela garota e pouco se importavam pelo que ela tinha ou não passado. Foi até uma surpresa quando viram aquela linda jovem se aproximando da casa.

Quando fugiu do sítio, Suzi era uma menina de pouco mais de 12 anos, agora retornava como uma jovem moça de quase 18 anos. Todos os olhares se voltaram para ela, viu ao longe seus irmãos mais velhos trabalhando na lavoura, uma de suas irmãs estava com um garotinho alimentando as galinhas, provavelmente era Eliezer que havia crescido, na porta da casa a figura de sua mãe com um olhar firme a encarava, como se estivesse a desafiando se aproximar mais. A garota continuou andando com determinação, até ficar cara a cara com Magda.

\*\*\*\*\*

As coisas realmente não saíram como o esperado, travou assim que ficou de frente com sua mãe. Magda tinha uma expressão severa, que mesmo após anos continuava assustando Suzi. Ela ainda estava posicionada em cima do degrau de entrada da casa e a garota precisava olhá-la de baixo, o que intensificava ainda mais o aspecto de durona que a mulher tinha. Como a jovem não se mexia, a matriarca dos Silvas quebrou o gelo e foi logo perguntando, de maneira ríspida, o que Suzi queria ali. Então como se levasse um choque e despertasse para a realidade, a garota se lembrou de seus objetivos e desandou a falar.

Contou tudo o que passou com Moraes, falou sobre Jaqueline e seu plano de reavê-la, mas a única coisa que pareceu despertar o interesse de Magda foi quando Suzi falou sobre o dinheiro que tinha guardado para recomeçar sua vida. Foi só nesse ponto que ela decidiu interromper a garota para perguntar a quantia. A jovem naquele momento estava tão enérgica que nem estranhou a pergunta, simplesmente se deixou levar.

Ao saber do dinheiro que sua filha possuía, apesar de não ser uma quantia expressiva, Magda se demonstrou interessada em ajudá-la. Porém, claro que tinha segundas intenções e foi logo explicando que para ficar ali a garota precisaria pagar pelas despesas. Isso não fazia parte dos planos de Suzi, então ofereceu seus serviços em troca da hospedagem, pois sabia que já estava muito tarde para voltar até o centro da cidade atrás de um quarto de hotel. Foi aí que começou a ficar evidente as intenções de sua progenitora, que manteve o pedido para que Suzi pagasse pela estadia.

Magda não desejava estender a mão para sua filha e lhe dar apoio nesse momento de necessidade, queria explorá-la um pouco mais, como se todo o terror que a garota passou quando criança ali naquela fazenda já não tivesse sido o bastante. Suzi então se preparou para separar uma quantia e entregar para sua mãe, porém, assim que sacou o dinheiro de dentro da mala a mulher com um movimento rápido lhe tomou o envelope que continha todas as suas economias. Simplesmente se apossou e ainda disse que aquilo serviria apenas para alguns dias.

Atônita, a jovem até tentou exclamar algo, mas antes que as palavras saíssem de sua boca, Magda se interpôs e avisou que era isso ou o olho da rua. A maneira como ela proferiu essas palavras deixou claro para Suzi que mesmo se optasse pela segunda opção, continuaria sem seu dinheiro. Contra sua vontade a jovem teve que acatar, pois sabia que se negasse a oferta seria posta para fora da fazenda com as mãos abanando. E esse era o melhor dos cenários, pois além de ter que enfrentar a mãe, caso escolhesse a maneira mais difícil, precisaria encarar também seus irmãos.

Então desta forma Suzi começou a entender que muitas vezes nossos planos funcionam melhor em nossa cabeça. Pois, ainda que tenha refletido bastante sobre as consequências de seguir o caminho de volta ao sítio dos Silvas, acreditou que essa seria a decisão mais acertada. Mesmo que as memórias da época em que esteve lá ainda fossem muito vívidas, mas mais uma vez tinha esperança de que as coisas fossem diferentes. Só que infelizmente, não foram.

## O plano se desfaz

Vendo seu plano se desfazer logo no início, a deixou muito preocupada. Enquanto arrumava um canto no mesmo quarto do qual fugira da primeira vez em que esteve ali, repassou mentalmente seus objetivos, em busca de uma alternativa para se livrar daquela situação e conseguir ter de volta sua filha. O próximo passo era arrumar um emprego, para assim conseguir se estruturar e depois ir atrás de Jaqueline. Sabia que não seria fácil essa segunda parte, mas agora com o desastre que foi a primeira, estava ainda mais difícil.

Uma das opções que havia pensado era em trabalhar ali mesmo, na fazenda, e trazer Jaqueline para viver com ela. Porém, assim que expôs essa ideia para Magda, de imediato a mulher negou e ainda reforçou que deixaria Suzi ficar ali até que o dinheiro cobrisse suas despesas. Até o trunfo que a garota acreditava ter, de que sua mãe se comoveria por ser avó, não funcionou. Muito pelo contrário, a matriarca dos Silvas abominou a ideia.

Suzi então falou que só precisava de alguns dias até conseguir emprego e se estabilizar. Ofereceu novamente seus serviços em troca de estadia, o que foi um erro. Desta vez Magda teve uma ideia do que a garota poderia fazer, disse que tinha o emprego ideal para o tipo de mulher que ela era, o que não soou muito amigável e fez a jovem ficar ainda mais preocupada. Sabia do que sua progenitora era capaz.

Quando ainda era apenas uma pré-adolescente de 11 anos, Magda a enviou à casa de um fazendeiro da região dizendo-lhe apenas que deveria fazer tudo que o homem pedisse. A garota pensou se tratar de uma faxina ou algum trabalho na fazenda, mas quando chegou lá o homem agiu de forma muito estranha e tentou agarrar Suzi. Assustada, a menina começou a gritar e espernear, o que fez o velho soltá-la dando a oportunidade de fugir.

Chegou de volta na fazenda dos Silvas aos prantos, contando o que havia acontecido. Ao invés de acudi-la, sua mãe lhe pegou pelo braço e lhe deu uma surra, dizendo que esse era o acordo que tinha feito com aquele

fazendeiro. Sua própria mãe lhe havia oferecido, aos 11 anos, como escrava sexual para um velho qualquer. Então Suzi tinha razão em temer essa oportunidade de emprego que Magda dizia ter.

\*\*\*\*\*

A jovem senhora recorda que naquela época sabia que não era uma boa alternativa procurar abrigo com os Silvas, mas pareceu ser a decisão mais acertada para os planos que tinha. Acreditava que por serem sangue do mesmo sangue, em algum momento eles iriam desenvolver algum tipo de feição por ela. Hoje vê o quão inocente foi em pensar assim.

Compartilhou também que recentemente foi encontrada através das redes sociais por uma de suas irmãs, Vitória, que lhe pediu perdão por tudo que a fez passar quando mais moça. Também contou que Magda, em seu leito de morte, disse se arrepender de tudo que fez à Suzi e que tê-la tratado da forma que tratou era seu único arrependimento. Ela até se comoveu, mas isso não foi o suficiente para apagar a indiferença que hoje sente por aquelas pessoas.

Mesmo carregando o sobrenome da família até hoje, Suzi nunca se sentiu parte dos Silvas. Não por escolha, mas pela forma como eles sempre a trataram, fazendo questão de que ficasse evidente que não era bem vinda no círculo familiar. E essa falta de vínculo impossibilitou a aproximação e conexão com Vitória, porque mesmo depois de anos, as memórias permanecem marcadas em sua mente.

\*\*\*\*\*

Um de seus maiores temores antes de rumar em direção aos Silvas, era ter que se deparar novamente com o olhar de seus dois irmãos mais velhos e de seu padrasto. Agora ela tinha conhecimento de quais eram as intenções deles e um dos pensamentos que repassou diversas vezes em sua cabeça

enquanto viajava era que não aceitaria receber qualquer tipo de investida, não se calaria.

Então, no fim da tarde, quando Ernesto, o segundo irmão mais velho entrou em casa, Suzi já ficou atenta. Desde que havia chegado e como não lhe foi atribuída nenhuma função, ficou o tempo todo nos arredores da casa, justamente para evitar a aproximação indesejada dos irmãos. Everton permanecia atarefado e Rubens, que era o companheiro de Magda na época que a garota esteve ali e também lhe assediava, havia partido há alguns anos, abandonando a companheira e seu filho.

Quando o primogênito finalmente entrou em casa, a matriarca o convocou para uma conversa em particular. Como os cômodos eram grudados e as paredes eram de madeira, a jovem pode ouvir seu nome sendo proferido por Magda, o que lhe chamou atenção. Pelo pouco que pode entender da conversa, a mulher estava orientando Everton a pegar Suzi no meio da noite e levá-la para um local, do qual não conseguiu identificar o nome, e ver quanto ela valia.

De súbito a garota levantou-se da cadeira em que estava sentada, como se uma chave tivesse girado dentro de seu corpo e o estalo proporcionado por ela a fizesse entender de imediato o que estava acontecendo. Permitindo que enxergasse com mais clareza a situação para finalmente entender que os Silvas nunca a ajudariam de fato. Então, ao mesmo tempo, sentiu como se a chave também tivesse ativado seu modo sobrevivência. Partiu em direção ao quarto onde havia colocado suas coisas e começou a preparar novamente uma fuga daquele lugar.

Seguiu os mesmos passos de quase cinco anos atrás, pulando pela mesma janela. Só que desta vez, devido ao susto repentino, foi mais no improviso, então não tomou tanto cuidado. Assim que pôs os pés do outro lado da janela, deu de cara com sua irmã Vitória, que por sua vez não fazia ideia de que Suzi estava ali, pois estava chegando naquele momento em casa do seu trabalho na cidade. Assustada, Vitória deu a volta na casa gritando que estavam sendo roubados, talvez não tivesse reconhecido sua irmã ou

simplesmente preferia tratá-la como meliante mesmo. De todo modo causou um alvoroço.

Suzi correu para o meio das plantações como já havia feito antes e até que todos tomassem ciência do ocorrido, a jovem já havia deixado boa parte do trajeto para trás, impossibilitando que qualquer um a alcançasse a pé. E para sua sorte, os Silvas não acharam conveniente gastar gasolina indo atrás dela com o velho jeep da família. Tudo que restou para a garota foi continuar caminhando naquele início de noite até chegar na cidade novamente.

## Uma nova esperança

Foi desolador como as coisas deram errado tão rápido. Em um momento Suzi estava cheia de esperanças de reencontrar sua filha e finalmente poder formar uma família, e no outro estava vagando perdida pelas ruas de Arraial, sem dinheiro e sem ter para onde ir. Naquele momento sentiu como se tivesse perdido tudo, porque não conseguia enxergar uma forma de reaver Jaqueline, o que era seu principal objetivo e a única coisa que lhe motivava a seguir em frente.

Sabia que não podia simplesmente bater na porta dos Santanas e pedir sua filha de volta, nem queria expor a menina a viver naquela situação em que se encontrava. Ela precisava de uma estrutura antes de ir para esta última etapa de seu plano, só que tudo foi se desfazendo por entre seus dedos, como se algo quisesse impedir Suzi de seguir adiante. Quando achava que estava no controle de sua vida, mais uma vez era surpreendida e levava uma rasteira, tendo que recomeçar tudo do zero.

Sentada no meio fio da calçada, em algum lugar qualquer de Arraial, ela parou para descansar após sua fuga. No primeiro arquejo que deu começou a chorar em desalento, incrédula com o que havia acontecido e em como tinha sido capaz de deixar as coisas chegarem naquele ponto. Tinha planejado tudo, contava que daria certo, pensou até em suas falas diante de cada pessoa que imaginou ter que enfrentar, mas não se preparou caso perdesse já na primeira batalha. Agora estava sem um plano B, totalmente sem rumo. Então ali mesmo, naquela calçada, adormeceu.

\*\*\*\*\*

Para sua sorte, em 1.983, Arraial ainda era uma cidade pacata. Os grandes prédios estavam começando a crescer e o movimento da cidade ainda era motivado por causa da agricultura. Então pode dormir segura e tranquila na rua aquela noite. Porém, acordou no dia seguinte antes do sol nascer,

quando os primeiros trabalhadores passaram e comentaram sobre a menina que dormia no chão, algo que não era habitual de se ver naquela região. Era mais comum encontrar pelas calçadas algum bêbado que não achou o rumo de casa, e a jovem sabia disso, pois precisou ir atrás de Moraes muitas vezes na calada da noite, tendo que arrastá-lo até em casa.

Suzi acordou faminta, mas sem dinheiro não sabia o que fazer e ainda por cima estava suja e fedida devido a sua fuga em meio a plantação. Fazia apenas 24 horas que havia deixado a mansão dos Saraivas e já se encontrava com as características de uma pessoa em situação de rua, o que de fato ela era naquele momento.

Sabendo que na sua atual situação ninguém lhe daria emprego, procurou em algumas casas uma alma solidária, que lhe ajudasse com as necessidades mais básicas apenas para passar por mais aquele dia. Foi assim que encontrou a Dona Chicá, uma senhora negra, com o corpo corcunda e de cabelos brancos envoltos em um lenço azul, que morava em uma pequena casa de madeira nos limites da cidade, próximo de onde Suzi havia passado a noite.

A garota já havia oferecido seus serviços de diarista em troca de um prato de comida para muitos moradores ali da região, mas todos haviam lhe fechado a porta na cara. A senhora do lenço azul fez uma expressão de desconfiança no início, mas depois de alguns segundos aceitou a oferta da jovem e lhe estendeu a mão naquele momento de necessidade. E logo que entraram na casa ela já foi avisando que a comida não estava pronta, mas que tinha algumas bananas na fruteira. Suzi devorou uma a uma vorazmente e até hoje se recorda desse momento com clareza, porque a banana se tornou sua fruta predileta.

Dona Chicá morava sozinha, sua casa tinha apenas dois cômodos bem pequenos, o quarto e a cozinha com sala. O banheiro era uma patente que ficava mais afastada da residência, a água era tirada diretamente de um poço nos fundos do terreno, no qual Suzi usou boa parte de sua energia, puxando baldes e baldes com água. Limpou paredes, piso, quintal, panelas, lavou e

estendeu roupas, fez de tudo o que podia e no final daquele dia ainda teve um teto para descansar.

A senhora do lenço azul lhe permitiu que passasse a noite em um canto de sua sala, para que pudesse no dia seguinte, de banho tomado e energias renovadas, ir atrás de um emprego. Aquilo foi como um gás de ânimo que inflou seu peito com alegria e esperança novamente, dando uma nova possibilidade para Suzi mais uma vez enfrentar as desventuras que vinham lhe assolando até ali.

\*\*\*\*\*

Conseguiu ter uma boa noite de sono no cantinho que Dona Chicá lhe havia concedido, acordou cedo e disposta, deu mais uma ajuda para sua anfitriã e quando terminou de se arrumar, partiu em direção ao centro de Arraial. Levava consigo apenas aquela pequena mala que ganhou dos Saraivas, com algumas poucas mudas de roupas e a carta escrita por Isadora. Acreditava que aquele pedaço de papel podia ser a chave para conseguir um bom emprego e não precisar trabalhar mais em situações tão desumanas como as que vivenciou nas lavouras ali da região.

Chegou a seu destino um pouco depois do comércio abrir, o que foi bom, pois poderia ter mais liberdade para falar com os proprietários dos estabelecimentos. Começou em uma ponta da avenida principal da cidade e seguiu em direção a outra, passando por lojas, restaurantes, lanchonetes, farmácias e até açougues. Sempre com o mesmo discurso e com seu jeito tímido de falar, apresentando como credencial a carta de recomendação. Tentava sempre exaltar que era excelente em atividades domésticas, mas que estava disposta a aprender qualquer função que fosse.

Suzi queria apenas uma oportunidade de recomeçar sua vida e ter sua filha de volta. Só que não podia deixar isso claro, ainda vivia em uma região que ser mãe solteira era algo fora do normal. Também não podia dizer que

estava sem moradia, pois de imediato a tratariam diferente e perderia o pouco de credibilidade que tinha.

Assim seguiu, de porta em porta, por toda a manhã. Até que no início da tarde percebeu que havia chegado ao fim da avenida e só lhe restava uma última lanchonete. Além do esgotamento físico de tanto ter andado, seu estômago não lhe ajudava, pois estava faminta e perdendo um pouco da concentração, além do ânimo e disposição do início de sua empreitada. E por mais que estivesse acostumada às constantes negações em sua vida, aquela sequência foi aterradora. Havia passado desde o estabelecimento mais humilde, até o mais chique, dos mais diferentes segmentos, e ninguém estava disposto a lhe contratar.

Tinha muita fé que com aquela recomendação dos Saraivas teria facilidade em conquistar um sim, mas após tantos não, o pouco de esperança que lhe restava foi se esvaindo, tendo seu fim decretado ao ser dispensada quase que de imediato pelo dono do último estabelecimento da avenida. Sem emprego e dinheiro, ouvindo apenas os murmúrios de sua barriga, voltou a sentar-se no meio fio da calçada e contemplar o vazio.

\*\*\*\*\*

Enquanto pensava o que faria a seguir, com um pouco de dificuldade devido à fome, um homem se aproximou e parou ao seu lado. Suzi olhou para cima e viu que ele estava bem arrumado, todo engomado, com o cabelo ajeitado com muito gel e aparentava ter um pouco mais de 30 anos. Quando percebeu que havia chamado a atenção da garota, foi logo perguntando se ela estava em busca de emprego mesmo.

De início a jovem se assustou, porque o homem foi seco e direto, além de ter surgido do nada. Mesmo com um pouco de receio, levantou-se num pulo e confirmou que buscava trabalho, queria ver onde isso iria dar. Então o engomadinho explicou para Suzi que conhecia um lugar que estava sempre atrás de moças como ela e que podia levá-la para lá.

Ainda em dúvida com as intenções daquele homem, preferiu negar a proposta. Só que ele insistiu e apontou que o local em questão ficava em um prédio de três andares mais a frente, no qual trabalhava como segurança. Suzi havia passado por ali, estava tudo fechado e não parecia ter comércio algum. Então o engomadinho explicou que o estabelecimento só funcionava à noite, mas que ele poderia conseguir uma entrevista com a própria dona e que tinha certeza que a jovem conseguiria alguma função ali.

Ao afirmar isso, olhou de cima a baixo para a garota, o que a deixou muito desconfortável e mais uma vez a inclinou a negar a proposta. Só que Suzi queria saber mais sobre essa possibilidade, então ele continuou insistindo, com uma lábia cheia de malícia, fazendo várias promessas e dizendo tudo que ela poderia ganhar. Chegou a dizer que poderia ser muito famosa um dia e que apareceria na TV, esse último artifício encantou a garota, que na hora lembrou como era incrível a vida daquelas atrizes de novela que via com dona Inês. Aos poucos aquele estranho foi convencendo a garota, que toda inocente e desesperançosa, começou a sonhar em ser atriz.

Desesperada por uma oportunidade de se estabilizar e após ter percorrido toda uma avenida atrás de emprego, sem obter nenhuma resposta positiva, Suzi já não tinha mais opções. Por um momento de devaneio, talvez devido à fome, achou que aquele pudesse ser um dos milagres que tanto ouviu falar nas missas que ia com os Saraivas. Então se agarrou neste último fio de esperança que reacendeu dentro dela e acompanhou aquele estranho, sem fazer ideia do caminho que estava prestes a seguir.

# CAPÍTULO 7: A SAMANTHA

## A proposta

Antes que que partíssemos para a próxima parte da história, a jovem senhora pediu alguns dias para pensar, pois não sabia se estava disposta a abrir essa página do seu passado. Não tinha certeza se queria e nem se deveria falar sobre este momento em específico da sua vida. Com tudo que havia compartilhado até então, me deixou intrigado imaginar que existia alguma coisa capaz de ainda deixá-la receosa.

Então, após um tempo, nos encontramos e Suzi estava decidida a seguir de onde paramos. Porém, fez alguns esclarecimentos antes de iniciarmos nosso papo, explicando o que a havia incomodado. O problema desta vez, é que além de serem recordações ruins e tristes, elas remontam um momento que ela se esforçou muito para apagar da sua história, mantendo-o escondido de tudo e de todos. Era algo que até hoje não havia compartilhado com ninguém, e que lhe tem causado uma dor diferente, a vergonha.

Deixou claro o quão desconfortável é falar sobre isso e ainda enfatiza ao dizer que esta é a parte da sua vida que mais odeia. Mesmo tendo algumas que lhe causam mais dor e sofrimento, esta, em específico, é a que lhe causa mais asco. Talvez a perspectiva que tenha hoje sobre a vida e o mundo, um olhar mais puro e a busca pela bondade nas coisas, faça com que ela olhe para essa parte do seu passado e sinta aversão a tudo o que teve de fazer para sobreviver.

\*\*\*\*\*

Ricardo era o nome do homem que dizia ter uma oportunidade única para Suzi. A levou até dentro do prédio, que antes a jovem havia ignorado por estar fechado, e a apresentou a Madame Samantha, como era chamada a dona daquele estabelecimento. Ao entrar, a garota observou um pouco do ambiente e tudo indicava que era um bar chique, com mesas redondas e oneradas, espalhadas por um longo salão que terminava em um comprido balcão de madeira rodeado por banquetas. Do outro lado do móvel tinha uma longa prateleira acompanhando toda a extensão do balcão, repleta de bebidas dos mais diferentes tipos. E em uma das pontas, uma mulher alta, de cabelos escuros e cacheados, pele branca como a neve, estava escorada, contando dinheiro.

A mulher de presença imponente era Samantha. Parecia ter pouco mais de 30 anos, tinha um rosto largo e um sorriso marcante por causa do batom vermelho que contrastava com sua pele branca. Quando Suzi a encarou mais de perto sentiu-se intimidada, seu olhar era rígido e lembrava um pouco o de Magda. Ricardo fez as apresentações e explicou como havia encontrado a garota na calçada, então deu a vez para que a jovem contasse sua história.

Depois de alguns minutos ouvindo Suzi, Madame disse que lhe daria uma oportunidade de trabalhar ali. A jovem ficou radiante de imediato, sentiu seu peito encher-se de esperança mais uma vez. Então, curiosa, quis saber o que iria fazer, e segundo sua nova chefe, ela dançaria.

A garota havia visto os famosos dançando na televisão e até os Saraivas dançavam vez ou outra, mas ela própria nunca tentou e nem sabia como fazer. Porém, Samantha disse que não era um problema, pois a ensinariam. Até ficou preocupada, não fazia ideia de como era o trabalho de dançar, mas por um lado estava contente demais para se preocupar com isso. Depois de uma manhã tão desoladora, levando tantos não na cara, receber essa oportunidade só podia ser uma obra divina, outra expressão comum entre seus ex chefes.

Por fim foi levada para conhecer o resto do prédio e depois almoçar. No primeiro andar só ficava o salão com o bar e dois banheiros. Em um canto

tinha uma escada que levava para o próximo andar, que desembocava em um corredor que atravessou até chegar em outra escada. Aquele corredor estava cheio de portas e por trás de cada porta parecia ter um quarto, pelo menos foi isso que viu em alguns que estavam abertos. No terceiro e último andar havia uma espécie de casa, com cozinha, sala com TV e sofás, várias cômodas com espelhos e uma suíte, onde mais tarde Suzi descobriu ser o quarto da Madame.

Espalhadas pelo ambiente estavam outras três jovens, que aparentavam ter 20 e poucos anos, todas com roupas de baixo e descansando. Fazia calor naquele dia, então a recém chegada não estranhou tanto, mas ficou um pouco sem jeito. Suzi foi apresentada a elas, mas algo que foi aprendendo com o tempo é que não adiantava memorizar nomes porque as garotas chegavam e partiam a todo o momento.

\*\*\*\*\*

Após ter apresentado o lugar para sua nova funcionária, Madame Samantha ainda preparou um prato de comida. Enquanto a jovem saciava sua fome, a mulher foi lhe falando que para trabalhar ali Suzi precisaria dar um trato no seu visual. A garota, que nunca havia feito nada para mudar a aparência, apenas aparado o cabelo, que inclusive já estava na cintura, ficou sem saber o que fazer. Afinal, estava sem um tostão, tudo que havia juntado perdeu para os Silvas e agora não podia nem comprar uma peça de roupa nova.

Foi aí que mais uma vez Samantha se mostrou prestativa e disse que poderia ajudar a jovem com isso, lhe dando tudo o que precisava para poder trabalhar ali. Quando Suzi pensou em desconfiar da boa vontade, a mulher interrompeu sua indagação que estava prestes a sair e continuou a proposta. Explicou que daria essa ajuda no começo, mas que a garota teria que pagar prestando os serviços que a Madame mandasse. Isso não a tranquilizou de fato, mas naquele momento sua mente borbulhava e em seu peito muitos

sentimentos entravam em conflito. Havia vivido uma montanha russa de emoções nos últimos dias, chegando em Arraial cheia de esperança e felicidade, mas vendo tudo se desfazer no primeiro dia.

Agora surgia, mais uma vez, outra oportunidade e Suzi não estava em posição de rejeitá-la. Tinha recebido muitos não naquele dia e desta vez a decisão estava em suas mãos, chegava até a ser difícil acreditar que ela estava nessa posição. Então, empolgada pelo momento e acreditando ser um milagre que surgira em sua vida, a garota aceitou a proposta de Madame Samantha.

Naquele momento uma chama de esperança começava a se acender novamente em seu peito. Pena que duraria pouco tempo, pois a impressão de que estava no controle da situação era apenas uma ilusão. Logo o jogo seria revelado e a jovem entenderia quais as reais cartas que tinha nas mãos.

## Caindo na armadilha

No dia em que voltamos a conversar, após a jovem senhora decidir dar continuidade a essa parte da sua história, a encontrei toda arrumada. Estava usando um vestido longo florido, toda maquiada, cabelo bem alinhado, brincos, colar e anéis, o pacote completo de uma verdadeira madame, chique dos pés à cabeça. Suzi me explicou que era por causa da reunião que acabara de ter com a sua congregação das Testemunhas de Jeová. Mesmo que os encontros estivessem sendo a distância, ainda assim gostava de se arrumar e manter a aparência.

Já conhecia sua vaidade e a preocupação com o visual, mas vê-la daquele jeito, parecia outra mulher. Sua aura mudou, estava imponente e segura, como se pudesse dominar o mundo antes do almoço. Só que com o decorrer da nossa conversa e quanto mais detalhes ela ia me dando sobre o tempo em que trabalhou para Samantha, senti essa energia que emanava dela diminuir.

Começava a ficar mais acanhada, como se quisesse se esconder de algo ou de alguém, talvez de seu passado, pois o que vê nesta parte da sua vida, em específico, é algo que não lhe representa, que foge de tudo o que acredita. Mas nem sempre somos reflexos da realidade que vivemos, e suas ações naquela época foram ditadas pelos caminhos que lhe eram impostos. E hoje, tem a oportunidade de estar seguindo por direções diferentes, que realmente valoriza e gosta.

\*\*\*\*\*

Depois de aceitar a proposta da Madame, a garota foi junto com a mulher para um salão de beleza próximo do bar. Lá teve pela primeira vez seus cabelos cortados em um penteado chique, as unhas feitas e tudo o que tinha direito, ao final, mal se reconheceu. Suzi sempre foi uma moça linda, mas que sempre teve a beleza escondida pelo peso que a vida lhe impusera. Nunca

teve tempo para cuidar de si, estava sempre ocupada trabalhando ou evitando ser violentada.

Antes de voltarem para o prédio, Samantha levou a jovem para uma loja também ali perto, um pequeno brechó onde a mulher era bem conhecida e parecia frequentar bastante. Logo que chegou, a dona do pequeno estabelecimento já foi chamando a Madame para lhe mostrar as novas peças que poderiam lhe interessar. E de imediato, outra atendente puxou Suzi pelo braço e foi lhe enchendo de roupas, a garota só olhou para a chefe, que fez um sinal de aprovação com a cabeça.

Experimentou mais roupas do que teve a vida toda, algumas lindas, outras que a deixavam desconfortável. A cada peça que vestia, precisava sair do provador e mostrar o resultado a Samantha, que no final foi quem decidiu as roupas que levariam. A jovem percebeu que a maioria das peças que Madame escolheu, foram justamente as que não se sentiu bem usando. Porém, como estava ganhando tudo aquilo, não tinha como recusar e aceitou os presentes.

Quando voltaram ao prédio, Samantha mostrou qual seria o quarto, entre aqueles tantos, que Suzi poderia descansar até a noite chegar. A jovem estranhou, pois só havia uma cama e uma pia com um pequeno espelho dentro do cômodo. Sem saber onde guardar as poucas roupas que tinha na mala e aquelas tantas que ganhou, questionou a chefe, que por sua vez explicou para a garota que tudo de valor ficava no último andar. Os quartos eram usados apenas para descanso e outras coisas que a mulher não quis revelar naquele momento, mas que deixou a garota desconfiada.

Tudo o que tinha feito naquela tarde lhe deixou tão empolgada, que acabou esquecendo que precisava aprender a dançar. Após se estabelecer e achar um espaço para suas coisas, mais uma vez procurou sua nova chefe para esclarecer melhor sua função. E foi aí que as coisas começaram a mudar, a ilusão de que tudo aquilo era uma dádiva começou a se desfazer e Suzi viu seu caminho novamente seguir por uma direção que não desejava.

\*\*\*\*\*

A garota experimentara muitos sentimentos diferentes nos últimos dias, indo do êxtase de estar seguindo o caminho que queria, para ter sua filha de volta, até a vertigem de cair de cabeça diretamente no fundo do poço. No primeiro momento, na casa de Samantha, não tinha ficado visível para ela que estava caindo em uma armadilha. As boas ações da mulher, em nenhum momento lhe pareceram apontar para intenções ruins. Imaginava que teria que trabalhar muito para pagar tudo aquilo, mas nunca se perguntou com o que exatamente trabalharia.

Dançar foi apenas um artifício usado pela Madame para distrair a jovem e fazê-la cair em sua teia. Todo aquele papo de que poderia virar estrela de televisão, foi uma invenção de Ricardo, uma tática muito comum para enganar jovens inocentes. Agora que tinha gastado uma nota com a transformação da garota, lhe dando um dia de rainha, Samantha usaria isso para manipulá-la e chantageá-la. Então, quando explicou o que Suzi teria que fazer, deixou claro que não tinha outra opção, pois ela deveria pagar por tudo que foi gasto naquele dia. Caso contrário, arcaria com as consequências de uma maneira bem menos agradável.

Suzi perdeu o chão mais uma vez, tinha caído nas garras de outra malfeitora. A sensação era parecida com a que sentiu quando Morais a iludiu, mostrando-se um homem bom e depois revelando sua verdadeira face, só que naquela época demorou mais tempo para cair em si. Desta vez o baque foi imediato, sentiu como se sua força vital fosse sugada. Aquela chama de esperança que havia reacendido em seu peito, virou uma faca, que lhe golpeava constantemente causando uma dor profunda.

Havia ficado tão distraída com tudo de bom que estava acontecendo, que essa guinada repentina lhe paralisou por completo. Não soube o que fazer, ou como reagir, e Madame Samantha foi bem enfática sobre as consequências que sofreria se não pagasse sua dívida. Era surreal para a jovem pensar que chegou a Arraial com uma boa quantidade de dinheiro,

para recomeçar a vida ao lado de Jaqueline, e agora, depois de apenas dois dias, se via devendo uma quantia ainda maior para a cafetina da cidade.

## Sua nova rotina de trabalho

Suzi começou a viver no automático no Cabaré da Madame Samantha, passava o dia jogada em algum canto do prédio e quando chegava a noite se arrumava seguindo os padrões do estabelecimento, usando roupas que mostravam mais do que gostaria. Durante o horário de trabalho seguia sempre as mesmas diretrizes: interagir com todos os clientes, sempre parecer feliz em estar na companhia deles, rir das piadas sem graça, pedir que lhe pagassem bebidas e principalmente incentivar que consumissem.

Também era importante nunca deixar que bebessem do seu copo, pois sua bebida vermelha era apenas suco de morango, servido de forma a imitar um Campari. Madame Samantha tinha criado todo um sistema dentro do bar, onde as bebidas servidas para as suas garotas ficavam separadas das demais. O objetivo de servir suco a elas, era para que justamente não ficassem bêbadas e pudessem aguentar mais tempo de trabalho. Além de se manterem atentas às diretrizes e poderem ludibriar com mais facilidade os frequentadores do estabelecimento.

Os primeiros dias foram os mais difíceis para Suzi, que além de estar em uma situação da qual não gostava, precisava encarar diversos olhares de desejo partindo de todo tipo de homem. A jovem conhecia bem aquilo, o que lhe trazia péssimas recordações e fomentava um trauma que começará lá na fazenda dos Silvas, com seus irmão a perseguindo, e que em seguida foi intensificado por Moraes e suas constantes agressões. Algo que já não é fácil de se viver, tornou-se ainda mais difícil para alguém com tantas sequelas.

Tudo isso ainda era somado ao fato de ter sido colocada nessa situação contra sua vontade, na base da chantagem e ameaça. E a estratégia usada por Samantha naquela época, é algo comum nos dias atuais. Muitas jovens, assim como Suzi, são enganadas e caem em esquemas criminosos sem nem perceberem, sempre sendo iludidas por falsas promessas ou até sendo vendidas por parentes e pessoas próximas. Inclusive, hoje em dia existem sistemas muito mais elaborados, que alimentam redes gigantescas de tráfico

internacional para exploração sexual. E esse crime afeta principalmente e quase que exclusivamente, às mulheres em situações sociais de vulnerabilidade.

\*\*\*\*\*

Em 1.983 a garota completou 18 anos, atingindo sua maioridade, e assim como em todas as datas anteriores, não fez nada de especial. Na verdade, nem havia compartilhado com as demais pessoas que viviam e trabalhavam lá, o dia de seu nascimento. Ninguém nunca pareceu se importar também. Todas as outras garotas que moravam no prédio e as que passaram por ali antes delas, tinham o mesmo aspecto de Suzi, como se vivessem no automático. A sensação era como se a Madame Samantha, de alguma forma, sugasse a vontade de existir delas, transformando-as em zumbis que se mantinham de pé apenas pelo desejo de conquistarem a liberdade novamente.

Não era a primeira vez que Suzi vivia algo assim. Basicamente grande parte de sua vida até ali tinha sido uma luta constante pelo direito de ter controle sobre suas próprias escolhas e caminhos. Já estava familiarizada com o sentimento e sabia o que precisava fazer para sair daquela situação em específico: seguir as ordens de Samantha até finalmente quitar sua dívida. Desta vez estava em uma posição diferente, não poderia fugir ou gritar por socorro, porque caso o fizesse seria silenciada para sempre.

Sendo assim, foi se adaptando e descobrindo o que precisava fazer no Cabaré. de fato precisou aprender a dançar, porque era uma das maneiras de entreter os clientes, só que este aprendizado, tornou-se uma de suas paixões. Até hoje não esqueceu os passos de dança de salão que praticou naquela época. Apesar de já não ter mais o mesmo ritmo, ainda gosta de se embalar ao ouvir algumas músicas, que também são um resquício bom, em meio às coisas ruins daquele momento da sua vida.

Mas com o passar do tempo as obrigações iam aumentando, algumas coisas começavam a ficar mais difíceis de serem executadas e alguns clientes queriam se tornar cada vez mais íntimos da jovem. E a Madame começou a ver uma mina de ouro inexplorada diante de seus olhos. Suzi era uma das garotas mais bonitas e a que os clientes mais procuravam durante a noite. Com sua visão empreendedora, Samantha a tornou um de seus aditivos mais exclusivos. Começou a oferecê-la aos homens que frequentavam o bar, não apenas para terem uma companhia que risse de suas piadas, mas também para ter relações. E logo de cara, o primeiro frequentador que demonstrou interesse era um dos fazendeiros mais ricos da região e o cliente que mais gastava no Cabaré.

Antônio era o típico fazendeiro gaúcho dono de terras. Chegava todos os dias com seu carrão, pilchado do chapéu as bombachas, ostentando seus privilégios e esbanjando sua fortuna. Vez ou outra pagava uma roda de bebidas para todas as meninas, sem saber que era apenas suco. Sempre foi um dos clientes vips da Madame Samantha, tendo um atendimento diferenciado e exclusividade nas novas “aquisições”.

E a novidade da vez era a jovem Suzi, que todas as noites era galanteada por muitos homens, mas ninguém havia conquistado o direito de subir com ela para o quarto, como acontecia com as outras garotas. A jovem já estava ciente que em algum momento isso aconteceria. Conversava sobre isso com as outras meninas e o que elas compartilhavam lhe dava pesadelos. Sabia como era passar por aquilo, viveu anos tendo que se submeter aos desejos de Moraes, sem no mínimo ter algum tipo de afeto pelo homem. Agora teria que se deitar com um estranho para poder pagar uma dívida, que se soubesse o que lhe custaria, nunca teria feito.

\*\*\*\*\*

Quando Samantha lhe puxou pelo braço para um canto, a jovem sabia que o momento que mais temia havia chegado, então a mulher lhe explicou

como essa parte do trabalho funcionava. Mesmo horrorizada ao perceber que seu corpo estava sendo vendido para um velho rico poder se divertir, a garota se surpreendeu ainda mais em saber que havia regras e que ela precisava controlar o que era feito para cobrar de Antônio no final.

Foi desconfortável e lembrava muito o que passara com Moraes. Porém, não carregava o sentimento de desprezo que sentia naquela época por aquele homem, o que não tornou as coisas mais fáceis, mas deixou mais suportável. Também não haviam agressões físicas, mas mesmo assim aquela situação era uma violação ao seu corpo e seus direitos, pois não desejava estar ali. Suzi tornou-se propriedade exclusiva do fazendeiro, era o único que podia tocá-la e acompanhá-la até o andar de cima, mas isso não impedia que outros flertassem com ela.

Sua rotina passou a ser essa, circular pelo bar incentivando os outros homens a consumir, e assim que Antônio chegasse, deveria dar-lhe toda a atenção, fazendo-o gastar o máximo possível. Durante o dia não saía para rua, tinha receio de encontrar alguém conhecido, ou mesmo de ser julgada, pois não se sentia bem com sua nova ocupação. Não fazia nada além de assistir televisão e acompanhar as histórias incríveis daquelas pessoas da ficção, que viviam livres dentro daquela pequena caixa, realidade que imaginou ser a sua um dia.

Em muitos momentos ela pensou em procurar por Jaqueline, mas tinha receio de que os Santanas lhe perguntassem o que estava fazendo da vida e que descobrissem seu novo trabalho. A atual posição que ocupava lhe deixava menos empoderada, pois a vergonha que sentia, inibia sua força de vontade. Também não queria trazer sua filha para aquela realidade e se culpava muito pelo que ela pudesse estar passando. Sentia como se tivesse abandonado a pobre criança à própria sorte.

Com o tempo foi se acostumando com a ideia de talvez nunca mais reencontrá-la, porque via que seu caminho se estreitava cada vez mais. Sua dívida com Madame Samantha nunca chegava ao fim, porque cada dia vivendo ali no prédio era somado ao montante, o que foi gerando uma bola

de neve enorme. E quando se deu por conta, Suzi estava soterrada por completo, presa embaixo de um emaranhado de coisas e sem ninguém que lhe pudesse estender a mão e tirá-la de lá.

## Tomando as rédeas para si

No Brasil começava a eclodir o movimento político das "Diretas Já", um movimento que buscava as eleições diretas para a Presidência da República, e que deixava alguns dos fazendeiros mais ricos e frequentadores do Cabaré em polvorosa. Reuniam-se em suas mesas só para conversar sobre os efeitos disso para o seu bolso. Suzi, por outro lado, não entendia nada de política, mas via as imagens vez outra nos jornais, com uma multidão de pessoas brandindo bandeiras com a escrita que reivindicava as eleições diretas.

Esse movimento tinha como objetivo dar ao povo brasileiro, após 20 anos de ditadura, o poder de escolher seus representantes. Para a garota isso nem era relevante, afinal nem votava e não tinha noção dos impactos da política em seu cotidiano. Porém, vivia em uma situação semelhante. Mesmo esquecida lá nos confins de Arraial, Suzi também buscava pelo poder de escolha. Só que para ela, isso significava ter autonomia de decidir o que fazer com a própria vida. O controle que almejava adquirir era o que a guiava para os próximos caminhos. Mas naquele momento, assim como a sociedade brasileira, estava frustrada.

O povo sentia-se assim devido à rejeição do projeto de emenda constitucional que permitia a eleição por votação direta. Suzi, por sua vez, sentia-se assim porque toda vez que achava que sua vida mudaria e melhoraria, era arrastada para uma situação pior. Vivia uma constante série de infortúnios e desventuras, que lhe arrasavam, para em seguida lhe darem um pouco de esperança, e por fim, chegarem novamente como uma onda, deixando-a submersa em dor e sofrimento.

\*\*\*\*\*

Suzi já estava há alguns meses vivendo no Cabaré e ainda não tinha conseguido encontrar uma forma de se livrar daquela situação. Novamente via-se sem um caminho para seguir, não queria ter que morar na rua e nem

voltar para alguma das famílias que lhe fizeram tanto mal. Tudo o que queria era seguir em frente, encontrar uma forma de recomeçar sua vida longe de toda aquela dor que passou ali. Só que não importava para onde olhasse, só via sua dívida com Madame Samantha aumentar, e o emaranhado em sua volta lhe envolver cada vez mais.

Uma vez até pensou na possibilidade de Antônio lhe tirar de lá, já que gostava tanto de sua companhia, mas a ilusão se desfez rapidamente ao descobrir que ele, na verdade, era casado. Muitos dos homens mais ricos que frequentavam o Cabaré, viviam uma vida aparte, com famílias completas e supostamente felizes. Só que buscavam no estabelecimento de Samantha um refúgio onde pudessem expor seus pecados sem serem julgados.

Ainda sem conseguir pensar em alguma alternativa para mudar o rumo das coisas, e na verdade até sem forças para conseguir tal proeza naquele momento, Suzi foi empurrando como dava. Vivendo um dia de cada vez e tentando desligar sua mente a maior parte do tempo, para não dar ênfase às coisas desagradáveis que era obrigada a fazer.

\*\*\*\*\*

Em uma noite como todas as outras, seguia seu atendimento normal, conversando com algumas pessoas e bebendo seu suco de morango, quando em determinado momento foi avisada que Antônio havia chegado. Respirou fundo e preparou seu ânimo para encarar mais uma noite de exploração. Antes de conseguir se aproximar do cliente, uma confusão generalizada começou. Ouviu gritos, ameaças e de repente um empurra empurra para todos os lados.

Assustada, Suzi procurou saber o que estava acontecendo e viu que o velho fazendeiro estava envolvido. Uma das moças que também trabalhava no Cabaré falou que Antônio estava discutindo com outro cliente, e o motivo era Suzi. Pelo que entendeu, a confusão começou porque esse outro homem queria desfrutar da companhia da jovem e quando o cliente habitual de Suzi

ficou sabendo, quis tirar satisfações. Então os ânimos esquentaram e o álcool que fervilhava no corpo daqueles dois foi o ingrediente perfeito para o caos.

O que começara com uma discussão, virou uma disputa aflorada para ver quem ficaria com a garota, que por sua vez, nem havia sido consultada sobre sua preferência. Afinal, a opinião dela sobre sua própria vida não parecia ser importante e o duelo de dois homens bêbados, transbordando testosterona, é o que decidiria seu destino naquela noite. De repente ouviu ao longe a voz de Antônio proferir que se não fosse para ficar com ele, Suzi não viveria para ficar com outro. Pelos gritos que sucederam a sua fala, algo havia acontecido. Então a jovem escutou um estouro e viu um pedaço de teto caindo. O gatilho daquela arma além de ativar a bala, despertou o instinto da garota, que entendeu que precisava urgentemente lutar por sua vida mais uma vez.

Como estava perto das escadas que davam acesso aos andares de cima, rapidamente subiu até o último e foi de encontro a sua velha mala que estava guardada no mesmo local que havia deixado meses atrás. Não havia nem sido desfeita, afinal ganhara novas roupas de Samantha. Agarrou-se a ela e desceu de volta até o segundo andar, onde tinha uma saída para os fundos do prédio. Com todo o cuidado deu a volta até a frente, porque os muros eram altos demais para pular. Ao chegar na entrada, notou que a confusão começava a sair do estabelecimento, tomando a calçada, com algumas pessoas indo embora antes da coisa ficar pior.

Avistou do outro lado da rua um senhor entrando em um fusca branco. Sem pensar duas vezes, a jovem correu em direção a ele e pulou para o assento ao lado do velho. Implorou que a levasse embora, para qualquer lugar, só queria ir pra longe dali. O homem então arrancou o carro e os dois partiram em fuga. A adrenalina corria por suas veias. Não havia planejado nada daquilo, simplesmente seguiu sua intuição e foi agindo levada pelo momento. Agora estava dentro de um fusca com um desconhecido, sem saber para onde ia.

Quando a agitação de seu corpo começou a diminuir e seu coração foi desacelerando, Suzi percebeu que o velho ao seu lado era um conhecido frequentador do bar, que além de cliente, muitas vezes tocava uma moda de viola. Sentiu-se mais aliviada em ver quem era, pois o violeiro sempre pareceu ser um homem pacato, que só aparecia no Cabaré para beber sua cachaça e tocar seu instrumento. O questionou então sobre qual seria o destino e ele prontamente falou que tinha um lugar, em uma cidade não muito longe dali, que talvez acolhesse a jovem.

Agora, mais calma e longe do caos que a cercou no Cabaré, pode refletir sobre o que acabara de acontecer. Havia fugido das garras da Madame Samantha, sem terminar de lhe pagar a dívida. Isso significava que não poderia voltar tão cedo para Arraial, pois a mulher era influente na cidade e descobriria seu paradeiro, caso estivesse na região. Consequentemente isso dava um basta em sua saga de reaver sua filha. Depois de tudo o que passou tentando alcançar esse objetivo, estava sendo forçada a abandonar de vez o sonho de ter uma família feliz ao lado de Jaqueline.

Enquanto o velho violeiro dirigia em direção ao seu próximo destino, Suzi repousou sua cabeça na janela do fusca e navegou por seus pensamentos em busca de alternativas para os seus próximos passos. Relembrou tudo que viveu nos últimos meses e como queria fugir dessa realidade. Agora estava indo em direção, mais uma vez, ao futuro incerto. Apesar desta situação ter surgido devido a disputa entre dois homens para controlar o destino de Suzi, foi a própria garota que tomou as rédeas e fez suas escolhas. Mesmo sem saber o que aconteceria a seguir, tinha uma única convicção, que ninguém lhe diria o que fazer ou controlaria sua vida, além dela mesma.

# **CAPÍTULO 8: A SUZI**

## **A oportunidade de recomeçar**

A jovem senhora está casada há mais de 10 anos com seu atual marido. Não tiveram filhos juntos, mas vivem uma vida feliz, cuidando dos cachorros, da horta e das plantas. Ao lado dele encontrou o amor, companheirismo, carinho e o respeito que é necessário dentro de um relacionamento. Quando se conheceram, Suzi já era uma mulher madura, que havia aprendido muito com a vida, então não teria aceitado nada diferente disso.

Hoje segue os dogmas de sua religião à risca, respeitando cada ensinamento que recebe. Através da sua fé, acredita que este é o melhor caminho para seguir tendo uma vida tranquila e feliz. Por enquanto, assim tem sido, mantendo-se firme naquilo em que acredita. Quando as coisas fogem do controle, continua com sua fé erguida, sem nunca perder a esperança. E seja por força divina, ou pela sua própria força de vontade, as coisas sempre melhoram.

Além dos seus caminhos estarem sendo os que deseja, fica feliz por ver seus filhos seguindo por boas direções. Algo que não teria sido possível sem sua luta diária para ter e poder dar uma vida digna a eles e principalmente, graças a sua determinação em buscar e conquistar o melhor ao seu alcance. Apesar de tudo o que viveu, os reflexos de seu passado não ditam quem ela se tornou. Agarrou com unhas e dentes as rédeas de sua vida e a guiou até alcançar a paz que sempre buscou.

\*\*\*\*\*

Ao longo dos anos Suzi escapou de muitas situações ruins e teve poucas oportunidades de decidir quais caminhos seguir, sendo sempre forçada a trilhar por direções tortuosas. Finalmente estava chegando em um ponto derradeiro, onde tomaria o controle da sua vida de uma vez por todas e dali em diante escolheria os rumos que seguiria. Mas por hora, seguia o rumo que o velho violeiro havia lhe indicado, e na calada da noite chegaram a uma pequena casa.

Já estavam em outra cidade, Quitéria, que ficava a cerca de seis horas de Arraial. A estrutura era a mesma do outro município, lugar pequeno que havia crescido às margens de uma rota comercial. Quando o fusca finalmente parou, a jovem viu ao lado uma casa toda branca, que ficava no início da subida de um morro. Havia muitas luzes acesas e dava para ouvir música vinda do lugar.

O velho a acompanhou até dentro do local e Suzi pôde observar que o ambiente era familiar, tinha a mesma estrutura do Cabaré de Madame Samantha. Um salão amplo, com um bar no canto mais afastado e a única diferença era um palco na lateral, onde uma banda se apresentava. Aquele estabelecimento também era menor, tinha apenas um andar. A garota mal acreditou que o violeiro a levará para um ambiente igual ao que acabara de escapar. Não fazia ideia de onde estava, então seguiu o homem até o bar e conheceu Minerva Assis.

Ela era uma mulher loira, de estatura média e corpo volumoso, totalmente oposta a Samantha. Quando viu o violeiro, abriu um largo sorriso e logo emendou uma pergunta, querendo saber se tinha vindo para tocar. Então o homem lhe explicou a situação e apresentou Suzi a animada dona do Cabaré Canta Galo.

A jovem já estava com os olhos lacrimejando, observando todo aquele povo em festa, as mulheres circulando pelo salão e os clientes disparando diversos olhares cheios de malícia para cima dela. Sentiu-se novamente dentro daquela situação que lhe desagradava tanto, e os sentimentos que foi

guardando ao longo do tempo em que viveu sob o domínio de Madame Samantha a floraram e eclodiram de seu peito.

Vendo o estado da garota, Minerva a agarrou e guiou ela para um corredor, onde haviam alguns quartos anexos ao salão. Antes, avisou o velho violeiro que estava tudo sob controle e que ela cuidaria da menina a partir de agora. Por cima do ombro e com os olhos meio embaçados pelas lágrimas, Suzi pode ver o homem acenando e se despedindo dela.

\*\*\*\*\*

Já dentro do quarto e longe do barulho da festança, que invadia de maneira abafada o pequeno cômodo, Suzi começou a se acalmar. Tomou um copo de água oferecido pela senhora Assis e sem ser questionada sobre nada, desandou a falar, como nunca antes na vida. Contou toda sua trajetória e o quanto queria, desesperadamente, dar um novo rumo para sua vida. Deixou claro que sob circunstância alguma trabalharia ali, mas que queria uma oportunidade de mostrar que poderia ser útil de outras formas. Apresentou a carta de recomendação que havia recebido dos Saraivas, como forma de comprovar suas qualificações.

Era de madrugada e o Canta Galo estava no auge, a mulher precisava voltar para o bar, então fez o que pode para tranquilizar a garota. Prometeu que na manhã seguinte conversariam e encontrariam uma forma de Suzi ajudar sem precisar trabalhar naquele estabelecimento. Para mostrar que estava segura, Minerva entregou para a jovem a chave do quarto e disse que poderia passar a noite ali.

Assim que a mulher saiu, Suzi passou a chave na porta, ajeitou sua mala num canto, lavou o rosto, bebeu mais um copo de água e desabou na cama. Sua mente borbulhava analisando tudo o que aconteceu e pensando em tudo o que poderia acontecer. Depois de um tempo, seus olhos foram fechando e o cansaço prevaleceu, dando a ela uma noite de merecido descanso.

\*\*\*\*\*

Acordou só a tarde, dormiu como uma pedra, nem o som da festa do outro lado da parede foi capaz de interromper seu descanso. Quando finalmente saiu do quarto se deparou com Minerva ajeitando o bar e mais uma senhora limpando o salão. Aproximou-se devagar da mulher que lhe havia ajudado, apenas com a sua velha mala nas mãos e um monte de pensamentos passando por sua cabeça.

Suzi não tinha certeza de quais eram as intenções dessa nova figura que surgiu em sua vida, então preferiu manter a cautela e não ir com muita sede ao pote, como havia feito quando conheceu Samantha. Mas antes que fosse notada sua presença, irrompe porta adentro um homem escandaloso, fazendo um escarcéu, todo entusiasmado, brincando com a senhora que limpava o recinto e chegando com tudo em Minerva para beijá-la.

Era Getúlio Assis, marido e companheiro de negócios da mulher para quem acabara de demonstrar seu amor. Um homem de média estatura, praticamente do mesmo tamanho de sua esposa, que tinha um cabelo bem amarelo e uma pele clara avermelhada, provavelmente por causa do sol. Seu corpo era esguio e meio encurvado para frente, começando a mostrar uma corcunda no alto das costas. Foi ele o primeiro a ver que a jovem estava de butuca e logo foi perguntando quem era.

A senhora Assis fez, então, as apresentações e explicou que aquela era a jovem da qual havia falado na noite anterior. Empolgado, o homem disparou uma notícia que pegou Suzi de surpresa ao questionar a esposa se seria aquela a moça que cuidaria de seus filhos. Naquele exato momento o coração da garota disparou, com a mesma fagulha de esperança que sempre mantinha no peito, que por mais que se apagasse, sempre encontrava uma maneira de reacender. Esta foi mais uma das vezes em que pode sentir o calor trepidar de volta em seu interior.

Antes mesmo de poder perguntar algo, Minerva se interpôs ao marido e confirmou sua colocação, o que deixou Suzi ainda mais empolgada, porém

ainda contida, mantendo a cautela. A senhora Assis começou então a lhe explicar a oferta, e a jovem começou a sentir uma alívio em seu peito, como se um peso fosse sendo removido a cada palavra da mulher. O trabalho era praticamente o mesmo que havia realizado na casa dos Saraivas, e do qual havia gostado muito.

O casal tinha dois filhos, Miguel e Egídio, o primeiro tinha sete anos e o segundo era recém nascido. Suzi além de cuidar dos dois, ficaria responsável pela manutenção e cuidados da casa. Teria um quartinho para dormir, poderia comer junto com a família e ainda ganharia um salário pelos seus serviços, que poderia juntar e futuramente ter sua casa. Tudo parecia tão perfeito, que foi obrigada a desconfiar. Em sua vida, coisas boas não aconteciam com muita facilidade e quando aconteciam, vinham seguidas por algo ruim.

Mesmo com receio, Suzi não tinha muitas opções, estava em uma cidade diferente e não havia a quem mais recorrer. Aceitou a oferta e foi conhecer a casa e as crianças. Ainda com aquela pequena chama acesa, tendo o cuidado para não ser enganada mais uma vez, porém com esperanças de tudo aquilo ser real.

## Uma nova etapa

Enquanto contava sobre a época em que viveu no Cabaré de Madame Samantha, a jovem senhora segurava algum sentimento, barrando sua aparição através da habitual tática de apertar as mãos. Esses sentimentos ficaram perceptíveis, por contraste, logo que começou a relatar o momento em que conheceu os Assis, pois a partir dali sua postura foi mudando. Ao mesmo tempo que falava do alívio que sentia por tê-los conhecido e pelas oportunidades que lhe deram, dava para ver através das suas mãos, como essas lembranças iam liberando toda a tensão das anteriores. Isso me fez notar que estávamos chegando em um ponto importante, onde as coisas de fato começariam a mudar.

\*\*\*\*\*

A oferta de Minerva era verdadeira, realmente Suzi começou a trabalhar como doméstica e babá. A transição foi tranquila, tinha bastante coisa para fazer e as crianças lhe deixavam ocupada o dia todo. Diferente dos Saraivas, a família Assis era humilde, viviam com um certo conforto, mas com menos ostentação. Na verdade, muita coisa era diferente da época em que trabalhou em Porto Alegre.

Seus novos patrões levavam uma vida totalmente diferente dos anteriores, eram mais boêmios, afinal possuíam o único cabaré da cidade. Foi um paralelo interessante para a garota, que se sentia muito mais parte da família Assis, do que jamais se sentiu dos Saraivas, mesmo estando sempre ao lado deles. Talvez fosse porque, além do respeito, os atuais chefes também lhe tratavam como uma igual. Com o tempo, inclusive, foram tornando-se grandes amigos.

No seu novo emprego era totalmente livre para fazer o que bem entendesse, desde que cumprisse com as obrigações. Podia sair para passear com as crianças, ia ao mercado fazer compras e com o tempo pode conhecer cada canto da pequena cidade. Quitéria era um lugar pacato, assim como

Arraial, mas tinha um ponto turístico muito frequentado, um grande rio, que mais parecia uma praia. A água era calma e cristalina, em seu entorno havia uma enorme faixa de areia branca, que fazia Suzi lembrar do mar. Só que diferente de Capão da Canoa, ali não havia ondas e o horizonte acabava nas enormes árvores que circundavam o leito do rio. O local acabou tornando-se um refúgio para a garota, que sempre que podia, dava uma escapada e ia mergulhar.

A vida de Suzi seguiu tranquila. O ano de 1.983 ficou para trás, assim como os problemas. No novo ano buscava, mais uma vez, recomeçar sua vida. Agora em uma cidade diferente, ao lado de pessoas boas e que realmente tinham a intenção de lhe ajudar. Seu objetivo havia se tornado ter sempre o controle da própria vida, conquistar seu espaço no mundo e ter suas próprias conquistas, assim como Minerva havia feito.

Por fim, quando tivesse toda a estrutura que precisava, iria atrás de sua filha, porque mesmo com essa nova aventura começando, não conseguia esquecer de Jaqueline. Mas a nova aventura, além de alguns desafios, trouxe muitas coisas que a garota não planejava, e nem sabia que seria possível encontrar, entre elas, o amor.

\*\*\*\*\*

Suzi começou a se relacionar com novas pessoas na pequena Quitéria, os Assis eram muito conhecidos e tudo era motivo de festa. E como a garota já era quase parte da família, ia junto. No começo foi um pouco difícil, sentia medo das pessoas, afinal, com tudo que viveu era difícil voltar a confiar em alguém. Mas aos poucos foi se soltando, aprendendo a interagir e fazendo novas amizades.

Estava gostando muito dessa nova etapa da sua vida, as coisas iam fluindo bem e tudo parecia tranquilo. Até que em uma dessas comemorações conheceu Jorge Almeida, um dos membros da banda que costumava tocar no Canta Galo. Almeida era um jovem galanteador, que quando pôs os olhos em

Suzi se apaixonou por sua beleza. Tinha um ano a menos que a garota e nessas festas que frequentava, era difícil encontrar moças da sua idade. Então aquela linda jovem foi um achado raro.

O rapaz bem que tentou se aproximar, mas Suzi fugia, não queria se envolver com ninguém, todas as suas experiências haviam sido péssimas. Já era difícil confiar nas pessoas para serem suas amigas. Quando se tratava de homens com segundas intenções, então, sua desconfiança só aumentava. Sua mente logo ligava o alerta e a lembrava tudo que havia passado. Não conseguia nem imaginar voltar a viver algo como aquilo de novo.

Só que o destino ainda lhe guardava uma surpresa, durante um de seus passeios para ir mergulhar no rio, conheceu dona Gertrudes, uma senhorinha pequena, com um volumoso cabelo branco, que parecia algodão. Suzi foi até ela para oferecer ajuda com as sacolas de compra que carregava e com um largo sorriso a velhinha aceitou. A jovem lhe acompanhou até em casa e ao final, a anciã pediu que entrasse para um café. Tiveram um ótimo papo naquele dia e Suzi se sentiu conectada àquela nobre mulher.

Os encontros ocasionais, onde a garota ajudava a senhora, acabaram se tornando habituais, sempre com uma pausa para o café e uma troca de palavras. A jovem havia encontrado em Gertrudes uma grande amiga, não sabia explicar como, mas sentia essa forte ligação.

Em um dos encontros, uma surpresa aconteceu. Um jovem irrompeu pela porta dos fundos, que dava acesso a cozinha onde as duas estavam conversando. Chegou esbaforido chamando pela mãe. O rapaz era Jorge, o músico que estava apaixonado por Suzi e que, naquele momento, estava ofegante por estar chegando mais cedo do futebol, pois havia se machucado. Ambos ficaram alguns segundos se encarando, ele escorado na soleira da porta e ela com o copo de café quase chegando a boca, mas que havia interrompido o movimento devido ao susto.

Desta vez Suzi não conseguiu se esgueirar para longe de Jorge, pois foi apresentada a ele e, ainda por cima, por sua nova melhor amiga, que era mãe do rapaz. O destino lhe pregou uma peça, porque mesmo tentando fugir a

todo o custo de um relacionamento, foi fisgada por uma paixão. Um sentimento novo, que ainda não havia experimentado, mas que sentia aquecer seu coração, o deixando mais alegre. Os convites de Gertrudes para ir tomar café foram aumentando e a jovem foi percebendo quais eram as intenções da senhorinha.

Pelo visto já tinha a aprovação da mãe do rapaz, agora só precisava ter a liberação de seu subconsciente, que ainda lhe impedia de se sentir segura para envolver-se romanticamente com alguém. Só que na verdade, Suzi nunca havia se envolvido dessa forma com alguém. Os relacionamentos que teve anteriormente não foram consentidos, sempre tiveram abuso, fosse motivado pela violência ou pela exploração de seu corpo como produto.

Agora, pela primeira vez em sua vida, tinha o controle da situação em suas mãos e podia decidir o que faria com aquilo que sentia por Jorge. Essa sensação de poder, a deixava ainda mais entusiasmada, porque nunca havia experimentado algo assim. Imaginava que deveria ser desta forma que Minerva se sentia, podendo escolher como guiar seu relacionamento. Um novo mundo de possibilidades estava se abrindo e nunca mais olharia para trás, nunca mais viveria algo como o que passou na mão daqueles ouros homens que tinham atravessado sua vida.

## No controle da situação

Suzi finalmente conseguiu guiar sua vida pelos caminhos que queria. Começou a namorar com Jorge porque era de sua vontade e fez com que ele respeitasse seu tempo. A relação foi andando de acordo com seus desejos e não com base nas vontades do homem. Isso era um grande avanço para a jovem e também uma revolução para as pessoas daquela época, que viviam em um contexto social onde o patriarcado reinava. Mas a garota, que desde muito nova foi submetida a situações que lhe tratavam como objeto e lhe oprimiam removendo todos os seus direitos, conseguiu subverter esse cenário. Se impôs e mostrou que não aceitaria nada menos do que respeito.

E foi assim por boa parte da relação de Suzi com Jorge. O tempo de namoro foi ótimo, ele sempre a respeitando e cortejando. E a jovem ainda tinha uma ótima relação com sua sogra, que incentivava com afinco o relacionamento, inclusive dando muito mais apoio à nora do que ao próprio filho. Assim as coisas foram se ajeitando para os dois e a paixão de verão foi evoluindo cada vez mais. Na metade final de 84, uma surpresa, a garota estava grávida.

Começou o ano seguinte saindo da casa dos Assis, mas não de seu emprego, ainda mais que sua amiga Minerva esperava pelo terceiro filho, ao mesmo tempo que ela. Mudou-se, então, para a mesma casa onde seu companheiro vivia com a mãe. Só que desta vez não precisou planejar nenhuma fuga, mas sim um casamento. Se uniram no civil e festejaram no Canta Galo, com a presença dos amigos mais íntimos. Foi um momento especial para a jovem, que tinha o sonho de construir sua família e dar um novo rumo para a sua vida.

Depois de alguns meses vivendo com os Almeidas e com sua barriga crescendo, Suzi foi sentindo o que era ter uma família. Gertrudes era uma mulher muito afetuosa, que cuidava da garota em seu período de gestação. Jorge também lhe tratava bem, era carinhoso e atencioso, apesar de ausente em alguns momentos, pondo outras coisas mais superficiais como

prioridade. Mas naquele momento isso não incomodava a jovem, que aproveitava essa muito bem vinda tranquilidade.

Então, quando a hora chegou deu a luz e de seu ventre veio outra menina, Márcia. Um bebê como todos os outros, carinha enrugada e tão pequena que parecia que podia quebrar. Jurou naquele momento que faria de tudo para proporcionar à filha uma vida melhor do que teve e do que deixou para sua primogênita lá em Arraial.

Apesar de não saber como estava sendo a vida de Jaqueline, este era um pensamento recorrente, que sempre a lembrava de Moraes e a fazia imaginar que não deveria estar sendo fácil para a criança conviver com aquele homem. Toda vez que esse tema surgia em sua mente, seu peito apertava muito forte, como se um pedaço do coração fosse arrancado, ou estivesse faltando. Suzi sabia que a dor era causada pelo sentimento de perda, porque com tudo que estava acontecendo em sua vida ali em Quitéria, a ideia de ir atrás de Jaqueline ficava mais distante. E com o tempo teve que ir acomodando essa dor em seu peito.

Com exceção do sentimento que mantinha guardado em segredo, as coisas estavam indo bem, podia deixar Márcia com a avó e trabalhar para ter seu dinheiro. Jorge também trabalhava e ajudava com as despesas. Sua ocupação era em uma borracharia de beira de estrada, como mecânico. O tempo foi passando e o casal de jovens foi vivendo a melhor parte do relacionamento, constituindo uma família feliz, o sonho de Suzi. Só que se uma coisa aprendemos até aqui, é que a vida da garota sempre dá um jeito de surpreender.

\*\*\*\*\*

À medida que os anos foram passando, começou a ficar difícil manter a mesma paixão lá do início. Jorge começou a ligar menos para a família, dando mais importância para seus jogos de futebol, para as noitadas de jogatina e farra com os amigos. Suzi não aceitava isso, havia vivido tempo

suficiente com um companheiro ausente, para saber que aquilo não fazia parte do real sentimento de família. E essas situações foram lhe incomodando, porque era perceptível que aquilo pelo que lutou tanto, estava se desfazendo.

Não permitiria, não agora que havia chegado tão longe, daria um jeito de manter sua família unida. O problema era que a única ponta solta era seu marido, logo quem mais deveria lhe apoiar. E infelizmente a jovem não tinha experiência o suficiente em relacionamentos para entender o que estava acontecendo. Preferiu então insistir e persistir, achando que de alguma forma reacenderia aquele amor que viveram durante o começo do relacionamento.

Então, no final de 1.987 nasceu o segundo filho do casal, Jorge Junior. Não foi uma estratégia de Suzi para manter o marido preso, foi só o puro acaso, mas na época pensou ser o destino lhe dando mais uma oportunidade de voltar a solidificar o pertencimento de família. Só que não foi bem assim que as coisas aconteceram.

Jorge continuou levando sua vida boêmia e à medida que ficava mais velho, ao invés de maturidade, ia adquirindo confusões. Através das jogatinas de cacheta começou a acumular dívidas e Suzi teve que tirar dinheiro que era para o leite das crianças para salvar a pele do marido irresponsável. Começou a chegar em casa bêbado constantemente e isso começou a trazer lembranças ruins à garota. E antes que a situação se agravasse, ela decidiu tomar atitudes para evitar o pior.

Como havia conquistado muita autonomia nos últimos anos, acabou aprendendo que o mundo não girava em torno do umbigo dos homens e que ela também poderia ser o alfa da relação. E quando descobriu que seu marido estava frequentando o Canta Galo, querendo se relacionar com outras mulheres, vestiu uma roupa do companheiro e com um facão preso na cintura foi atrás dele.

Chegou no estabelecimento querendo saber de seu paradeiro e descobriu que ele já estava em um dos quartos com alguém. Sem nem pensar duas

vezes saiu chutando a porta do cômodo em que Jorge estava e com o facão em riste, interrompeu o coito. Acertou a mulher e o marido com a parte plana da arma, dando algumas pancadas com toda sua força, deixando o formato do objeto marcado em vermelho na pele dos dois, mas sem cortar.

Escoltou o homem de volta para casa, com o facão sempre apontado em sua direção. Estava desta forma tentando continuar no controle da situação, para manter seu casamento de pé e continuar com a família unida. Não queria que seu atual relacionamento se torna-se a tortura que foi viver com Moraes. Agora que tinha aprendido como fazer suas próprias escolhas e decidir o que é melhor, não se sentia acuada e com medo. Muito pelo contrário, tinha força suficiente para conquistar o mundo se quisesse. Só que com o tempo, ia perceber que conquistar o mundo talvez realmente fosse mais fácil que manter um casamento. Principalmente quando um dos dois não se esforça mais para fazer dar certo.

## A fé como companheira

Enquanto me contava sobre os causos que viveu com seu ex marido, a jovem senhora caiu na gargalhada. Tinha uma expressão totalmente diferente das lembranças anteriores, estava mais leve, como se esses momentos fossem de uma saudosa época de sua vida. E aparentemente eram, pois não mostrava ter guardado mágoas do que viveu com Jorge. Mesmo que ele também tenha sido uma decepção em sua vida, se comparado às outras, essa não chegou nem perto de ferir Suzi, a ponto de deixar alguma cicatriz profunda.

Parecia até que havíamos mudado de gênero e agora começamos a nos aventurar em uma história mais alegre na qual Suzi não era mais uma jovem inocente, marginalizada e tratada como objeto, sendo jogada de um lado ao outro por seus donos. Agora não poderia ser mais abalada por nada. Lutaria com tudo por sua felicidade, faria de tudo para manter sua promessa aos filhos e em hipótese alguma perderia aquilo que lhe foi mais suado de conquistar, a liberdade.

\*\*\*\*\*

Naquele período a vida de Suzi estava passando por mais um processo de transformação. Isso inclusive refletiu nos novos aprendizados aos quais se dedicou. Foi naquele momento onde via seu casamento começar a ruir, que apareceu em sua porta uma ajuda divina, as Testemunhas de Jeová. Já tendo um pouco de conhecimento sobre a palavra de Deus, devido ao tempo que viveu com os Saraivas, Suzi quis ouvir o que aqueles religiosos tinham a lhe oferecer. Então além dos ensinamentos da bíblia, ensinaram a garota a ler.

Agora, munida de mais conhecimento e buscando seguir seus novos desígnios religiosos, Suzi se manteve firme com o marido e em alguns momentos praticamente teve que tratá-lo como uma criança, lhe dando broncas e dizendo que suas atitudes eram erradas. Por mais que ela se

esforçasse, infelizmente Jorge não entendia o que era fazer parte de uma família, não sabia como respeitar esse elo tão importante. Continuava com suas noitadas, mesmo que isso machucasse as pessoas por quem mais deveria ter apreço e cuidado, seus filhos.

Era justamente por eles que a matriarca insistia em tentar consertar a relação. Sempre que era preciso vestia seu uniforme, empunhava o facão e ia atrás do pai de seus filhos, que àquela altura, já não se qualificava mais como tal. Dava um péssimo exemplo às crianças, as deixando confusas, pois estavam constantemente presenciando os conflitos e as buscas que a mãe precisava fazer madrugada adentro. E essa sequela que Jorge deixou em Márcia e JJ, foi o seu ato mais baixo e talvez a única tristeza que Suzi realmente tenha carregado dessa relação.

Quando pareciam estar chegando ao limite, o casal foi surpreendido mais uma vez, e em 1.995 tiveram aquele que seria o último filho daquela união. A criança foi batizada de Matheus, uma referência bíblica, porque naquela época Suzi havia começado a frequentar o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová. O bebê nasceu saudável, apesar de seus quase cinco quilos, surpreendendo até os médicos. O caçula da família poderia ser o último fio de esperança de manter o relacionamento de pé. Só que nem seu nome bíblico foi capaz de causar uma intervenção divina e mudar as atitudes de Jorge.

À medida que o tempo passava, o homem tornava-se ainda mais relapso e inconsequente, mas para a sorte de Suzi e das crianças, nunca chegou a ser violento. Gertrudes o havia educado bem nesse quesito e a própria senhora de cabelo de algodão impunha respeito sobre ele, sempre ficando ao lado da nora e dos netos. Só que nem isso era capaz de endireitá-lo, que seguia fazendo besteira. E uma sequência de acontecimentos foi o motor para finalmente romper essa relação de vez.

\*\*\*\*\*

Quando Matheus estava prestes a fazer dois anos de vida, teve algumas complicações devido a uma infecção intestinal. Precisou ser levado ao hospital às pressas, mas a pequena Quitéria não tinha estrutura para atender aquele caso em específico. Então Suzi viajou por mais de sete horas dentro de uma ambulância até a capital Porto Alegre, para que seu filho caçula pudesse ser tratado da maneira adequada e sobrevivesse.

Chegando lá apenas com a roupa do corpo, foi auxiliada pela congregação das Testemunhas de Jeová da região, que a ajudou em tudo que precisou. Passou mais de dois meses dormindo nas cadeiras do hospital e às vezes em algum leito vago que as enfermeiras indicavam para que a mulher pudesse descansar. Enquanto isso Matheus seguia internado na UTI e mesmo que alguns irmãos do Salão do Reino se oferecessem para passar a noite lá, a mãe não saía de perto do filho.

Ao fim da cirurgia as notícias não foram tão boas, os médicos informaram que foi um procedimento muito delicado e que havia exigido muito da criança, então seria preciso uma transfusão de sangue. Por ser Testemunha de Jeová e isso ir contra sua crença, Suzi negou a realização da transfusão. Por mais que os profissionais lhe dissessem que isso causaria a morte de Matheus, a fé da matriarca foi mais forte e ela retrucou dizendo que se fosse da vontade de Deus, seu filho sobreviveria.

Indo contra todas as probabilidades e a base de uma sopa servida por sua mãe todos os dias, a criança permaneceu viva e recuperou-se tão rápido, que mais uma vez, surpreendeu os médicos. E após esse susto e de dias vivendo uma montanha russa de emoções, mãe e filho voltaram para casa. Suzi não via a hora de encontrar o conforto do lar, mas mal sabia ela que se depararia com mais um desventura em seu caminho.

## O horizonte que tanto buscou

Mesmo que sua vida tivesse sido uma constante provação, tendo que lutar desde o primeiro dia para poder sobreviver, a jovem senhora conseguiu rasgar a margem da sociedade com unhas e dentes. Mostrou que não seria uma estrutura patriarcal opressora que a impediria de ascender. Nem que dados em um gráfico, levantados a partir de inúmeras histórias iguais a dela, ditariam seu caminho. Ela teve força, perseverança, determinação e uma chama dentro do seu peito que nada e nem ninguém foi capaz de apagar.

Só que ainda existe um problema muito grave, nem todas as mulheres conseguem passar por isso e sobreviver. Mas Suzi era um ponto fora da curva, uma exceção, que reflete e denuncia uma estrutura que continua presente no cenário brasileiro. E essas memórias que ela traz, são apenas uma pequena parte de uma história que continua atual, e cada vez mais cruel.

\*\*\*\*\*

Suzi voltou para Quitéria esperando encontrar um pouco de paz, mas quando chegou lá foi pega de surpresa pela mais nova peripécia de seu marido. Enquanto ela estava passando dias terríveis dentro de um hospital, lutando ao lado do filho para que ele sobrevivesse, Jorge seguiu aprontando. Naquele meio tempo em que ela esteve fora, ele engravidou outra mulher.

Já havia aguentado coisas demais da parte dele e estava no limite. Após tudo que passou em Porto Alegre, voltar para casa e se deparar com essa situação, foi a última gota. Mesmo que sua crença dissesse que era errado e que a união de um casal deve ser preservada, não pode mais remendar as rachaduras que seu companheiro havia criado. Estava há muito tempo vivendo nesse ciclo, onde Jorge rompia algo e ela precisava ir remendar. Agora tinha fissuras demais e tornou-se impossível continuar tapando os furos, do desastre que virou o casamento, com uma peneira.

Em 1.997, após mais de 10 anos juntos, chegava ao fim a união de Suzi e Jorge. O matrimônio teve seus altos, mas foram muitos baixos para suportar. A mulher partiu com seus três filhos para uma casa próxima, da qual cuidava e que era de um casal de amigos. Eles não moravam ali, só vinham para passar as férias e deixavam a residência aos cuidados da amiga. Lá pensou que seria o recomeço de sua vida com as crianças, mas após o falecimento de Gertrudes, decidiu partir em busca de sonhos maiores.

A senhora do cabelo de algodão morreu em de 1.999 e ela era o motivo que ainda mantinha Suzi ali, pois não queria separar a avó de seus netos. Jorge, que já era ausente, tornou-se ainda mais. A distância só fez com que ele procurasse ainda menos os filhos. Esse abandono foi a sequela que deixou de herança para Matheus, que cresceu sem nunca ter sentido o afeto paterno. Só que mesmo assim, pode contar com o amor da mãe, que deu um jeito de suprir tudo o que precisava.

Partiram então, Suzi e seus rebentos, para Passo Fundo, a cidade mais desenvolvida daquela região e onde ela tinha conhecidos que poderiam lhe ajudar. Acreditava que lá poderia ter uma chance de crescer e dar um futuro melhor aos seus filhos. Viveram lá por cerca de três anos e a matriarca da família fez de tudo. Trabalhou como diarista, copeira, auxiliar de serviços gerais, o que aparecesse ela encarava. Porém, para uma mãe solteira, analfabeta e que cresceu à margem da sociedade, ganhar a vida não era nem um pouco fácil. Decidiu, então, mais uma vez, ir em busca de outras oportunidades, sempre com aquela chama de esperança ardendo no peito.

\*\*\*\*\*

Agora, além de uma mala de roupas, carregava também o sentimento de família. Não lutava mais apenas por ela, mas também por outras três vidas que precisavam que continuasse com aquela determinação, e Suzi continuou. Levou toda sua garra de volta para um lugar conhecido, Porto Alegre. A capital gaúcha era um lugar do qual tinha boas memórias e que lhe tinha

dado um momento de tranquilidade em meio ao inferno que era a sua vida, quando se refugiou na casa dos Saraivas. Além de que mesmo em um momento difícil com seu caçula, conseguiu sair de lá com o coração intacto. Teve fé mais uma vez de que a cidade lhe seria bondosa.

E apesar dos muitos percalços que viveu lá, Porto Alegre lhe concedeu uma última e importante oportunidade, a de voltar a viver um grande amor. Mesmo em meio aquele imenso lugar e apesar de todo o caos, em 2.006 ela encontrou Teodoro, um homem 10 anos mais jovem, mas que tinha e tem até hoje um olhar apaixonado por Suzi, daqueles que só encontramos uma única vez na vida. Permanecem uma ao lado do outro, em cada momento, em cada novo passo, se apoiando e se respeitando, mas principalmente sendo felizes.

\*\*\*\*\*

Os últimos passos que a jovem senhora deu até chegar onde está hoje, foi deixar seu Estado natal e partir, como fez muitas vezes, rumo ao desconhecido. E como sempre, seguiu jogando-se de cabeça, mergulhando fundo e nadando contra qualquer correnteza que tivesse a audácia de enfrentá-la. Já não importava mais qual era o obstáculo, Suzi sabia que era capaz de enfrentar. Por mais que tenham tentado impedi-la de enxergar sua potência, agora ela é inabalável.

Nascida em uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, cresceu sendo tratada como um objeto, teve muitos donos e a maioria deles tiveram as piores atitudes possíveis. Só que mesmo assim, nunca se deixou moldar por essa estrutura social que tentava levá-la cada vez mais para o fundo. Foi aguerrida e enfrentou cada dificuldade como se fosse a primeira, e assim, pode emergir algumas vezes da profundidade, para continuar lutando pelo controle da própria vida.

E sua aventura final rumo ao inexplorado, foi justamente ir em direção ao mar, aquele velho conhecido que há muito tempo não encontrava. E acabou chegando aqui, no litoral catarinense, onde pode estar sentada em

minha frente, abrir as portas de sua memória e mesmo com tudo que guarda lá, pode continuar com um largo sorriso no rosto.

Hoje ela sabe que de todos os horizontes que já avistou, a liberdade é o que mais lhe completa e faz feliz.

FIM!